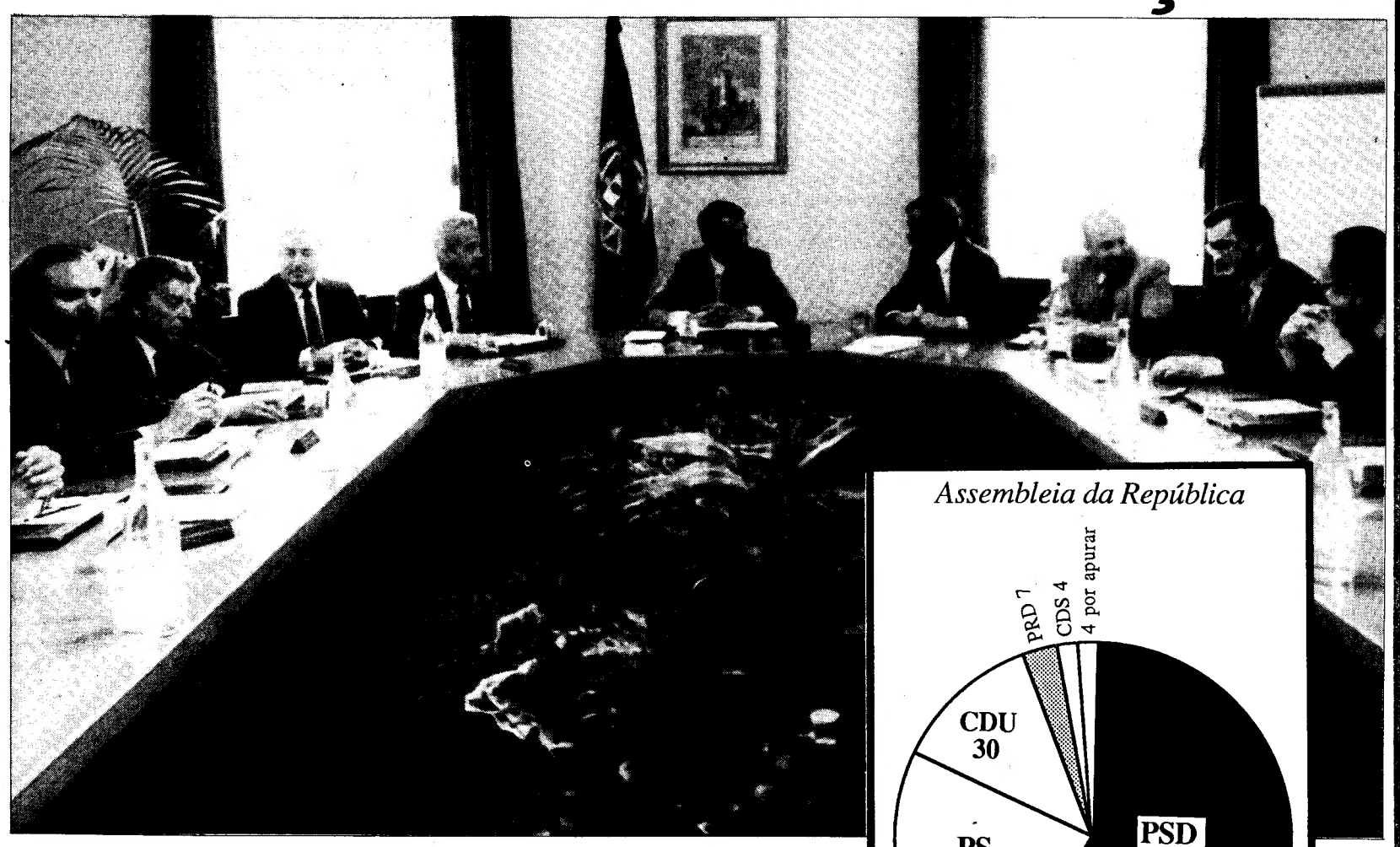
Diário de Lisboa

ANO 67 N.º 22 417 Terça-feira, 21 de Julho de 1987 Preço 40$00

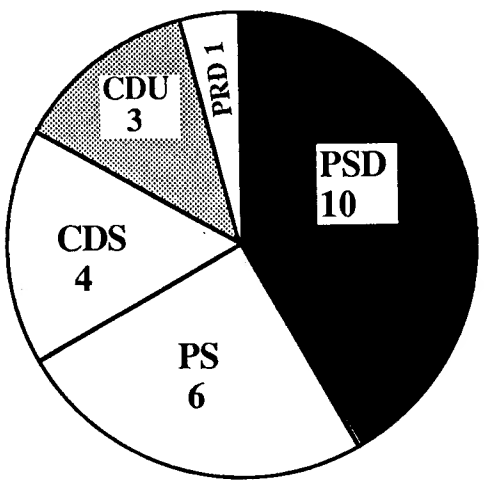
Novo Governo só em Agosto

MAIORIA DE CAVACO "MEXE" NA OPOSIÇÃO



Demissões na direcção do PS
JC examina dissolução do CDS
Comité Central do PCP reunido

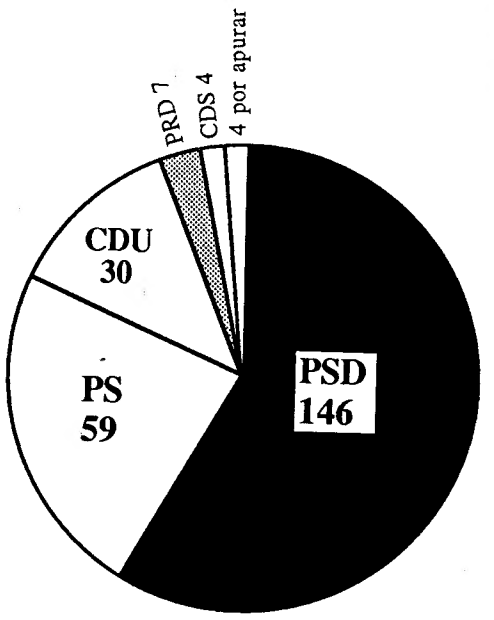
Parlamento Europeu



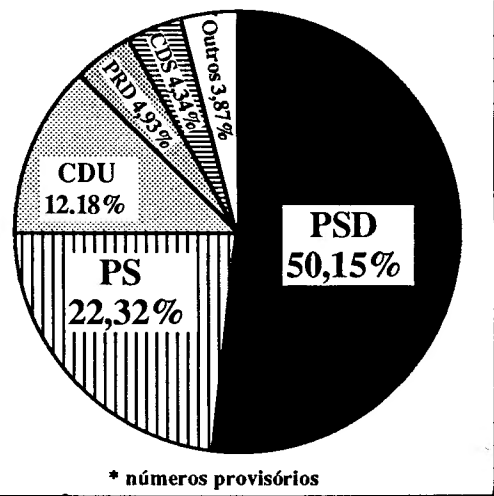
Descontentamento do PS com alguns aspectos da liderança de Constâncio (o que já acarretou duas demissões); posição inédita, e controversa, da Juventude Centrista que se interroga sobre a manutenção do partido: estas as primeiras consequências da vitória de Cavaco Silva nas eleições de domingo. No PCP, regista-se, entretanto, a convocação do Comité Central para análise da nova situação. Enquanto isto, esta manhã, Cavaco Silva convocou o primeiro Conselho de Ministros pós-eleições. No final foi dito que os diferentes ministros fizeram uma exposição sobre os seus sectores, a par de manifestarem o seu contentamente pelos resultados de domingo.

Págs. 2, 3 e 4

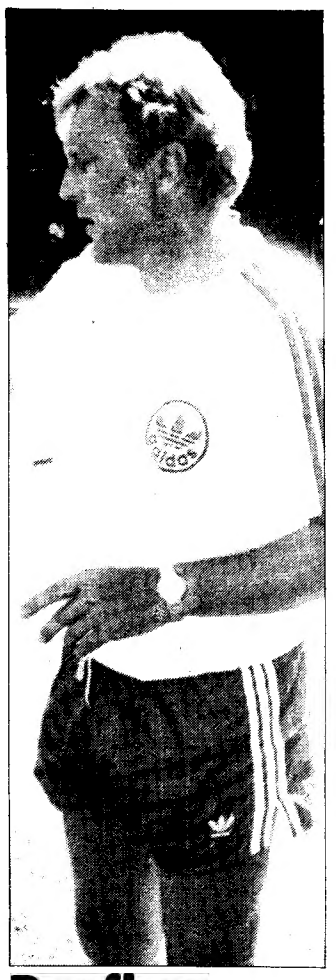
Assembleia da República



Resultados nacionais



* números provisórios



Benfica: comandante Skovdahl tomou conta do "esquadrão"

Depois de ter entrado no Estádio da Luz entre alas de adeptos do Benfica e ter escutado os primeiros aplausos em manifestação de carinho e confiança, o dinamarquês Ebbe Skovdahl começou ontem nova etapa da sua carreira de treinador de futebol ao assistir ao primeiro teste daqueles que ele virá a comandar. Assim, teve oportunidade de observar, na companhia dos seus adjuntos Toni, Eusébio e Jesualdo Ferreira, ao começo do desgaste dos excessos que os futebolistas trouxeram das suas férias.

Pág. 15

Vitória de Cavaco provoca mexidas na oposição

A esmagadora vitória de Cavaco Silva nas eleições de domingo está já a provocar reacções nos partidos, transparecendo desde já divergências no PS e no CDS.

Entre os socialistas, está em causa o o comportamento de Vítor Constâncio, que alguns consideram assentar no «poder pessoal e na hegemonia de uma facção».

Elementos afectos à antiga direcção de Mário Soares, alguns dos quais apoiaram Constâncio na sucessão, acusam-no de ter conduzido uma campanha basicamente com a intenção de promover a sua imagem no interior do partido, seguindo uma estratégia delineada pelos seus conselheiros mais próximos.

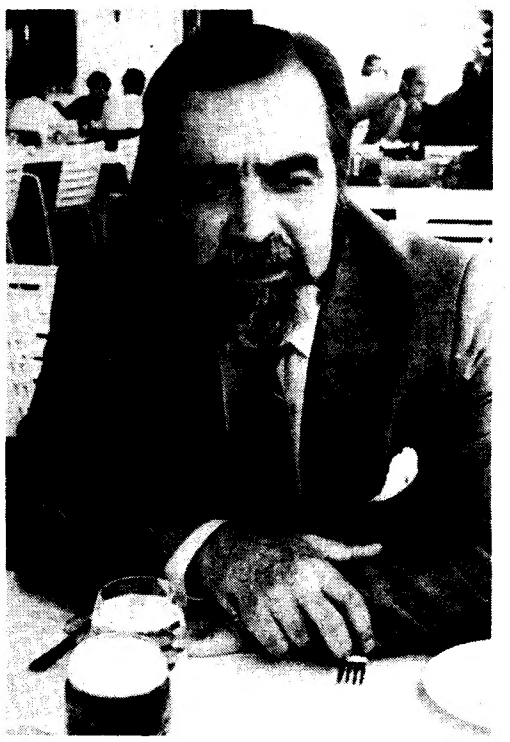
Alegam ainda que, após o conhecimento dos resultados eleitorais, não terá tirado as ilaçõe que se impunham, designadamente quanto à derrota de toda a esquerda, cujos votos, somados, não atingem os que o PS, sózinho, tinha em 1983.

Esta situação, no entanto, não radica apenas nos resultados eleitorais, existindo já durante a campanha.

Assim, Manuel Alegre e Sottomayor Cardia apresentaram no domingo, ao fim da tarde, antes de se saber da derrota da oposição, a sua demissão do secretariado do partido.

A reacção de Vítor Constâncio, não aceitando as demissões e convocado o secretariado para decidir da substituição daqueles dois dirigentes, não agradou a diversos responsáveis do partido, que poderão reagir nos próximos dias.

Também no CDS surgem já reacções da parte da Juventude Centrista que hoje reuniu para se pronunciar sobre se o partido deve ou não continuar a existir.



Para além desta posição, é também conhecida a oposição de alguns dirigentes à liderança de Adriano Moreira, cuja liderança poderá ser posta em causa proximamente.

A situação entre os centristas complicou-se com a votação em Lucas Pires, para o parlamento Europeu, que excedeu largamente a que o CDS obteve ára a Assembleia da República, o que aparentemente aponta para a existência de dois partidos: um, mais pequeno, a nível nacional, e outro, maior, a nível europeu.

A par disto, e enquanto se aguarda saber se Lucas Pires irá ou não reagir no interior do partido, o grupo dos fundadores do CDS manifesta-se descontente com a actual liderança e disposto a exigir a demissão de Adriano Moreira.

Da parte do PCP, onde internamente não se manifestam divergências (pelo menos conhecidas), registe a convocação para amanhã e depois do Comité Central do partido, para apreciar os resultados das eleições de 19 de Julho.

Nersta reunião, segundo anuncia um comunicado daquele partido, irão ser discutidas as incidências na vida nacional dos resultados eleitorais e definidas as tarefas e perspectivas de acção para o futuro.

PSD: a maioria absoluta conquistada à oposição

O PSD obteve 146 dos 246 deputados eleitos pelos círculos eleitorais do continente e regiões autónomas da Madeira e dos Açores. A conquista de mais 58 lugares no Parlamento, subtraídos ao PRD, que perdeu 38 deputados, e ao CDS, que ficou sem menos 18, permitirá aos sociais-democratas passarem a dispôr na próxima legislatura de uma confortável maioria absoluta.

Nas eleições de domingo, a CDU perdeu oito mandatos em relação ao número de parlamentares que dispunham juntos o PCP, o MDP e os «Verdes» de Maria Santos, ficando agora a bancada dos comunistas, apenas, com 30 lugares. O Partido Socialista ganhou, por seu turno, dois deputados, pelo que passará a dispor de 59 representantes na Assembleia da República. À hora do fecho da desta edição ainda não estavam escrutinados os votos dos emigrantes, que dão quatro deputados pelos círculos de fora da Europa e do resto do mundo.

De acordo com os resultados eleitorais, o PSD foi o único partido que elegeu candidatos pelos 20 círculos do continente e regiões autónomas, enquanto o PS só não o conseguiu no distrito de Évora, onde, em 1985, obtivera uma representação. A CDU, por seu lado, elegeu deputados em Beja, Braga, Évora, Faro, Lisboa, Portalegre, Porto, Santarém e Setúbal. O PRD, que nas anteriores eleições conquistara quase todos os círculos, acabou desta vez por obter os seus mandatos a partir dos círculos de Lisboa, Porto, Santarém e Setúbal. Finalmente, o CDS, foi buscar os seus quatro deputados a Lisboa, Porto e Braga.

Vencedores e vencidos

Na capital, o PSD obteve mais 13 mandatos do que em 1985, enquanto os renovadores perderam nove, a CDU dois e o CDS outros tantos. O PS manteve o anterios score :: 12 eleitos. No Porto, o partido de Cavaco Silva conseguiu somar aos anteriores mais dez deputados, enquanto o PS obteve mais um. Quem perdeu foram uma vez mais o PRD (sete), o CDS (três) e a CDU (um).

Em Setúbal, zona de forte influência comunista, os sociais-democratas conquistaram ao PRD os três deputados que haviam ganho em 85. A CDU e o PS mantiveram os seus representantes: sete o primeiro, três o segundo. Em Braga, onde os comunistas conseguiram segurar o seu único deputado, o PSD e o PS foram buscar aos renovadores e aos centristas os mandatos que os dois partidos tinham: três o primeiro, um o segundo.

Os distritos alentejanos foram aqueles onde se verificou uma maior estabilidade na representação parlamentar. Em Beja não houve alterações. PS e PSD mantêm cada um o seu mandato, enquanto os comunistas continuam a dispor de três.

Em Évora, que este ano tem menos um deputado que foi transferido para o círculo de Braga, o PS e o PRD perderam cada um o seu, o PSD obteve um, e a CDU manteve os dois que já tinha em 85. Em Portalegre, tudo ficou na mesma.

Norte da cor de laranja

No norte do país, o PSD conquistou novos mandatos em todos os distritos. Nos círculos eleitorais de Bragança, Vila Real e Viana do Castelo, os sociais-democratas conquistaram mais cinco deputados do que em 1985. No primeiro, o PSD obteve mais à custa do CDS, mantendo o PS o seu único representante. Em Vila Real, o mesmo partidos foi tirar dois aos socialistas e centristas, enquanto em Viana do Castelo o PRD e o CDS voltaram a perder para o PSD. O PS manteve a sua representação.

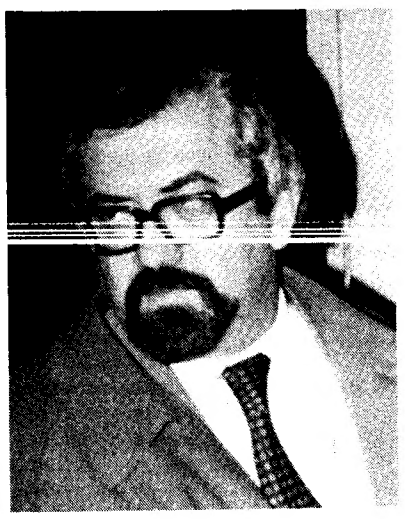
Em Castelo Branco o partido de Cavaco Silva ganhou um e o de Vitor Constâncio ganhou outro. Foi perdedor, uma vez mais, o PRD. Na Guarda, venceu ainda o PSD, elegendo mais dois deputados que foi conquistar ao CDS e ao PS. Em Viseu os socialistas mantiveram o su único lugar, enquanto os sociais-democratas subtrairam ao PRD (um) e ao CDS (dois) os seus representantes.

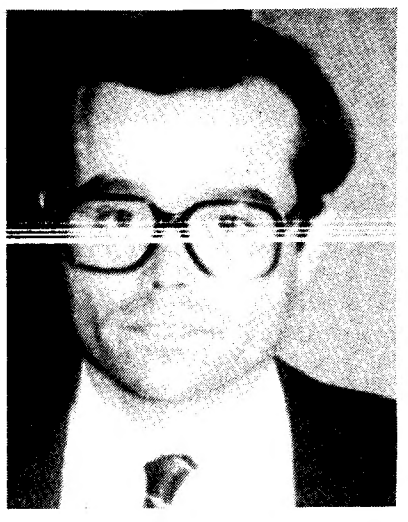
Em Aveiro, o PRD perdeu dois deputados para o PSD, a CDU um e o CDS outro. Em Coimbra, as duas maiores organizações políticas conquistaram mais quatro lugares: três o PSD e um o PS. Perderam o PRD, a CDU e o CDS. Em Leiria, por seu turno, renovadores, comunistas e centristas deixaram escapar para os sociais-democratas os deputados que haviam conquistado em 85.

No Ribatejo, distrito de Santarém, o PSD obeteve três madatos e o PS um, à custa do PRD (dois), CDU e CDS. Em Faro, distrito natal de Cavaco Silva, o PSD ficou com mais dois mandatos e o PS com mais um, que pertenciam ao PRD (dois) e CDU.

Nas regiões autónomas, o PSD ganhou nos Açores o deputado que o PRD ali conseguira eleger e manteve os seus quatro na terra de Jardim.

Obtidos os resultados, conclui-se que o PSD ficou com 146 lugares na Assembleia da República, o PS com 59, CDU com 30, PRD com 7 e o CDS com 4.





PSD LEVA DEZ A ESTRASBURGO

O PSD elegeu dez dos 24 deputados portugueses ao Parlamento Europeu. De acordo com os resultados oficiais, os socialistas conquistaram seis lugares, os centristas quatro, os comunistas três e os renovadores apenas um.

De todos os partidos, o CDS foi, porém, o que obteve um resultado mais espectacular, se se considerar que conseguiu multiplicar três vezes e meia o número de votos obtidos para a Assembleia da República. Aliás, os centristas passarão a ter tantos deputados em Estrasburgo como em S. Bento, o que é caso insólito.

A lista liderada por Lucas Pires somou assim 864.651 votos, mais 621.136 do que os obtidos para o Parlamento português.

O PSD foi no entanto o partido mais votado, conseguindo conquistar para Estrasburgo o voto de 2.100.907 cidadãos. Estes números estão longe dos resultados obtidos pelo mesmo partido para a Assembleia da República, traduzidos numa perda de 714.413 votos.

O PS conseguiu o apoio de 1.261.164 eleitores. A lista liderada por Pintasilgo, ex-candidata à Presidência da República na corrida com Mário Soares, obteve ainda assim mais 9 mil votos do que os resultados finais conquistados pelo partido para a AR.

A CDU foi a quarta força mais votada. Elegeu três deputados com o voto de 646.009 cidadãos. A lista encabeçada por Angelo Veloso teve menos 38.299 votos do que o total dos resultados obtidos pela coligação para S. Bento. O PRD, por seu turno, só conseguiu colocar em Estrasburgo Medeiros Ferreira. Teve quase 250 mil votos e menos 28 mil do que a soma obtida pelo partido para o Parlamento.

Apesar das expectativas criadas em redor da candidatura de Miguel Esteves Cardoso, o PPM não conseguiu obter mais do que a simpatia de 155 mil eleitores, bastantes mais, ainda assim, do que conseguira para a Assembleia da República.

Pedro Santana Lopes, Rui Amaral, Manuel Pereira, Carlos Pimenta, Vasco Garcia, Figueiredo Lopes, Virgilio Pereira, Marques Mendes, Fernando Condesso e Pedro Pinto foram os deputados eleitos pelas listas do PSD. Os socialistas, por sua vez, passarão a ser representados por Maria de Lourdes Pintasilgo, Luis Filipe Madeira, Coimbra Martins, Fernando Gomes, Jorge Campinos e Luis Marinho. Pelo CDS foram eleitos Lucas Pires, Anacoreta Correia, Carvalho Cardoso e Gentil Matins. Angelo Veloso, Joaquim Miranda e José Barros de Moura representarão o PCP. Medeiros Ferraira foi eleito pela lista do PRD.

Reações de Governos e comentários na Imprensa

Efusivas felicitações a Cavaco de Felipe Gonzalez e Thatcher

A generalidade da Imprensa europeia e norte-americana só hoje comenta os resultados eleitorais de domingo passado em Portugal. Mais rápidos foram os telegramas de felicitações ao líder do PSD por parte de alguns chefes de Governo, nomeadamente de Felipe Gonzalez e Margaret Thatcher, do do presidente da comissão europeia, Jacques Delors, e de dirigentes partidários conservadores.

O Chefe do Governo espanhol enviou a Cavaco as «mais sinceras felicitações pelo brilhante triunfo eleitoral» acrescentando esperar que tal resultado permita aos dois responsáveis dos Governos de Lisboa e Madrid «continuar a trabalhar com a maior eficácia, tanto na melhoria das excelentes relações entre os nossos dois países, como na necessária colaboração» na CEE. Gonzalez confirmou ainda a intenção de receber Cavaco antes do fim do ano, no âmbito da próxima cimeira luso-espanhola.

«Magnífica vitória» e «feito notável para o seu partido e para si pessoalmente», são expressões do telegrama da Primeira-Ministra britânica, ainda «particularmente satisfeita» pelo que a vitória de Cavaco Silva representa em mtéria de cooperação com Portugal na CEE e na NATO.

O líder da direita espanhola, Hernandez Mancha, sublinha, na sua mensagem, o «triunfo histórico do centro-direita em Portugal» como sendo «a demonstração, uma vez mais, de que as tendências na Europa se inclinam para fórmulas liberais-conservadoras».

David Owen, líder do Partido Social Democrata inglês, fez declarações em Londres, afirmando-se «muito contente» com os resultados das eleições e com as «relações estreitas» entre o seu partido e o PSD português.

França: futuro com «ratoeiras»

Relativamente à imprensa francesa, «Le Figaro» escreve hoje que Portugal «deu uma volta sem precedentes» e que o triunfo do PSD «não é uma simples vitória de um partido político» antes «marca o aparecimento de uma geração. Aquela que tinha 20 anos em Abril de 1974. Ela víu a geração anterior esbanjar-se na ruína económica e na instabilidade política. Ela quiz que isso acabasse...». o mesmo jornal classifica Cavaco de um «tímido audacioso» e exalta a sua «vontade férrea e a sua capacidade de trabalho».

Outro matutino conservador, «Le Quotidien», diz que Cavaco é o «menino prodígio da direita» e que o eleitorado português votou no homem que em toda a campanha «não cessou de afirmar que o tempo das querelas de partido e de ideologia tinha acabado»

O católico «Le Croix» fala de uma vitória «indicutível» mas acrescenta que o apoio do eleitorado português ao actual Primeiro-Ministro «não é incondicional e não significa necessariamente uma adesão às teses do seu partido». Para o mesmo jornal, os portugueses estão persuadidos de que Cavaco «trabalha para eles».

O socialista «Le Matin» sublinha na primeira página que o futuro poderá reservar «algumas ratoeiras» a Cavaco. «Portugal- escreve o mesmo matutino— continua a ser o país mais pobre da Europa ocidental. O salário mínimo não excede os 23. 500 escudos, os bairros de lata proliferam na periferia de Lisboa e o acesso de Portugal à CEE tem trazido benefícios mais para os novos ricos do que para os pequenos camponeses».

Para o independente de esquerda, «Libération», Mário Soares vai ter de enfrentar um Governo que é a expressão de uma maioria de centro-direita. «Vai ser preciso— escreve — aguentar quatro anos face a um Primeiro-Ministro forte». O «Lib» diz ainda que o sucesso de Cavaco é um «sucesso solitário de um homem que se quer providencial» e refere as previsões de diversos economistas de uma «degradação da conjuntura económica».

«Como reagirão, então, os inevitáveis decepcionados do cavaquismo? Com uma esquerda dividida, minoritária, onde o peso do Partido Comunista continua forte, não nos arriscamos a ver os enfrentamentos, a partir de agora impossíveis no parlamento, passarem para á rua?», interroga-se o «Libération».

O «International Herald Tribune», que se publica em Paris, publica uma foto de Cavaco em destaque na primeira página, di-lo admirador do estilo de governo de Thatcher e comenta que «a sua vitória vai levar pela certa à anulação das cláusulas constitucionais de propriedade estatal, seguida de um grande programa de privatização».

Para o «Le Monde», é «quase uma mudança de sistema político que acaba de se produzir em Portugal» e, acrescenta, os eleitores «exprimiram vigorosamente a sua recusa da instabilidade política». O mesmo jornal considera ainda «corajosa» a atitude de Mário Soares de dissolver o parlamento.

Inglaterra: «avalanche»

Na Imprensa inglesa, o «Financial Times» fala de uma «vitória histórica», ocorrida «pela primeira vez neste século». O «Times» diz que o eleitorado respondeu «esmagadoramente ao tema da campanha de Cavaco para a estabilidade de Governo» e que o país «quer uma liderança forte».

O «Guardian» refere que Cavaco poderá agora alterar a Constituição que, escreve, «apesar de algumas modificações é ainda a mais radical da Europa ocidental».

«Triunfo», «votação plebiscitária» e «avalanche Cavaco», são algumas das expressões usadas pela Imprensa italiana para comentar as eleições de domingo em Portugal.

«Monumento a Soares», propõe «L´Unitá»

«Agora Portugal deverá agarrar pelo rabo a ocasião histórica que lhe é oferecida na bandeja de prata destas eleições», escreve o conservador «Stampa Sera». Para «Il Giornale», resta saber se face às «núvens ameaçadoras do cenário internacional, Cavaco Silva continuará a obter os consensos e conseguirá convencer o país de que a sua política é produtiva e merecedora de ser seguida».

Segundo «Il Messaggero», tratou-se de uma «vitória pessoal do jovem Primeiro-Ministro e um castigo para o PRD» e a «fórmula de coabitação à portuguesa acariciada pelo Presidente da República, Mário Soares, terá contornos muito diferentes do que se previa».

O «Corriere della Sera» diz que a grande vítima destas eleições é o PRD de Eanes e acrescenta que o eleitorado quiz «puni-lo por ter provocado a crise de um Governo que funcionava».

O «Paese Sera», de esquerda, comenta que «Portugal abandonou os cravos» e para o«L´Unitá», orgão do PCI, «perspectivam-se tempos de desforra das direitas, enquanto à esquerda não resta mais que o dever de analisar seriamente, profundamente, as razões desta espécie de plebiscito atribuído a Cavaco Silva e ao seu programa de arquivo das conquistas da Revolução».

«Cavaco Silva — escreve o mesmo jornal—deveria erigir um monumento a Mário Soares que, dissolvendo o parlamento quando podia evitá-lo, dispondo de uma maioria democrática, favoreceu esta viragem da situação».

Na Imprensa belga, «Le Soir», pela escrita do seu correspondente em Lisboa, fala de «acontecimento histórico» e sublinha que «com uma maioria de direita, disposta a eliminar os últimos vestígios da Revolução dos Cravos, Mário Soares deverá desempenhar um papel mais activo, como última trincheira da esquerda» e que «a coabitação entre a maioria presidencial de esquerda e a maioria parlamentar de direita torna-se difícil».

Satisfação nos EUA

«The New York Times» fala da manutenção das «estreitas relações» emtre Lisboa e Washington e acrescenta que a vitória de Cavaco «amplia a oferta de Portugal como alternativa para a colocação de tropas e aviões de combate norte-americanos, se a Espanha mantiver a decisão de ver reduzido o seu número e de mandar retirar a esquadrilha de aviões F-16». O mesmo jornal fala da abertura de Constâncio a uma revisão da Constituição que elimine «a pesada influência comunista».

Para o «Washington Post», que apelida Cavaco de «campeão da iniciativa privada», a revisão constitucional é tema igualmente importante. O correspondente em Lisboa do «Post» acentua, por outro lado, a divisão da esquerda e diz que Eanes e o seu partido foram os grandes derrotados.

Em menos de dois anos, com um Governo pelo meio

PSD SUBIU MAIS DE UM MILHÃO DE VOTOS

Em menos de dois anos, com a liderança do Governo pelo meio, de 6 de Outubro de 1985 para 19 de Julho de 87, o Partido Social–Democrata cresceu mais de um milhão de votos, sendo uma das poucas forças políticas que registou aumentos, a par com o Partido Socialista, do PC(R) e do PCTP/MRPP. A abstenção foi também mais elevada, subindo de 24,63 para 27,36 por cento dos mais de sete milhões e setencentos mil cidadãos inscritos.

Não foi apenas aos novos eleitores, 123.557, que o PSD foi buscar 1.110.072 votos que lhe possibilitaram afirmar–se como a primeira formação política a dispôr de maioria absoluta.

As transferências de votos foram extremamente importantes e decisivas.

No seu conjunto - PRD, CDU, UDP, POUS e PSR - as forças de esquerda perderam 868.052 votos, contra subidas de 59.743 para o Partido Socialista e 5.410 do PC (R). Com estes números, as forças de esquerda perderam, em denfinitivo, 803.899 votos, concluindo–se que houve deslocações de votos das várias formações políticas, incluindo o PS, embora este tenha recuperado ou mantido outros sectores para a esquerda.

No seu terreno, o apelo ao «voto úti» fez com que o PSD tenha recebido 315.355 votos dos centristas e 9.954 do PDC, somando 325.309, faltando no entanto justificar 784.763 votos que possibilitaram o salto de mais de um milhão dos sociais–democratas. O argumento dos novos eleitores, para além de à partida não ter qualquer base, é, também numéricamente inconsistente, pois foram apenas 123.557 os cidadãos que, pela primeira vez, exerceram o seu direito de voto.

Assim, torna–se pacífico que a abstenção foi engrossada pela esquerda e que, comparativamente com as anteriores eleições, sectores de esquerda foram fortalecer o PSD. Embora, por razões sociológicas, a área de maior interpenetração partidária, reconhecida durante todos os actos eleitorais, seja a que engloba o PSD, PRD e PS, daí que tenha partido a maior mobilidade de voto, não deixa de ser verdade que a CDU, em relação á APU e descontando os 32.020 votos no MDP, perdeu 143.891 votos. Admitindo–se que tenham sido atraídos 59.748 cidadãos eleitores pelo discurso de Vitor Constâncio, surgem duas hipóteses, ambas com teórico fundo de verdade: os 84.443 votos perdidos foram para a abstenção e, também, para o PSD...

Precisar os contornos deste fenómeno só será possível através de uma comparação do resultado nos círculos eleitorais e, num caso tal tarefa é relativamente simples. Em Évora, com a abstenção a aumentar 5,21 por cento, a CDU a descer cinco e o PRD a diminuir a sua presença em oito por cento, regista–se, entre as principais formações políticas da esquerda uma perda de 13 por cento, apenas compensada pelos dois por cento de subida do PS. Se, dos 11 por cento que nos sobram, uma parte foi para a abstenção, e como o CDS desceu apenas um por cento, para além da hipótese dos novos eleitores, só resta a mobilidade de voto de todas as áreas da esquerda para justificar os 13 por cento de aumento verificados na votação da lista social–democrata, e que levou o PSD a igualar a CDU em número de deputados...

Beja: PSD confirma segundo lugar

Em relação ao que ontem titulámos sobre o círculo eleitoral de Beja, há que retirar a interrogação colocada. De facto, o PSD guindou–se à segunda posição, com 24,49 por cento, trocando de lugar com os socialistas, que obtiveram 20,23. Sociais–democratas e socialistas confirmaram, com um deputado cada, a sua representação no Parlamento A CDU, por seu lado, confirmou os três deputados, mantendo–se como primeira força política com 38,63 por cento.

As restants forças políticas tiveram a seguinte votação: CDS, 2073, PSR, 1103, UDP, 1.100, PCTP, 1024, MDP, 908, PC(R), 706, PDC, 693 e PPM 403.

Braga: CDS sempre elegeu deputado

Os resultados finalmente completos do distrito de Braga porporcionam uma corecção em relação ao comentário inserido na nossa edição de ontem, quando ainda faltavam apurar três freguesias, e o destino de três lugares no Parlamento.

O CDS sempre elegeu o seu cabeça de lista, Nogueira de Brito, tendo o PSD reforçado a sua posição, com 10 representantes eleitos para a Assembleia da República, o PS alcançado quatro parlamentares e a CDU mantido o seu. Por outro lado, confirmou–se que o PRD perdeu os seus três deputados.

Percentualmente, os sociais–democratas subiram 15,77 e os socialistas 4,10, enquanto que os renovadores desceram13,42, os centristas 6,6. , e a CDU um pouco mais de um por cento.

O resultado das restantes forças políticas foi o seguinte: UDP, 2.600 votos, PSR, 2.105, PDC, 2.051, PPM, 1705, PC(R), 1362, PCTP 1327, MDP, 1.144 e POUS, 1049.

Bragança: nada de novo

Em relação a Bragança confirmaram–se as previsões que ontem fizemos. O PSD continua a liderar no distrito, reforçando a sua posição, e roubando aos centristas o único representante que tinham eleito, perdendo o CDS mais de 9 por cento em relação ao acto eleitoral de 6 de Outubro der 1985.

Os socialistas, que mantiveram o seu deputado, viram também diminuir a sua votação, decrescendo mais de 10 por cento. Embora com valor menos singificativo, o PRD foi «abandonado» por mais de cinco por cento do seue eleitorado, a CDU perdeu 1.941 votos.

Neste círculo, o PDC alcançou 1.105 votos, a UDP 627, o PC(R) 512, o PPM 455, o MDP, 414 e o PCTP 275.

Coimbra: bipolarização confirmada

A bipolarização foi confirmada em Coimbra, onde apenas PSD e PS reuniram capital eleitoral para elegeram deputados à Assembleia da República.

Para tanto, a CDU, o CDS e O PRD perderam os mandatos de 6 de Outubro de 1985 conseguidos naquele círculo, onde os sociais–democratas conseguiram 49,97 por cento, e 11 deputados, e o PS, 28,7 com quatro deputados, elegendo assim mais um do que mas anteriores eleições.

Nas perdas, o PRD sofreu uma quebra de mais de 13 por cento, o CDS ficou reduzido a metade do que tinham e a CDU foi abandonada por cerca de três por cento do eleitorado distrital.

O PPM teve 1.710 votos, PC(R), 1225, PSR, 1102, POUS, 1056, UDP, 1030, MDP, 1024, PDC, 850, e PCTP, 474.

Guarda: deram–lhe cavaco...

Guardados estavam os deputados... para o PSD, o partido mais votado com 59,82 por cento dos votos, elegendo quatro dos cinco deputados que estavam em disputa no círculo da Guarda.

PARTIDOS	VOTOS	%
PSD	2.820.972	50.15
PS	1.255.355	22.32
CDU	685.189	12.18
PRD	277.529	4.93
CDS	244.155	4.34
UDP	50.813	0.90
PSR	33.503	0.60
MDP/CDE	32.020	0.57
PDC	30.729	0.55
PPM	23.164	0.41
PCTP	20.314	0.36
PC(R)	18.022	0.32
POUS	9.120	0.16

Para tal, os sociais–democratas benificiaram com a quebra do PS, que perdeu um deputado, ficando com 21,77 por cento, e com o efeito do «voto útil» a que correspondeu o eleitorado centrista, abandonada a sua escolha de 1985 por mais de 12 por cento, a que correspondeu a perda de um mandato.

No capítulo das quebras, o PRD perdeu mais de oito por cento, e a CDU cerca de dois, enquanto que o PDC teve 1098 votos, o PPM, 636, o PCTP 529, o PC(R) 503, o MDP, 357, a UDP, 318 e o PSR 302.

Porto: laranja com CDU em terceiro

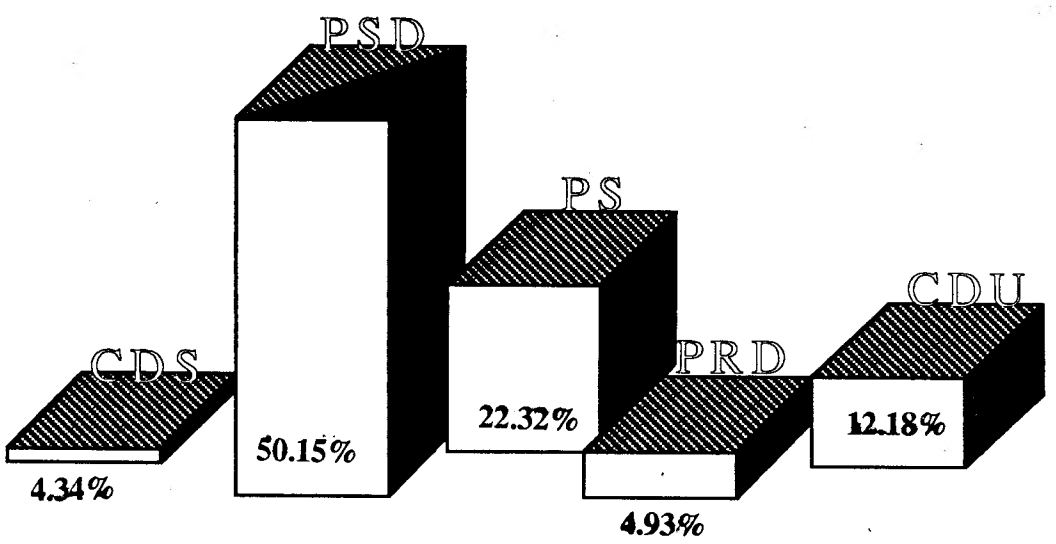
O PSD foi o partido mais votado no distrito do Porto, com uma percentagem de 50,9, elegendo 22 dos 39 deputados por aquele círculo.

Por seu lado, os socialistas elegeram mais um deputado do que em 1985, precisamente Helena Roseta,candidayta independente, obtendo 26,72 por cento.

A CDU é agora a terceira força política no distrioto, com 8,35 por cento, elegendo quatro deputados, menos que dispunha no anterior parlamento, e dos centristas que, de quatro deputados passaram para um.

A UDP teve 6168 votos, PSR, 5.992, MDP, 4166, PC(R), 4085, POUS, 2788, PDC, 2626, PCTP, 2334, 3 PPM, 2298.

um em relação ás eleições anteriores. A aparente contradição deste facto, resulta do descalabro do eleitorado renovador democrático, uma vez que o PRD passou de 12,05 para 4,02 por centos, conseguindo uma cadeira em S. Bento contra as quatro de



Apenas algumas horas
após o fim da votação,
foi possível conhecer
os resultados eleitorais.

Tem sido assim desde 1976,
graças a sistemas
de processamento da informação
cada vez mais sofisticados.

IBM

Da cadeia do Funchal

Metade dos evadidos voltou de livre vontade às suas celas

Três dos seis evadidos do Estabelecimento Prisional do Funchal apresentaram-se voluntariamente às autoridades e voltaram já às suas celas. A evasão de seis dos presidiários da Cadeia do Funchal ocorreu no sábado. Noé Rodrigues da Costa foi o terceiro, ontem à tarde, a apresentar-se no Estabelecimento Prisional da capital da Madeira. Antes ele haviam voltado às suas celas José Henrique Lemos Pinto e Martinho Gonçalves da Silva.

Noé Rodrigues, José Pinto e Martinho da Silva evadiram-se, com outros três detidos durante «a hora da televisão», através de arrombamento de uma porta de ferro, segundo um funcionário daquele estabelecimento prisional.

Com a apresentação voluntária de Noé Costa, detido por acusações que o implicam no assassínio de um motorista de táxi, ocorrido na passada semana na freguesia da Camacha, elevam-se apenas a três os evadidos ainda a monte, como acima se diz.

O comandante da PSP/Madeira, Homem Costa, disse que «os evadidos não têm possibilidades de fuga, dado que foram distribuídas fotografias nos aeroportos e na Ilha do Porto Santo».

As autoridades policiais actuam em função de informações recebidas pelas populações ou através da realização de operações de busca nos concelhos limítrofe à capital madeirense — acrescentou.

Os detidos do estabelecimento prisional do Funchal, ainda a monte, são: José Pedro Ferreira, Arlindo Fernandes Luís e Emanuel Alves da Costa.

Segundo o comandante regional da PSP «os evadidos mais perigosos estão já de novo detidos», depois de se terem apresentado voluntariamente às autoridades.

A fuga ocorreu no sábado à noite, repetimos durante o período de descanso em que os detidos vêem a televisão e, na operação, foi destruída uma fechadura que dá acesso ao exteior da cadeia.

São 500, com as famílias, sem conflitos

CABO-VERDIANOS PASSAM POR LISBOA A CAMINHO DAS MINAS DE LEON

Mais de 500 cabo–verdianos, que trabalhavam em Lisboa na construção civil e em serviços auxiliares, fizeram de Portugal uma ponte e trabalham agora semi–marginalizados nas minas de Leon, como picadores ou ajudantes.

No total, mais de mil cabo–verdianos, a maior parte com família e um reduzido número de solteiros, vivem e trabalham na bacia mineira de Leon, nas localidades de Torre del Bierzo, Villablino e Bembibre.

Cerca de 500 são ajudantes de mineiros, com salários mensais entre 40 mil e 60 mil pesetas (cada peseta vale actualmente cerca de 1,21 escudos), e só muito poucos são picadores, alcançando então de 150 mil a 200 mil pesetas.

Não têm problemas com a população nem com a polícia, que diz que eles não provocam conflitos e são «gente pacífica e trabalhadora», sendo em geral bem tratados pela população, mas formam um pequeno gueto social, com os seus hábitos de vida tradicionais.

Com os portugueses, os mais integrados na sociedade espanhola, e com os paquistaneses, os mais desinseridos, constituem um dos colectivos que nas últimas décadas passaram a ocupar os postos de trabalho que os espanhóis deixaram, ao emigrar para os outros países europeus ou mudar para as grandes cidades.

Os estrangeiros constituem mais de metade da população de trabalhadores mineiros da bacia de Leon.

Chegaram quando havia trabalho em abundância e a exploração do carvão era rentável, mas sofrem hoje as consequências e os riscos da reconversão e da redução da produção mineira de um sistema bastante rudimentar, que predomina na bacia de Leon, onde as empresas são às centenas e os avanços tecnológicos e de segurança continuam elementares, na maior parte dos casos.

Os cabo–verdianos convivem sobretudo entre eles, frequentam pouco os lugares de ócio dos mineiros espanhóis ou portugueses, se bem que todos reconheçam que não há nenhuma atitude de racismo ou discriminação.

Bares para patrícios

Em cada localidade há um ou outro bar de cabo–verdianos para os seus patrícios, onde eles passam as horas de descanso entre os turnos de trabalho nas minas de carvão.

Num bar, em cima do balcão, duas crianças brincam dando saltos. A mãe, Maria de Fátima, esteve dois anos e meio em Lisboa e passa agora o dia inteiro no «Bar Astúrias», adquirido há dois anos por um trespasse elevado, para servir café ou cerveja, e pouco mais.

O bar, semivazio, com pouca luz a recordar o ambiente escuro da mina e a poalha sombria do dia, é o lugar de concentração dos cabo–verdianos taciturnos, que passam os momentos de descanso a jogar às cartas ou aos matraquilhos.

Este é um exemplo entre outros tantos. Nas outras aldeias, em Villablino e Bembibrre, também há bares de cabo–verdianos, que há pouco mais de um ano constituiram a sua associação.

Reconhecem a necessidade de um movimento associativo, não por razões patrióticas ou nacionalistas, mas como factor de solidariedade e luta contra o isolamento num ambiente que, se não lhes é hostil, não reúne nenhuma condição favorável, a não ser a da possibilidade de sobrevivência.

«Viemos para aqui à procura de melhor salário», dizem, quase em uníssono, em atitude desconfiada, reagindo ao facto de serem notícia.

Os cabo–verdianos mineiros de Leon estão entre tantos outros que há anos chegaram do arquipélago a Lisboa mas, depois da experiência portuguesa, deram um novo salto, em busca de um melhor salário.

Vieram clandestinamente até Leon, porque souberam que aqui havia trabalho.

Discriminação nas minas

Tudo começou há pouco mais de dez anos, quando não havia desemprego e os empresários pagavam a taxistas e passadores clandestinos pela apresentação de novos trabalhadores.

Os empregados das minas têm todos contrato de trabalho e segurança social, estão legalizados, mas são discriminados na atribuição de funções no trabalho no interior das minas.

Nos últimos tempos, apesar do número dos imigrantes não ter aumentado, os que já lá estavam experimentaram uma série de dificuldades provenientes da burocracia da documentação de autorização de residência e da renovação dos contratos de trabalho, situação que é aproveitada por alguns empresários ou constitui factor de instabilidade de um grupo já instável, em função da precariedade da sua prórpria situação.

O consulado de Portugal em Leon dá apoio na tramitação da documentação, mas isso é insuficiente para a resolução rápida dos problemas. A situação de alguns «apodrece» à espera das decisões administrativas ou dos papéis «que nunca mais chegam e são mais um factor de ansiedade a que eles estão já submetidos», dizem.

As poupanças reduzidas, «o que sobra, que não é nada», enviam–nas regularmente para a sua terra, onde vão de férias sempre que podem e onde pensam regressarem um dia.

Falam espanhol com os campanheiros espanhóis e portugueses e o crioulo de Cabo Verde entre eles.

Os filhos frequentam as aulas do sistema educativo espanhol, mas não as classes inauguradas em Abril sobre língua e cultura portuguesas.

Não sabem da evolução ou dos acontecimentos políticos em Cabo Verde. «A nossa política aqui é a das minas», dizem, confessando que se sentem esquecidos de tudo e de todos, a não ser para renovar a documentação, o que é dia a dia mais difícil.

Cabo Verde não tem consulado em Espanha, embora haja relações diplomáticas estreitas entre a Praia e Madrid. O embaixador de Cabo Verde em Lisboa, Carlos Reis, representa o seu país junto do governo de Madrid como não residente.

Incerta como o futuro da exploração do carvão é a situação da maior comunidade cabo–verdiana em Espanha, este colectivo mineiro de Leon.

A necessidade da abertura e da frequência de bares como o «Astúrias» e todos os outros, que não são fechados a outros clientes mas que quase só vendem à gente de Cabo Verde traduz bem a situação da semi–marginalidade.

«A Lisboa é que não pensamos regressar, pois aqui ganhamos mais», dizem os que primeiro ultrapassaram a ponte–passaporte da capital portuguesa.

E dizem, com à vontade: «Não temos nada contra os portugueses. Viemos foi à procura de uma vida melhor».

"Numerus clausus" reduzidos em Teatro, Música e Cinema

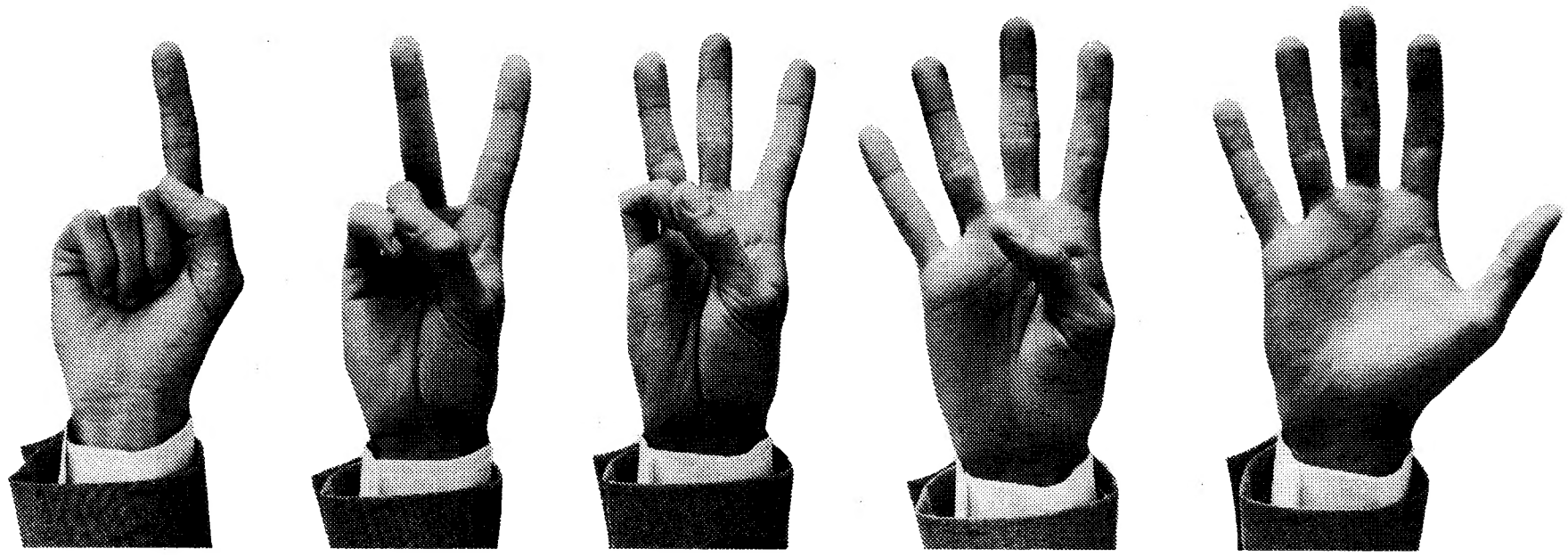
Apenas 6 alunos poderão frequentar no próximo ano lectivo o primeiro ano do curso de bacharelato de Piano da Escola Superior de Música do Instituto Politécnico de Lisboa.

A Portaria 637/87 do Ministério da Educação, hoje publicada no «Diário da República», determina o «numerus clausus» para 87/88 dos cursos do Instituto Politécnico de Lisboa, que engloba as escolas superiores de Dança, Música, de Teatro e Cinema, e do Instituto Politécnico do Porto, constituído apenas pela Escola Superior de Música.

O número de vagas para candidatos à primeira matrícula e inscrição é reduzidíssimo, sendo o maior o do curso de Teatro, em que 35 vagas estão abertas. Segue-se o curso de Dança com 30 vagas, o de Cinema com 20, Realização Plástica do Espectáculo com 15 vagas, e na Escola Superior de Música de Lisboa o curso de Composição com 8 vagas, Canto com 6 e os restantes — Cravo, Violino, Violoncelo, Flauta, Oboé e Clarinete, com 5 vagas.

Na Escola Superior de Música do Instituto Politécnico do Porto as vagas são as seguintes: Flauta, 6, Piano e Acompanhamento 8 e Composição, 8.

CINCO VEZES MAIS PERTO DE SI



CASTELO BRANCO | PORTIMÃO | AMADORA | LISBOA | SANTANA

Cinco novos postos de abastecimento.
Cinco novos pontos de contacto com os nossos clientes
em apenas oito semanas.
Uma maneira única de crescer
e de continuar esse crescimento no futuro.
Esta é a dinâmica BP!
Mais serviço, melhor serviço.

ATRÁS DA BP AVANÇA O FUTURO

BP

Praça Marquês de Pombal, 13 — 1200 Lisboa — Telefone: 53 95 31 — Telex: 12551

No mais demorado processo militar ocorrido desde o 25 de Abril

OS DEZANOVE OPOSITORES DE JAIME NEVES FORAM AMNISTIADOS EM SANTA CLARA

Manuel Geraldo

Considerando extinto o procedimento criminal contra todos os réus, face à Lei da Aministia aprovada em Novembro de 1979 na Assembleia da República, o 2.º Tribunal Militar Territorial (2.º TMT), presidido pelo coronel de Infantaria Xavier Coelho, absolveu ontem à tarde em Santa Clara os 19 ex-militares do Regimento de Comandos da Amadora (eram 20 antes da morte em Outubro passado do 1.º sargento Branca), acusados de, na madrugada de 31 de Julho de 1975, terem procurado afastar o coronel Jaime Neves da liderança da unidade, substituindo-o pelo coronel Leal de Almeida.

Ora doze anos passados (face ao Direito Internacional o prazo máximo razoável entre a ocorrência dos factos e o julgamento não deverá exceder os cinco anos) o Tribunal reconheceu finalmente que os réus agiram «por motivos políticos» e que «nenhum deles procurou assumir o comando», tendo ainda concluído que «em nenhum momento que decorreu a acção foi exercida coacção física sobre os detidos».

De referir que, durante as alegações finais, a acusação, pela voz do controverso promotor de Justiça, coronel de Cavalaria Mário Cabedo, requerera a condenação de todos os arguidos, com excepção do cabo Adamastor Pereira, apenas pelo facto de e te ter aceitado voltar a prestar declarações na «2.ª volta» do pleito, ao passo que a defesa reivindicara a sua absolvição global, com base na Lei da Amnistia.

Enquanto isto, Jaime Neves voltou a gerar polémica ao afirmar textualmente a semana passada ao semanário «O Jornal»: «Não tenho qualquer responsabilidade naquilo, e, por isso, é-me completamente indiferente que façam 20 ou 30 julgamentos. Estou-me a borrifar para o caso dos Comandos».

Quanto a Mário Cabedo, ao ser confrontado com a amnistia de todos os réus, dise não pretender apresentar recurso para «não lançar mais achas na fogueira», depois de no decorrer das alegações ter frisado que se os mesmos fossem absolvidos «isso provaria que, desde o princípio, estava tudo errado no processo».

Juiz Hugo Barata e Ricardo Durão

Mas fazendo um pouco de história sobre este processo (o mais demorado nos anais da jurisprudência castrense desde o 25 de Abril de 1974), recordamos que, em fins de Agosto de 1975, os réus foram ouvidos em declarações no Regimento de Infantaria Operacional de Queluz. Em 1976 e 1977, no 2º TMT, foram novamente ouvidos pelo instrutor do processo, o tristemente célebre juiz Hugo do Amaral Barata, responsável pela absolvição de dezenas de «pides» em Santa Clara. Em Maio de 1978, os arguidos foram presos (alguns com grande aparato militar), através de mandados de captura emitidos pelo referido juiz Barata. A prisão manteve-se durante cerca de ano e meio, primeiro como preventiva, e depois justificada pela pretensa gravidade da acusação que sobre eles pendia, designada pomposamente por «insubordinação e coligação armada», mesmo ainda antes do despacho de pronúncia. Durante o julgamento, o coronel Jaime Neves confessaria ter sido ele próprio a ordenar ao juiz Barata a detenção dos réus.

A manutenção da detenção dos arguidos na Casa de Reclusão da Região Militar de Lisboa, na Trafaria, durou até 31 de Julho de 1979 aposo tribunal, onde pontificava o juiz Barata, ter sido considerado incompetente para a instrução do processo, já que este o deveria ter remetido desde o início para a Polícia Judiciária Militar (PJM), a funcionar na dependência do Estado-Maior-General das Forças Armadas.

Finalmente, em princípios de 1981 a PJM consideraria os factos ocorridos em 31 de Julho de 1975 no Regimento de Comandos da Amadora como inseridos na vasta constelação de acontecimentos que acabaram por desembocar no 25 de Novembro de 1976, apontando claramente para que aos réus fosse aplicada a Lei da Amnistia tal como em Junho de 1985 o 2º TMT acabaria por reconhecer, no acórdão relativo ao 1º julgamento, mandado posteriormente anular pelo Supremo Tribunal Militar (STM), na sequência do discutível recurso apresentado pelo comandante da Região Militar de Lisboa, general Ricardo Durão.

Tribunal dos Direitos do Homem

Aqui chegados, prometemos voltar proximamente ao assunto, com um trabalho destinado a escalpelizar os contornos menos nítidos deste processo ainda longe de estar concluído dado que a solução encontrada pelo 2º TMT (ao amnistiar e não absolver os réus), para além de ainda poder vir a merecer recursos por partte da defesa ou do novo comandante da Região Militar de Lisboa, general Nascimento Lucena, impede os réus de reivindicarem indemnizações por danos morais e retroactivos, bem como no caso do alferes Baptista, o único ainda no activo, a possibilidade de exigir a promoção ao posto de capitão a que, por antiguidade, tem direito. Sendo deste modo possível que muitos deles venham a solicitar a intervenção do Tribunal Europeu dos Direitos do Homem.

Sede do Partido Socialista foi apedrejada no Cacém

A sede do Partido Socialista do Cacém foi apedrejada durante a noite de ontem por desconhecidos, sofrendo danos materiais. A GNR daquela freguesia do concelho de Sintra foi chamada ao local tendo verificado que as pedras lançadas partiram vários vidros da porta e das janelas do edifício, naquela altura sem ninguém no seu interior.

Três raparigas feridas por foguete em Grândola

O rebentamento prematuro de uma bomba de foguete atingiu anteontem à noite, em Grândola, três raparigas que tiveram de ser conduzidas para o Hospital de Santa Marta, em Lisboa, onde ficaram internadas com ferimentos nas mãos e no rosto. De acordo com a GNR daquela localidade alentejana do distrito de Beja, a identidade das vítimas é a seguinte: Carla Sofia Miguéis, de 14 anos, Ana Sofia Guerreiro, de 12 e Maria Margarida Espada, de 11.

Suicida de barco do Barreiro deu à costa na Caparica

Junto às instalações da Shell do Monte de Caparica deu à costa anteontem à tarde, o corpo do jovem que, na manhã da passada quarta-feira, se lançara ao rio Tejo quando viajava de Lisboa para o Barreiro a bordo do barco fluvial «Minho».

Trata-se, tal como na altura noticiámos, de Manuel Luciano Martins, de 27 anos, solteiro, nascido em Melides, Grândola, que neste momento frequentava um curso de formação para electricista, na Amadora, depois de ter saído de uma cura, por excesso de consumo de droga, no Hospital Miguel Bombarda. Antes trabalhara em Tróia, tendo chegado a obrigar os pais a sair de casa, devido a agressões por ele praticadas.

O suicídio de Manuel Luciano poderá estar relacionado com os fracos resultados obtidos no curso da Amadora.

Totoloto: 62 381 contos para estudante de Felgueiras

Um estudante anónimo de Felgueiras vai receber 62 381 contos por ter sido o único apostador a acertar na «chave» do Totoloto de sábado passado (5, 6, 14, 18, 26, 41 + 21). Os escrutinadores da Santa Casa da Misericórdia apuraram, entretanto, onze concorrentes com o 2.º prémio (134 209 contos), 712 com o 3.º (52 568 contos), 45 062 com o 4.º (1218 escudos) e com o 5.º 837 505 (98 escudos).

Quanto ao Totobola foram encontrados 71 jogadores com treze apostas certas (prémio de 77 556 escudos), 1528 com o 2.º (3603 escudos) e 15 229 com o 3.º (361 escudos).

TIGO DE FUNDO

Mário Castrim

Fui sempre, desde que me lembro, um político precoce.
Tinha eu cinco anos, enquanto os outros ainda bricavam aos polícias e ladrões, já eu pensava em ser ministro. Aos oito, eles faziam redacções, enquanto eu fazia discursos. Aos dez, a malta sonhava com o Ali Babá e os 40 ladrões, mas eu, eu, eu já sonhava com a classe política!
Pensavam, eu reflectia. Inquiriam, eu interpelava. Saíam, eu deslocava-me. Desenvolviam, eu fomentava. Eles falavam em seu nome, eu falava em nomes deles. Quando diziam **eu**, *queriam dizer apenas* **eu**. *Mas eu, quando dizia* **eu**, *dizia sempre mais* **eu** *do que eu próprio pensava. Algum seria o chefe, o xerife, o patrão, o boss: eu era o líder.*
Ao regulamento, eu opunha um programa. Às férias, chamava eu diáspora. Tinham a mesada, eu tinha orçamento. Eles iam a convívios, eu ia a banhos de multidão. Havia quem tivesse presença, eu tinha personalidade. Reparem: nesta crónica, eu já disse 24 vezes **eu** *— com esta são 25. Eu sempre fui, pois, um predestinado.*
Ser político pois, para mim é uma indeclinável vocação. Pertencer à classe política, eis não apenas uma vontade, mas uma fatalidade. Se sou profundamente democrata é por reconhecer que é em democracia que melhor me realizo. Mas se não houvesse democracia, o meu instinto político acabaria por achar uma solução para que a classe política pudesse continuar a contar comigo. Tenho colegas de bancada que efectuaram o percurso inverso e não se sentem agora de maneira nenhuma defraudados. Antes pelo contrário.
Mas sinceramente, dou-lhes um conselho: não queiram seguir esta carreira. Provoca um **stress** danado. Continuem com a vida simples, calma, fora deste bulício infernal. Sejam humildes, cordatos, bons vizinhos, bons chefes de família.
Trabalha, leitor, enquanto eu penso e resolvo por ti. Se alguém tem de se sacrificar, sacrifico-me eu. «God bless me!»

Editada a Carta Europeia da Autonomia Local

A «Carta Europeia da Autonomia Local» acaba de ser editada em brochura pela secretaria de Estado da Administração Local e Ordenamento do Território.

A iniciativa, que se enquadra nas comemorações oficiais do décimo aniversário das primeiras eleições autárquicas ocorridas em 1976, refere-se ao ponto culminante de toda uma série de trabalhos e deliberações do Conselho da Europa, contendo os princípios reconhecidos por todos os Estados membros.

A elaboração do documento ocorre depois de, em 1957, o Conselho da Europa ter reconhecido a importância das autarquias locais e, nessa medida, ter criado a Conferência permanente dos Poderes Locais e Regionais da Europa.

No âmbito daquela Conferência, através da resolução 64 de 1968, foi proposta uma Declaração de princípios sobre a autonomia local e convidado o Comité de Ministros do Conselho da Europa a proceder à sua adopção.

No entanto, em 1981, entendeu-se que uma simples Declaração de princípios não traduziria apropriadamente a importância e a natureza das atribuições que recaem sobre as autarquias locais e, a consequência do consenso obtido foi a apresentação à Conferência dos Ministros Europeus responsáveis pelas Autarquias Locais, do projecto da Carta Europeia de Autonomia Local, adoptada em reunião ocorrida em Roma, em 1984.

Os princípios consagrados na Convenção têm expressa cobertura na ordem jurídica portuguesa, seja a nível constitucional, seja a nível da legislação ordinária.

Tratamento de águas residuais em Esposende

A Estação de Tratamento de Águas Residuais (ETAR) que vai ser construída entre Fao e Esposende, junto à ponte que liga as duas localidades, custará cerca de 40 mil contos, segundo revelou a presidente da Câmara, Clementina Torres.

De acordo com a autarca, o concurso para a construção da ETAR vai ser lançado em breve, esperando a Câmara que a obra seja comparticipada pelo Fundo Europeu para o Desenvolvimento Regional (FEDER).

Segundo a presidente do Município, há notícias de apoio daquele fundo comunitário, mas a poluição provocada pelas ligações clandestinas à rede de drenagem das águas pluviais não permite mais delongas, pelo que a construção de Tratamento de Águas Residuais tem mesmo de iniciar-se em breve.

Câmara de Lisboa limpa a cidade

A Câmara Municipal de Lisboa iniciou ontem às 6 horas uma operação de limpeza da propaganada eleitoral nas ruas da capital.

De acordo com o comunicado da edilidade, «a operação de grande envergadura» surge depois do Município ter sido impedido «antes e no decurso da campanha eleitoral de exerecer, na sua plenitude, os inalienáveis direitos de zelar pela limpeza e boa imagem da cidade e da segurança das pessoas e bens».

«Os cutos desta operação», prossegue o texto, «estão estimados em cerca de 50 mil contos, a suportar pelo erário público, pelo que o presidente da Câmara faz um apelo ao sentido cívico de todos os partidos políticos para que colaborem com a sua edilidade removendo as respectivas peças de propaganda, aliviando, deste modo, o grande esforço em meios humanos e financeiros que está a ser pedido aos serviços municipais».

A operacão de limpeza, cujos custos finais rondarão os 50 mil contos, tem duas vertentes principais: a retirada de faixas e panos, fase ontem iniciada, e uma segunda que consta da retirada da propaganda colada e que, de acordo com os responsáveis, demorará cerca de dois a três meses.

Recorda-se que, mais uma vez, a propaganda eleitoral foi tema de discórdia entre o presidente da Câmara Municipal de Lisboa e os Tribunais.

Bombeiros de Setúbal

CÂMARA DIZ QUE VAI PAGAR PARTE DA DÍVIDA À EDP

A Câmara de Setúbal comprometeu-se a pagar parte da dívida dos Bombeiros Voluntários de Setúbal à EDP-Electricidade de Portugal. A decisão foi tomada ontem, dia em que expirava o prazo para que os BV de Setúbal chegassem a acordo com aquela empresa pública sobre o pagamento de um milhar e meio de contos em dívida pelo fornecimento de energia.

Uma comissão composta pelo presidente da Associação dos Bombeiros Voluntários de Setúbal, Almada Contreiras. O comandante do corpo activo, Fernando Rodrigues, e o associado Mário Guilherme reuniu-se ontem de manhã com o vereador do pelouro dos bombeiros da Câmara Municipal de Setúbal, Sousa Pinto, que lhes transmitiu a decisão do município.

No final da reunião, Almada Contreiras disse que «a situação foi desbloqueada com a colaboração da Câmara Municipal que já acordou com a EDP o pagamento de 600 contos».

Segundo Almada Contreiras «para o restante da dívida existe o compromisso perante a EDP de que os bombeiros tudo irão fazer para as futuras amortizações». O comandante do corpo activo, Fernando Rodrigues, disse que «a partir de 1 de Agosto serão os bombeiros que mensalmente pagarão toda a energia».

Para o vereador Sousa Pinto «conseguiu-se uma plataforma de acordo e assim a luz não será cortada aos Bombeiros Voluntários de Setúbal. Acrescentou que irá propor ao executivo medidas tendentes a que situações semelhantes não voltem a ocorrer».

A dívida dos BV de Setúbal à EDP repõe a polémica questão dos débitos dos Municípios à Electricidade de Portugal-EP. A sua regularização foi objecto da resolução do Governo 42/86, de 23 de Maio, encarregando uma comissão de estudar as formas possíveis para ultrapassar este problema.

Não é bem a situação que se coloca face ao compromisso que a Câmara de Setúbal assumiu para pagar uma prestação — a primeira — de 660 mil escudos referente à dívida dos BV setubalenses.

CM de Coimbra desafia EDP

A Câmara Municipal de Coimbra sustenta que a EDP deveria assumir parte dos encargos de iluminação pública do concelho «como herdeira que é das estruturas dos serviços municipalizados» do sector.

A questão da dívida camarária à EDP foi abordada a propósito dos juros de mora que a empresa pretende cobrar-lhe. A edilidade afirmou que a EDP deve quantificar o rendimento da exploração da rede de baixa tensão com vista à avaliação do montante devido pela Câmara.

Na sessão de ontem do município foi também deliberado empreitar por sete mil contos a elaboração de projectos para duas passagens superiores sobre o caminho-de-ferro, no lugar de Bencanta, em cuja construção a CP irá participar.

As resoluções 41/86 e 42/86, ambas publicadas no «Diário da República» de 23 de Maio, visam solucionar o velho problema das dívidas dos Municípios à EDP, que em 1985 atingiam 156 milhões de contos. Curiosamente, são as populações dos Municípios em dívida as que pagam uma taxa inferior de electricidade, a qual tem dois preços neste país.

Belmonte, Castanheira de Pêra, Covilhã, Alcobaça, Valongo, Porto de Mós, S. João da Madeira, Penafiel, Porto, Maia, Paredes, Gondomar, Figueiró dos Vinhos, Leiria, Miranda do Corvo, Gondomar e Nazaré são os dezassete Municípios em dívida à EDP, cujas populações têm o quilovátio a um preço inferior ao que é regra geral em Portugal e constituem uma excepção a que a primeira das duas resoluções acima referidas visa pôr termo.

Já passou mais de um ano, quando a resolução de cobrança das dívidas à EDP estabelecia dois meses para o facto, e tudo continua como dantes. Foi inclusive constituída uma comissão, coordenada pelo Ministério da Indústria e Comércio, para apresentar propostas no sentido de recuperar os créditos atrasados dos Municípios à Electrcidade de Portugal.

Mas a Electricidade de Portugal — EP pouco tem feito para evitar críticas dos Mnicípios à sua missão. O problema de Coimbra não é isolado: o da Maia (um dos dezassete atrás mencionados) queixa-se de que a EDP não tem feito as ligações a novos postos.

Costa alentejana quer "bandeira azul" da CEE

Foi já feita a selecção das praias alentejanas candidatas à «bandeira azul» da CEE, galardão que distingue as praias que disponham da melhor qualidade de ambiente, acessos e parqueamento, entre outros itens.

«Possuindo a Costa Alentejana uma extensão total de cerca de 140 quilómetros, dos quais 70 de praias arenosas e, sendo estas, locais predilectos e com grande capacidade de suporte para o recreio e lazer das populações, interessa de facto realçar as que dispondo de condições naturais priveligiadas, possuem também condições vantajosas de utilização compatibilizada com a manutenção e valorização da qualidade ambiental», sublinha um comunicado da Comissão de Coordenação da Região do Alentejo.

Onze praias candidatas

Na iniciativa, na qual colaboram as autarquias de Grândola, Santiago do Cacém, Sines e Odemira, as capitanias de Sines e Setúbal, e os postos de turismo da zona, foram já seleccionadas as 11 praias que se candidataram ao galardão comunitário.

Assim, as praias de Troia-Mar, Troia Galé e Comporta, no concelho de Grândola, juntaram-se às de Vasco da Gama, S. Torpes e Porto Côvo, de Sines, e às de Vila Nova de Mil Fontes, Almograve, Zambujeira do Mar e Odeceixe, de Odemira, na procura da «bandeira azul».

Um caso curioso, e objecto de uma reportagem do «DL», prende-se com Porto Côvo que, depois da descarga de crude que a afectou há alguns meses, recuperou rápidamente, apresentando agora níveis de poluição inferiores aos itens da Comunidade Económica Europeia.

No entanto, a Comissão de Coordenação da Região do Alentejo apela também aos utentes das praias de quem «se espera uma participação responsável para um mar português melhor e para que às bandeiras azuis que vierem já este ano a flutuarem nas praias alentejanas se juntem, no próximo ano, muitas mais, o que significará, não só a manutenção e valorização da qualidade das já distinguidas como o reconhecimento de que outras possuem também condições ambientais positivas merecedoras de realce».

Campanha nas praias algarvias

A «campanha das praias limpas», iniciativa a nível nacional, integrada no âmbito do Ano Europeu do Ambiente, vai centralizar-se no Algarve nas praias do INATEL, em Albufeira, e na de Armação de Pera.

A campanha, que no Algarve se vai desenvolver de 26 de Julho a 1 de Agosto, é promovida a nível local pela Direcção Regional do Ambiente e Recursos Naturais, com o apoio da Região de Turismo.

Esta iniciativa visa também divulgar os objectivos do Ano Europeu do Ambiente, do significado da «bandeira azul» da Europa, para além de sensibilizar os frequentadores das praias para os problemas do ambiente.

Neste âmbito, o organismo promotor da campanha a nível regional vai instalar tendas nas praias do INATEL e de Armação de Pera, onde estarão patentes exposições de trabalhos relativos ao tema do ambiente e que servirão também de base a uma campanha de sensibilização dos banhistas.

Paralelamente, serão promovidos jogos destinados aos mais jovens e inquéritos aos frequentadores daquelas praias sobre temas relativos à sua preservação, que serão posteriormente enviados para Bruxelas.

FÉRIAS DE SONHO «87»
— TURISMO DE QUALIDADE —

VALÊNCIA – BARCELONA – ANDORRA
De 26 de Julho a 1 de Agosto — 43 400$00
ASSEGURADA — LINDA VIAGEM VISITANDO TAMBÉM MADRID

MADRID – ANDORRA
De 26 a 30 de Julho — 43 400$00
VISITAS A HOTÉIS DE •••• ASSEGURADA

NICE – CÔTE D'AZUR – MÓNACO
De 6 a 16 de Agosto — 85 500$00
ASSEGURADA — VISITANDO MARSELHA – ANDORRA – MADRID

MARROCOS IMPERIAL
De 2 a 11 de Agosto — 73 900$00
ASSEGURADA — POR TANGER, RABAT CASABLANCA, FEZ MARRAKECH, ETC

BENELUX – PARIS – VALE DO RENO
De 9 a 23 de Agosto — 138 900$00 (ASSEGURADA)

PARIS – LOURDES – ANDORRA
De 25 de Julho a 4 de Agosto e 1 a 11 de Agosto
ASSEGURADAS 86 900$00 BONS HOTEIS

LOURDES – ANDORRA
De 2 a 8 de Agosto — ASSEGURADA — 48 800$00
VISITANDO S. SEBASTIAN, TORRECMDAR, ETC.

NORTE MARAVILHOSO
De 1 a 7 de Agosto — 33 300$00
ASSEGURADA VISITANDO TODO O NORTE E NORDESTE

CONSULTE O N/ CATÁLOGO «87»

LUSANOVA TURISMO
AV. JOÃO XXI, 9-A - M. MONIZ, 6-A - TEL. 89 43 11 89 44 80

Norte-americano que foi conselheiro do xá

ROUBARAM-LHE 11 MIL CONTOS DE ARTE MAS QUER FUNDAR UM "MUSEU DALI"

Um norte-americano de origem Arménia, vítima recente de um dos maiores roubos de obras de arte ocorridos este ano em Portugal, projecta abrir em Lisboa uma sala de exposições dedicada a Salvador Dali e à nova pintura portuguesa. Onik S. — que pediu para não revelar o seu apelido, embora o seu nome e foto constem do «Who's Who» norte-americano — não se afirma muito penalizado com o roubo de que foi vítima a semana passada no qual perdeu três quadros avaliados em 11 000 contos.

«Se me tivessem levado esta madona de Dali» — diz apontando para um dos inúmeros quadros que ostentam as paredes da sua principesca residência de Lisboa — «então ter-me-ia sentido destruído».

De facto, uma série de obras de arte muito mais valiosas decoram a casa que há dois anos comprou em Lisboa, desde um Rubens a um Rembrandt, passando por ícones russos do Século XVI incrustados em prata.

Ex-conselheiro para as belas artes do xá da Pérsia, primeiro dançarino do ballet nacional da Pérsia e «protegé» de Salvador Dali durante cerca de 20 anos, Onik S. descobriu em 1980 uma paixão por Portugal, em cuja capital deseja instalar uma sala de exposições dedicada ao pintor catalão.

«Pensei inicialmente abri-la em Nova Iorque, onde estou com mais frequência, mas depois pensei: para quê? Mais uma galeria entre tantas outras? Seria apenas mais uma árvore no meio da floresta», conta este coleccionador e negociante de arte.

«Pretendo por isso criar um Museu Dali em Lisboa, onde há, actualmente gente tão talentosa — mas com tão poucas oportunidades — que penso que a cidade se poderá tornar num dos maiores centros de arte do mundo», afirma.

«Porei neste projecto alguns milhões de dólares e não tenho dúvida que outros me acompanharão. Gostava que o Governo português me proporcionasse algum velho palacete que eu remodelasse, equipando-o com salas de trabalho e de exposições permanentes dos novos pintores portugueses», promete.

«Garanto que o museu será espectacular, as pessoas ficarão encantadas com ele», diz este especialista em Dali, cujo trabalho dos últimos 5 anos tem sido organizar o primeiro dicionário de toda a obra do artista espanhol, de quem possui várias obras.

Projecto ainda não foi apresentado

Entre outros trabalhos, Onik S. escreveu «As Minhas Memórias com Salvador Dali».

Interrogado sobre se o projecto do museu já foi apresentado a entidades oficiais portuguesas, como por exemplo à secretária de Estado da Cultura, Teresa Gouveia, este reputado especialista em culinária confessa: «ainda não. Mas ouço falar muito bem dela e estou a pensar se não seria uma boa ideia convidá-la para jantar e falar-lhe nisso».

Este compatriota de Gulbenkian e mecenas em potência afirma-se entusiasmado com o projecto e pouco preocupado com os investimentos. Lamenta apenas ter, há cerca de uma semana, deixado entrar em casa um jovem desconhecido com sotaque brasileiro que, apesar dos sistemas de segurança electrónica, saiu de manhã pelas escadas de serviço com três telas debaixo do braço.

Trata-se de telas com dimensões reduzidas, cujas fotografias já entregou à Política Judiciária: um «Narcisse», de Virgílio Diaz de La Pena (1808-1878), um ícone italiano do século XVI (uma madona com o filho), e uma natureza morta do pintor americano Carducius Ream (1837-1917).

Devido à escolha do autor do furto, Onik S. pensa que se trata de alguém «que cedeu à tentação do momento, sem premeditação».

«Talvez alguém que estivesse desesperadamente a precisar de dinheiro. Alguém que precisasse de comprar droga, não sei. Se é esse o caso, pode aparecer à vontade que darei qualquer coisa para ter os quadros de volta», diz.

Foi, aliás, por isso que pôs num jornal diário de Lisboa um educado anúncio pedindo que contacte com ele «a pessoa que por brincadeira levou três quadros».

Só que já lá vai quase uma semana e o visitante de uma noite ainda não deu sinal de si.

Doutoramento em Economia Pecuária

Concluiu as suas provas de doutoramento em Economia Pecuária a dr.ª Maria Ana Rendeiro Marques, perante um júri constituído pelo vice-reitor da Universidade Técnica de Lisboa, prof. doutor Alfredo Jorge Silva, que preside, e pelos professores: Doutor António Manuel Pinto Barbosa, Doutor José Luís Ferreira Mendes (ambos da Universidade Nova de Lisboa), Doutor Manuel da Cruz Braço Forte, Doutor Jorge Calado Antunes Correia e Doutor Apolinário Vaz Portugal (todos da Universidade Técnica de Lisboa).

A tese intitulada «O Comportamento do Preço do Porco no Mercado Continental Português», de análise econométrica, foi elaborada a partir de um extenso tratamento informático sobre as sequências de preços, apresenta resultados que fornecem explicações totalmente novas para o bem conhecido fenómeno das oscilações do preço da carne de porco no mercado. Pela primeira vez se reconstitui experimentalmente e por métodos gráficos o teorema de EZEKIEL, a partir de dados reais. O protocolo, inteiramente original, poderá vir a ser aplicado em medidas de políticas agrícolas e de preços, tanto no nosso País como na CEE, estando essa circunstância a despertar muito interesse nos meios científicos especializados.

A dr.ª Maria Ana Marques licenciou-se em 1980 na Escola Superior de Medicina Veterinária, com média final de 17 valores, tendo obtido na disciplina de Economia e Fomento Pecuários a classificação de 19 valores. Toda a sua carreira científica se tem centrado em questões ligadas à Economia Pecuária, matéria sobre a qual tem efectuado numerosos trabalhos.

Tem participado, com apresentação de comunicações, em numerosos congressos, em Portugal e no estrangeiro. Em 1984 obteve a classificação máxima de «Muito Bom» nas Provas de Aptidão Pedagógica e capacidade científica a que se submeteu, e nas quais apresentou uma dissertação sobre os mecanismos de intervenção no mercado da carne em Portugal.

Exercícios "Orion 87" até dia 25

"Crise internacional" leva GNR e Exército a manobras

Mais de 11 mil homens do Exército, com a cooperação da Força Aérea e da Guarda Republicana, num total de mais de 11 mil homens que utilizarão mais de duas mil viaturas, sairão dos quartéis, depois de amanhã, para um conjunto de manobras militares no pressuposto de uma «crise internacional. Integrados no «Orion 87», estes exercícios terão repercussões no trânsito dado o número de viaturas envolvidas, particularmente no eixo rodoviário que vai de Lisboa a Montargil, passando por Vale de Cavalos.

O pressuposto que motiva estas manobras do Exército português é uma crise internacional que evoluiria súbita e inesperadamente para acções de guerra não nuclear.

Neste cenário idealizado pelo Estado Maior do Exército, pequenos grupos hostis infiltrados em território nacional procurariam concretizar sabotagens e ataques localizados, simultânea com uma operação aerotransportada sobre a região de Santa Margarida.

No exercício participam todas todas as unidades da Organização Territorial do Exército Português, a Primeira Brigada Mista Independente, a Brigada de Forças Especiais e o Comando Administrativo–Logístico.

As concentrações de tropas estão planeadas para Trás-os-Montes, Ribatejo e Alentejo, culminando no dia 25 com a celebração do dia do Exército, no Campo de Instrução Militar de Santa Margarida.

Perturbações nas estradas

As perturbações na circulação rodoviária deverão começar a registar–se na madrugada e manhã do dia 23, depois de amanhã, nas estradas de Lisboa a Vale de Cavalos e a Montargil, do Porto ao Rossio a Sul do Tejo e de Estremoz à Bemposta.

Por esse motivo, o Estado Maior do Exército recomendou aos automobilistas, que circulem naquele período nos troços indicados, que cumpram as normas do Código da Estrada respeitantes a colunas militares.

Outra recomendação é a de que os automobilistas acatem integralmente as indicações da PSP e da GNR sobre a circulação nas estradas com movimento de tropas a caminho das áreas previstas para a segunda fase do «Orion 87» (Vale de Cavalos, Montargil, Rossio ao Sul do Tejo e Bemposta).

Os exercícios decorrem entre hoje e dia 25 mas só no dia 23 se iniciarão as movimentações com reflexos junto do público. Até lá, tudo se passa nos quartéis, com exercícios de comando e de transmissões.

Amadeu e Stuart na Gulbenkian

Mário Soares inaugurou ontem as duas exposições

O Presidente da República inaugurou ontem duas exposições: uma de pintura, de Amadeo Souza-Cardoso; outra de desenho, de Stuart Carvalhais. A primeira na Gulbenkian; a segunda no Centro de Arte Moderna.

Cerca de trezentas obras de Amadeo, algumas delas pela primeira vez em público, estão expostas na Gulbenkian. A exposição, comemorativa, do centenário do nascimento do pintor, mostra, além de óleos, desenhos a carvão e aguarelas, obras de pintores portugueses e estrangeiros amigos de Amadeo, fotografias da família, de amigos da família, das casas de Manhufe, Granja e Espinho, e dos «ateliers» do pintor, bibliografia sobre a sua vida e obra e um roteiro de factos políticos, culturais e artísticos.

Os trabalhos poderão ser vistos na principal sala de exposições temporárias da Gulbenkian durante, aproximadamente, um mês.

Patente na sala de exposições temporárias do Centro de Arte Moderna, a exposição de trabalhos de Stuart — de menores dimensões do que a de Amadeo — terá um período maior de apresentação ao público, porquanto o seu encerramento está previsto para Setembro.

Coincidindo com as duas mostras, o Serviço de Animação, Criação Artística e Educação pela Arte promove a realização de um colóquio sobre Amadeo, que se inicia amanhã e prolonga até 24.

Participam nos debates, entre outros, Sílvia Chico, Pierre Cabanne, José Augusto França, Fernando Pernes, Rui Mário Gonçalves e Bernardo Pinto de Almeida.

Ainda no âmbito da exposição foi ontem apresentado na sala polivalente um espectáculo em duas partes, preenchido, na primeira, com a leitura de poemas por Mário Viegas e, na segunda, com a peça «Pierrot y Arlequin», segundo Almada Negreiros, numa encenação de Jorge Listopad.

No dia 26 e também na sala polivalente o «Ópus Ensemble» executa obras de Weber, Haendel, Poulenc, Lopes Graça e, de João Pedro Oliveira, «Threads I», em estreia mundial.

Celebrada missa no 32.º aniversário da morte de Calouste Gulbenkian

Por iniciativa do Conselho de Administração da Fundação Gulbenkian, celebrou-se ontem, na Igreja de N. Senhora de Fátima, com a particicipação do Coro Gulbenkian, uma missa de sufrágio do 32º aniversário da morte de Calouste Gulbenkian, fundador daquela instituição, e por todos os colaboradores já falecidos. À cerimónia, que foi celebrada pelo cónego António Antunes Abranches, assistiram o presidente da Fundação, doutor José de Azeredo Perdigão e mulher; os administradores Roberto Gulbenkian e Mikahil Essayan, sobrinho e neto do falecido e esposas; prof. doutor Ferreira Correia, drs. José Blanco, Pedro Tâmen, prof. Joel Serrão; eng.º Guuimarães Lobato e esposas; dr. CarlosBaptista da Silva, secretáriodo Conselho de Administração e esposa; representantes da Comissão de Trabalhadores e da Associação de Pessoal, funcionários da Fndação, etc.

A seguir à missa, efectuar-se-á a habitual homenagem ao fundador, junto da sua estátua erguida nos jardins da Fundação, onde foram depositadas flores, em nome da Administrração, do Pessoal, da Comissão de Trabalhadores e da Associação do Pessoal e de representantes dos bairros pobres da Musgueira e das escolas e outras instituições que receberam auxílio da Fundação Gulbenkian.

MAÃES ADOPTIVAS TAMBÉM TÊM DIREITO A LICENÇA DE 60 DIAS

O exercício do direito da Lei de Maternidade também é válido quando se adopta um filho, permitindo uma licença de 60 dias — segundo a lei número 4/84 de 4 de Abril. Esta lei de «protecção da maternidade e paternidade» e os Decretos-Leis números 135/85 e 136/85, de 3 de Maio, que a regulamentam, constituem o quadro legal da protecção da maternidade e paternidade.

A Comissão da Condição Feminina, na dependência da Presidência do Conselho de Ministros, publicou agora uma brochura intitulada «Situação das mulheres» em Portugal, em que refere as várias alíneas desta Lei.

Deste modo, depois de explicar que o Estado reconhece a maternidade e paternidade como valor sociais eminentes (artigo número 68 da Constituição Portuguesa), a CCF passa a enumerar as regalias dos pais e mães trabalhadores.

Os trabalhadores podem faltar até 30 dias por ano para prestar assistência inadiável e imprescindível, em caso de doença ou acidente, a filhos próprios, adoptados ou enteados menores de 10 anos, e até 15 dias para prestar assistência ao cônjuge, ascendentes ou descendentes maiores de 10 anos. Estas faltas não determinam a perda de direitos».

Os pais têm iguais direitos e deveres quanto à manutenção e educação dos filhos. Os filhos não podem ser separados dos pais, salvo quando estes não cumpram os seus deveres para com eles.

A mulher tem o direito a consultas, exames e internamentos gratuitos durante a gravidez e no decurso de 60 dias depois do parto.

A mulher trabalhadora grávida não pode ser despedida, a não ser por justa causa.

É reconhecido à mulher trabalhadora o direito a uma licença por maternidade de 90 dias, 60 dos quais obrigatoriamente a seguir ao parto, sem perda de tempo de serviço. Durante este tempo a trabalhadora recebe a remuneração ou subsídio igual.

Pais podem gozar licença de «maternidade»

A licença de maternidade pode, em algumas circunstâncias (incapacidade física, psíquica ou morte da mãe) ser parcialmente gozada pelo pai.

O exercício do direito da licença de maternidade não prejudica tempo de estágios ou cursos de formação já realizados ou frequentados, sem prejuízo do tempo em falta para os terminar.

Esta disposição pode abranger as mães que estivessem a frequentar, já antes do parto, cursos ou estágios de formação que pudessem ser afectados por ausência prolongada.

As trabalhadoras grávidas têm direito a dispensa de trabalho para irem às consultas, e as que amamentarem têm direito, sem perda de regalias ou remunerações, a ser dispensadas, em cada dia, por dois períodos distintos de duração máxima de uma hora cada um, enquanto durar o tempo de amamentação e até o filho perfazer um ano.

A criança hospitalizada tem direito ao acompanhamento permanente pelo pai, ou pela mãe: os trabalhadores pais de menores de 10 anos têm direito a faltar, mas não simultaneamente, para acompanhar a criança, hospitalizada.

O pai ou mãe trabalhadores têm o direito de interromper a prestação de trabalho pelo período de seis meses, prorrogáveis até ao limite máximo de dois anos, a iniciar no tempo da licença por maternidade, para acompanhamento do filho.

Filhos menores de 12 dão direito a horário reduzido ou flexível

Os trabalhadores com um ou mais filhos menores de 12 anos têm direito a trabalhar em horário reduzido ou flexível, em determinadas condições.

A Lei contempla a protecção genética do homem e da mulher condicionando ou proibindo trabalhos que a ponham em risco.

Pelo sistema de Segurança Social é concedido um subsídio de nascimento (que requer inscrição na Segurança Social) e um subsídio de aleitação que é independente da efectuação de descontos para a Segurança Social.

Pelo mesmo sistema também é atribuído a cada filho um abono de família mensal em dinheiro, que tanto pode ser pago à mãe, mesmo que não seja trabalhadora fora do lar, como ao pai, independentemente da inscrição da Segurança Social.

O MAIOR PARA O "MAIOR"

Herman José e o Jumbo da GRUNDIG, os primeiros das suas categorias. Os dois são "grandes", cada um no seu campo de actividade, ainda que complementares: o Jumbo pode dar mais vida, mais realidade ao artista com o seu espectáculo.

O Jumbo é um televisor com 95 cm de diagonal e apresenta já o écran plano rectangular (flat square), concebido para um melhor aproveitamento das possibilidades tecnológicas do mundo de hoje, sendo o primeiro de tecnologia europeia a ser comercializado na Europa.

A GRUNDIG apresenta, assim, um gigante no campo dos produtos electrónicos de grande consumo, continuando alguns passos à frente dos seus mais directos concorrentes.

A inovação e a qualidade são mais uma vez testemunhadas por quem queira assistir a uma demonstração "em grande".

Mais uma vez "o novo faz a GRUNDIG!"

ATENDIMENTO MÉDICO IMEDIATO!

Se mora na área da Grande Lisboa e em caso de emergência, o 115 presta-lhe um novo serviço, com apoio médico imediato.

Agora, ao ligar 115, é atendido por um médico que lhe proporciona:

- conselhos médicos
- indicações quanto a primeiros socorros
- informação sobre o local onde dirigir-se.

Se necessário uma ambulância recolherá o doente.

Estamos aqui. Podemos salvar vidas.
Em caso de emergência, não hesite. LIGUE 115.

SERVIÇO 115

MINISTÉRIO DA SAÚDE

Um grupo de judeus soviéticos, acorrentados uns aos outros, bloquearam a estrada que liga o hotel onde se encontram instalados os elementos da delegação consular soviética, por ocasião da sua visita a Israel. Mais tarde a manifestação foi dispersada pela Polícia.

Pela terceira vez nos últimos anos, um preso escolheu a liberdade fugindo de helicóptero. O último caso ocorreu com Philip Turc, de 31 anos, que deste modo escapou da prisão de Nice, na Costa Azul francesa. No entanto, a fuga não durou muito tempo e o fugitivo e o seu cúmplice, que não foi identificado, foram capturados depois de um breve tiroteio com a Polícia, que os localizou perto de Cagnes-–Sur–Mer, perto de Nice. O cúmplice, com o pretexto de dar uma volta para tirar fotografias, tinha alugado o helicópterono aeroporto de Nice. Quando o aparelho já estava no ar, o «fotógrafo» puxou de uma pistola e obrigou o piloto a voar em direcção à prisão e, quando aí chegou, a pousar em cima do telhado. Ali, Turc estava à espera e subiu por uma corda que o companheiro lhe lançou. Pouco depois os dois desceram do helicóptero junto ao hipódromo de Cagnes–Sur–Mer.

Aspecto de uma manifestação estudantil exigindo Governo haitiano, realizada junto da embaixada dos Es au-Prince, a capital.

África do Sul: OUA apela para sanções

O conselho anual de ministros da Organização da Unidade Africana foi inaugurado em Adis Abeba com um apelo ao mundo «para que apoie mais a intensificação da luta» contra o Apartheid na África do Sul. O presidente etíope, Menguistu Hailé Mariam, apelou à comunidade internacional para que imponha finalmente sanções económicas «amplas e obrigatórias» contra o regime de Pretória. Criticou duramente os Estados Unidos, o Reino Unido e outros países ocidentais por terem «vetado arrogantemente» as sanções aprovadas pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas, propostas pelos grupos dos países africanos e dos Não-Alinhados. Com a citação de um relatório do departamento de Estado do Congresso norte-americano, o secretário-geral da OUA, Ide Umaru, defendeu que nomeadamente a Alemanha Ocidental, a França e o Reino Unido «estão comprometidos no comércio de armas e venda de tecnologia militar e nuclear à África do Sul».

"Irangate": Poindexter impaciente

O ex-conselheiro de Segurança Nacional norte-americano John Poindexter afirmou que a abertura dos Estados Unidos ao Irão evitou uma importante ofensiva deste país contra o Iraque, e afirmou-se disposto a repetir tudo se necessário. Dando sinais de impaciência no início do seu quarto dia de testemunho perante a comissão de investigação do Congresso ao caso Irão-«Contras», Poindexter criticou a divulgação dessa política para prejudicar a Presidência de Ronald Reagan, e não a política em si. O ex-conselheiro da Casa Branca assumiu plena responsabilidade pela actuação do seu assessor Oliver North no desvio de fundos provenientes da venda secreta de armas dos EUA ao Irão para ajuda aos «contras». Todavia, admitiu saber muito pouco sobre essa controversa operação, limitando-se a revelar que quando North lhe apresentou os seus planos de ajuda aos «contras» lhe deu luz verde. Disse também que a iniciativa norte-americana de abertura em relação ao regime iraniano atenuou a ofensiva deste país no conflito do Golfo e mostrou-se disposto a repetir toda a sua actuação neste processo se tivesse hipótese.

Aniversário da invasão de Chipre

Treze anos depois da Turquia ter invadido Chipre, as perspectivas de reunificação das comunidades grega e turca da ilha parecem hoje cada vez mais difíceis, com ambas as partes alegadamente a aumentar os respectivos armamentos. Os cipriotas gregos e turcos estão a implementar os seus sistemas de defesa e sabe-se que os turcos reforçaram recentemente a sua defesa aérea com 150 aviões M-47 de fabrico norte-americano e com tanques anti-aéreos M48 equipados com canhões de longo alcance. Uma iniciativa de paz entre as duas comunidades, lançada há três anos pelo secretário-geral das Nações Unidas, Perez de Cuellar, foi adiada. «Uma das principais causas das dificuldades actuais é, bem entendido, a falta de confiança entre as duas partes e a falta de contacto a todos os níveis entre as duas comunidades», afirmou Perez de Cuellar.

Os cipriotas turcos aceitaram as suas mais recentes propostas para uma federação de duas zonas, com a minoria cipriota turca a partilhar o poder com o meio milhão de cipritoas gregos Perez de Cuellar chamou a atenção para o facto de que se as duas partes mantiverem as suas posições intransigentes «não haverá perspectivas realistas de negociação de uma solução para o problema cipriota.

Guerra do Golfo

INTRANSIGÊNCIA DO IRÃO FAZ ABOR ESFORÇO DE PAZ DAS NAÇÕES UNIDA

Adoptando uma posição intransigente e semelhante a outras anteriores, o Irão fez abortar um esforço de paz para a guerra do Golfo ao rejeitar uma resolução do Conselho de Segurança das Nações Unidas sobre a matéria. O Presidente iraniano, Ali Khameini, considerou, ao recusar uma das raras resoluções do Conselho de Segurança adoptadas por unanimidade, que por detrás dela estava o Presidente Ronald Reagan.

O Conselho de Segurança das Nações Unidas adoptou ontem por unanimidade uma resolução na qual exigia que o Irão e o Iraque terminassem uma guerra de quase sete anos e retirassem as respectivas tropas para as suas fronteiras, para depois resolverem o conflito por via negocial.

No texto adoptado unanimemente pelos seus 15 membros, o Conselho de Segurança pedia que, «como primeiro passo para uma solução negociada, o Irão e o Iraque observem um cessar–fogo imediato, terminem qualquer acção militar em terra, mar e ar e retirem sem tardar as suas tropas para as fronteiras internacionalmente reconhecidas».

Ao comentar o texto daquela proposta de paz das Nações Unidas, o Irão disse que ela «não vale um chavo» e mostrou–se decidido a ignorá–la, tal como fez em relação a resoluções anteriores do Conselho de Segurança.

Trata–se de uma das raras resoluções adoptadas por unanimidade pelos 15 membros do Conselho de Segurança e o ministro francês dos Negócios Estrangeiros, Jean–Bernard Raymond, presidiu à sessão porque a França tem a presidência daquele organismo desde o corrente mês.

Apesar de o texto ter sido aprovado por unanimidade, a URSS aproveitou a reunião do Conselho de Segurança para lançar um ataque indirecto aos EUA por estarem a aumentar a sua força naval no Golfo onde «barcos de países neutros são atacados tanto pelo Irão como pelo Iraque».

Imediatamente após a votação da resolução, o secretário-–geral das Nações Unidas, Javier Perez de Cuellar, teve reuniões separadas com os embaixadores do Irão e do Iraque para os informar.

Na ocasião, o representante do Iraque, Ismat Kittani, disse que o seu Governo sempre reconheceu a jurisdição das Nações Unidas no conflito e aue o seu pqís responderá depois de ter analisado a resolução. De momento desconhece–se a resposta do Iraque à resolução e o Governo de Bgadad ainda não se manifestou.

Secretário-geral da NATO visita Madrid

Carrington pensa que a Espanha não está preparada para substituir forças dos EUA

O secretário-geral da NATO, Lord Carrington, pensa que a Força Aérea espanhola não está preparada para substituir os aviões norte-americanos F-16 estacionados em Espanha nas missões que desempenham no âmbito da Aliança, escreve o jornal «El País».

Lord Carrington chega hoje a Madrid para uma visita oficial de dois dias, durante os quais se reunirá com o presidente do Governo, Felipe Gonzalez, e com os ministros dos Negócios Estrangeiros e da Defesa, respectivamente Fernandez Ordoñez e Narciso Serra.

Segundo fontes diplomáticas, Lord Carrington, que efectua a sua segunda visita oficial a Madrid na qualidade de secretário-geral da NATO, será provavelmente também recebido pelo rei Juan Carlos.

A primeira deslocação que o actual secretário-geral da NATO efectuou a Espanha ocorreu em Janeiro do ano passado, ou seja, dois meses antes da realização do referendo popular sobre a permanência do paiís na Aliança.

O principal argumento da administração norte-americana para se opor à redução exigida por Espanha baseia-se numa alegada falta de garantias e capacidade das Forças Armadas espanholas para substituírem as dos Estados Unidos nas missões que estas desempenham a partir de território espanhol, no contexto aliado.

A visita de Lord Carringhton coincide com a aproximação da fase final das negociações hispano-norte-americanas, já que, se em 15 de Novembro não houver acordo, o Governo espanhol, segundo disse, não prorrogará o actual convénio.

Durante a sua estada em Madrid, Lord Carrington abordará com as autoridades espanholas a situação do processo de negociações sobre as fórmulas de participação da Espanha no sistema defensivo aliado sem integração na estrutura militar.

A Espanha apresentou, há pouco mais de um ano, uma proposta de cooperação, mas a fórmula ainda não está decidida.

As negociações entre Madrid e Bruxelas, no âmbito das quais foram realizadas apenas duas sessões, não proporcionaram resultados concretos.

Oposição pana convoca greve

Grupos da oposição panam próxima semana uma greve geral nada a aumentar a pressão para qu das Forças Armadas, Manuel Ant rigentes militares.

A coligação «Cruzada Nacion greve de 48 horas para 27 de Julh se indefinidamente caso a admin pelo Presidente Eric Arturo Delva gências.

Numa declaração emitida onte velou que a paralisação pretendia recusa governamental» em expul considerado o homem forte das F um inquérito às acusações de que

A «Cruzada Civil», formada ha 107 organizações, nomeadamente catos, associações empresariais e tudantis e civis, que se opõem à a

O Panamá tem sido palco, desd nifestações, desencadeadas quan ra, imediatamente abaixo de Nor te o general de corrupção e fraud

xigindo a demissão do actual dos Estados Unidos em Port-

ORTAR
OAS

Navios sob protecção

Um segundo navio do Kwait juntou-se a vasos de guerra norte-americanos no Golfo, por entre indícios de que o Irão intensificou as buscas a navios mercantes no estreito de Ormuz.

Entretanto a tensão naquela área está a aumentar, na sequência da decisão de Washington de escoltar 11 navios do Kwait como meio de os proteger contra ataques iranianos.

Fontes da navegação afirmaram que uma força naval regular iraniana, que opera a partir do porto Sul de Bandar Abbas, em frente do Estreito de Ormuz, tem estado muito activa nos últimos dias, numa tentativa de encontrar armas em navios mercantes destinados ao Iraque.

namiana
eve geral

panamiana convocaram para a geral como forma de luta destipara que sejam afastados o chefe el António Noriega, e outros di-

Nacional Civil» convocou uma de Julho, que poderá prolongaradministração militar, apoiada Delvalle, não aceda às suas exi-

a ontem à noite, a coligação retendia mostrar o «repúdio pela expulsar Noriega, vulgarmente e das Forças Armadas, ou abrir de que é alvo o militar.
nada há 42 dias, é composta por amente partidos políticos, sindiriais e profissionais e grupos esem à administração Delvalle.
o, desde Junho, de violentas mas quando o coronel Diaz Herrede Noriega, acusou publicamenfraude eleitoral.

Reforma constitucional em debate

Líderes da oposição sul-coreana preparam-se para eleições

Os partidos governamental e da oposição vão iniciar esta semana debates há muito esperados sobre a revisão constitucional sul-coreana que dará lugar a eleições presidenciais, apesar de as suas propostas diferirem bastante, revelaram negociadores. Paralelamente, os dois principais líderes da oposição sul-coreana, Kim Dae Jung e Kim Young Sam, iniciaram os preparativos para se candidatarem à presidência do país.

Lee Dai-soon, do Partido Democrático da Justiça (PDJ), anunciou que as partes envolvidas realizarão a sua primeira reunião antes de sábado.

Contudo círculos políticos disseram que os partidos apresentam à partida pontos de vista dieferentes sobre uma cláusula constitucional em vigor, a qual exige que um candidato tenha residido no país durante pelo menos cinco anos consecutivos, o que poderá interditar o líder da oposição, Kim Dae-Jung, de se candidatará a presidência, e sobre a duração do mandato presidencial.

Acerca da questão da residência, o partido no poder não deseja anular uma cláusula constitucional segundo a qual qualquer candidato presidencial deverá ter residido no país pelo menos durante cinco anos consecutivos.

A oposição por seu turno, quer renunciar ao artigo uma vez que ele seria aplicado a Kim Dae-Jung, que regressou à Coreia do Sul, em 1985, depois de ter passado voluntariamente dois anos nos Estados Unidos.

O PDJ favorece ainda um mandato presidencial de seis anos ao passo que o PDR propõe que o mesmo seja de quatro anos.

Diferem ainda quanto às exigências da oposição relativamente à libertação dos dissidentes presos, questão que poderá protelar eventuais progressos nas negociações, concluíram analistas políticos.

Kim Young Sam, de 59 anos, encabeça a ala moderada do PDR, a «Sangdo-Dong» e é considerado um líder conciliador, tolerado pelos militares e pelo partido governamental da Justiça Democrática (JD).

Tanto este último, como Kim Dae-Jung, exigem ao presidente Chun Doo Hwan uma reestruturação do executivo porque pensam que nas actuais circunstâncias não será possível celebrar eleições não fraudulentas.

Ambos os Kim exigem a libertação de todos os presos políticos, dado que continuam nas cadeias mais de 2000 dissidentes políticos, acusados de violarem a Lei de Segurança Nacional.

Durante os próximos dias, o partido governamental e os opositores deverão negociar as linhas de revisão constitucional e estudarão um calendário eleitoral.

Na nova constituição será estabelecido um sistema de eleições presidenciais directas e os capítulos repressivos serão abolidos.

Sarney derrotado pelo Congresso do PMDB

O presidente brasileiro, José Sarney, sofreu uma grave derrota na Convenção Nacional do seu partido, o PMDB, na qual inclusive sete dos seus minitros votaram contra as orientações do Governoo, disseram fontes partidárias.

A convenção do Partido do Movimento Democrático Brasileiro, de que Sarney é presidente de honra e Ulisses Guimarães o presidente nacional, optou logo após a sua abertura pelo voto secreto, contrariamente às directivs do chefe do Executivo e, posteriormente, deixou para a próxima Assembleia Constituinte uma decisão sobre o mandato presidencial e a fórmula de regime, parlamentar ou presidencialista.

Sarney pretende um mandato de cinco anos enquanto a oposição advoga quatro anos e eleições directas em 1988, no que tem o apoio dosprogressistas do próprio PMDB liderados por Mário Covas.

Segundo analistas políticos, o golpe vibrado pela convenção aumenta a velha desconfiança existente entre Sarney e o seu partido, desde que ele presidia o PDS dos Governos militares e desde que o PMDB se viu obrigado a aceitar a sua presidência, por doença e morte de Tancredo Neves.

O senador progressista Mário Covas, segundo eles, aparece como o grande vencedor, com um discurso estratégico em defesa das eleições directas em 1988, que o confirmou como líder indiscutível do PMDB.

Para os analistas, a Convenção deixa três conclusões principais: confirma a debilidade política do presidente Sarney, favorece a tese de limitar o seu mandato a quatro anos e consagra o nome de Mário Covas como o único capaz de derrotar o ex-governador Loenel Brizola nas próximas eleições presidenciais, provavelemente em 15 de Novembro de 1988.

Sarney disse entretanto que, face aos resultados do Congresso, abrirá o seu Governo à participação de todas as forças políticas que o queiram ajudar.

Além disso, formará um bloco suprapartidário na Assembleia Constituinte, dividindo o PMDB, hoje o principal sustentáculo do executivo.

Irão e França negoceiam retirada de diplomatas

A França e o Irão estão a negociar a retirada dos respectivos diplomatas de Teerão e Paris, mas o Governo de Paris continua firme na sua decisão de exigir que um intérprete da embaixada do Irão em Paris preste declarações sobre ligações terroristas.

O ministro francês dos Negócios Estrangeiros, Jean-Bernard Raimond, disse, pela primeira vez desde que os dois países romperam as relações diplomáticas na sexta-feira, que continuava firme na sua exigência de que o intérprete da embaixada do Irão em Paris, Wahid Gordji, preste declarações à justiça francesa.

«Este pedido não pode ser negociado. Somos um país que segue os preceitos legais e não abdicaremos disso» — disse Raimond numa entrevista na televisão.

A França rompeu as relações diplomáticas com o Irão, ao fim de 18 dias de disputa sobre a recusa iraniana de deixar Gordji — que não tem passaporte diplomático — prestar declarações sobre ataques bombistas que causaram 13 mortos em Paris o ano passado

24 HORAS

Kremlin reafirma apoio ao Afeganistão

O líder afegão Najib encontrou-se com o líder soviético, Mikhail Gorbachev, que lhe prometeu a continuação do apoio político e militar do Kremlim e a realização de uma missão espacial sovieto-afegã, disse a agência noticiosa Tass. O anúncio da missão surgiu dois dias antes do lançamento de uma nave, comandada por soviéticos e sírios que vai acoplar à estação orbital MIR, onde já se encontram dois cosmonautas soviéticos. Najib chegou a Moscovo no domingo para o que a agência oficial Tass descreveu como «uma curta visita». Segundo a Tass, Gorbachev assegurou ao líder afegão que continua a ter o apoio do povo da União Soviética.

Ciskei quer negociar libertação de refém

As autoridades do Bantustão do Ciskei manifestaram a sua disponibilidade para negociar com o embaixador francês na África do Sul a libeertação de Pierre-André Albertini, cuja prisão provocou uma crise nas relações entre Paris e Pretória. Um porta-voz do Governo daquele bantustão apelou ao embaixador francês em Pretória para entrar em contacto directamente com as autoridades do Ciskei. Em Paris, o ministro francês dos Negócios Estrangeiros, Jean-Bernard Raymond, disse que o seu país não reconhece a independência do Ciskei e considera a África do Sul o interlocutor apropriado para qualquer negociação.

Inundações em Itália: 14 mortos

Equipas de salvamento continuam a procurar corpos de vítimas enterradas na lama devido a inundações de desabamentos em várias aldeias do Norte de Itália, onde no fim-de-semana morreram pelo menos 14 pessoas. As inundações atingiram especialmente as regiões de Morbegno e Sondrio, onde chuvas torrenciais e derrocadas de lama provocaram grande devastação durante o fim-de-semana. Aproveitando a diminuição do caudal do rio Adda, brigadas de salvamento continuam a busca de 16 pessoas desaparecidas, receando-se que estejam soterradas na lama.

Advogado de Demjamjuk demite-se

O tribunal especial que julga John Demjanjuk, acusado por Israel de ser «Ivan o Terrível», guarda do campo de concentração de Treblinka, decidiu aceitar a demissão do advogado de defesa Mark O'Connor. O'Connor, um norte-americano, representou durante cinco anos o réu perante os tribunais dos Estados Unidos. Apresentou agora a sua demissão depois de há duas semanas o seu cliente ter manifestado desejo de o substituir por outro advogado. O réu, de 67 anos, extraditado dos EUA em Fevereiro de 1967, é acusado de assassinar e torturar prisioneiros judeus de Treblinka durante a II Guerra Mundial.

O criminoso nazi Demjanjuk com o advogado de defesa Mark O'conner, que agora se demitiu.

CE dá 180 milhões a países africanos

A Comunidade Económica Europeia concedeu mais da 180 milhões de dólares ao Senegal, Zâmbia e República Centro-Africana para programas de ajuda ao desenvolvimento e em empréstimos especiais, foi anunciado em Bruxelas. A Comissão da CEE disse que a maior parte daquele montante — 97 milhões de dólares em ajuda e 11,2 milhões em empréstimos — destina-se ao Senegal, para ajudar este país a aumentar a sua produção alimentar e para impedir a desertificação de solos férteis.

A República Centro-Africana receberá 27,9 milhões de dólares de ajuda para a sua região Norte e a Zâmbia 36,6 milhões de dólares em empréstimos especiais e oito milhões em ajuda, sobretudo destinada a apoiar a compra de fertilizantes no estrangeiro.

Um "JEEP" de Castanheira de Pêra fabrica luvas descartáveis

Um jovem empresário [illegible] potencial (JEEP) constituiu uma sociedade para o fabrico de luvas cirúrgicas em Castanheira de Pêra, onde será instalada a primeira fábrica daquele género em Portugal.

A fábrica, cujo projecto foi concebido pelo JEEP de Leiria, vai ser construída no miniparque industrial de Castenheira de Pêra e propõe-se criar cerca de 50 postos de trabalho.

Até à instalação daquela unidade fabril — que abastecerá o mercado de luvas cirúrgicas descartáveis — os futuros trabalhadores da empresa vão frequentar cursos de aprendizagem e especialização no estrangeiro.

A sociedade agora constituída inclui uma outra, Ribeira-Pena, comparticipada pelo município de Castenheira de Pêra.

Grão-Pará emitiu 50 mil acções

A emissão das 50 mil acções da Grão-Pará, destinadas a subscrição pública, decorre entre hoje e quinta-feira, sendo a operação liderada pela União de Bancos Portugueses.

O preço da emissão das acções destinada ao público é de 2600 escudos cada, sendo 30 mil acções, e os dois primeiros dias de emissão, reservados a subscrições que não ultrapassem os 200 mil escudos, que se poderão subscrever aos balcões da UBP, BESCL, BNU, BPA, BTA e Montepio Geral.

A Imobiliária Construtora Grão-Pará, SA, emitiu 500 mil novas acções com o valor nominal de mil escudos, correspondentes ao seu aumento de capital de 250 para 750 mil contos.

Destas, 250 mil foram distribuídas pelos actuais accionistas e referm-se á incorporação de 250 mil contos de reservas no capital social.

Outras 200 mil acções foram reservadas aos actuais accionistas, na proporção de duas novas acções por cada cinco detidas, ao preço de emissão de mil escudos cada.

Principalmente na rádio e televisão

Casa Springer ganha que se farta

A casa editora alemã-federal Axel Springer Verlag AG anunciou lucros de 94,5 milhões de marcos em 1986, o melhor resultado jamais obtido.

O volume de negócios em 1986 foi de 2 660 milhões de marcos, um aumento de 7,5 por cento em relação a 1985, ano em que os lucros totalizaram 61 milhões de marcos.

O presidente da direcção da Springer, Peter Tamm, atribuiu este êxito à diversificação da casa de edição em grupo multimedia, em particular nos sectores da rádio e televisão.

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS — CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por Unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	46$20	52$20
ALEMANHA FED. (marco)	77$25	78$45
ÁUSTRIA (xelim)	10$95	11$95
BÉLGICA (franco)	3$521	3$771
BRASIL (cruzado)	2$100	3$600
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	109$00	111$50
(notas de 5 a 1000)	109$50	112$00
DINAMARCA (coroa)	20$35	20$75
ESPANHA (peseta)	1$097	1$217
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	143$90	147$40
(notas de 5 a 1000)	144$40	147$90
FINLÂNDIA (marka)	31$90	32$50
FRANÇA (franco)	23$20	23$90
HOLANDA (florim)	68$60	69$70
IRLANDA (libra)	207$90	211$90
ITÁLIA (lira)	$097	$112
JAPÃO (iene)	$898	$953
NORUEGA (coroa)	21$20	21$70
REINO UNIDO (libra)	230$65	235$15
SUÉCIA (coroa)	22$20	22$70
SUÍÇA (franco)	92$75	94$25
VENEZUELA (bolívar)	4$20	5$20

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Diz-se que "morrem em combate"

O "STRESS" E A SUBIDA DO IENE MATAM EMPRESÁRIOS JAPONESES

O número invulgar de mortes ocorridas recentemente entre os mais importantes empresários japoneses tem sido atribuído ao «stress» causado pela subida do iene e a mudanças radicais na economia nipónica.

Desde Novembro de 1986, os presidentes de dez grandes companhias japonesas, nomeadamente a Mitsubishi, Siko Epson, Shiseido e All Nippon Airways, morreram a trabalhar vítimas de várias doenças.

Muitos líderes empresariais e a Imprensa local afirmaram que os presidentes das companhias «morreram em combate» lutando na guerra do Japão contra a rápida subida do iene e as subsequentes mudanças.

Na maioria dos casos, a morte surgiu inesperamente. Muitos como Yoshid Ohno, 65 anos, presidente da companhia de cosméticos Shiseido, mantinham-se relativamente em forma ou tinham pelo menos consciência do seu estado de saúde.

«Não me lembro de ter ficado de baixa médica» — disse Yoshifumi Inque, chefe de relações públicas da Shiseido, depois de Ohno ter morrido de pneumonia no passado dia 12.

O aumento do valor do iene nos últimos dois anos abalou os lucros de muitas companhias de exportação japonesas e obrigou outras a enveredar por uma reestruturação dolorosa.

No entanto, peritos dizem que há uma causa mais profunda para o problema — os que fizeram os trabalhos difíceis durante a ascensão económica do Japão nos anos 60 e encaminham-se, agora, para a casa dos 60 anos.

«Quando eles estavam na casa dos 30 anos, esta geração trabalhou como louca pelas suas companhias, porque era uma altura em que compensava» — comentou Kenshiro Ohara, médico no hospital da Universidade de Hamamatsu, especializado em psicologia de empresas.

«Todavia trabalhar duro agora já não compensa muito. Quer para a companhia quer para eles próprios, devido à mudança rápida no meio empresarial. Então, o que fazem eles? Trabalhar ainda mais, duramente, só para piorar as coisas» — acrescentou Ohara.

Alta taxa de suicídio

Frustração devido às diminutas compensações pelo trabalho duro também conduziu a uma alta taxa de suicídio entre o grupo dos 55-60 anos, cerca do dobro da taxa do grupo de 20-30 anos, segundo o Ministério da Saúde e Bem-Estar.

Além disso, os membros de êxito da geração mais antiga odeiam frequentemente ter de delegar autoridade nos mais jovens — salientou Ohara.

Interrogadas sobre as medidas que estão a adoptar para diminuir o «stress» entre os seus principais executivos, muitas companhias confessaram não ter planos especiais.

«A saúde é uma questão do indivíduo e não há mudanças na política da companhia» — disse um porta-voz da Seiko Epson, cujo presidente de 55 anos e herdeiro do poderoso grupo «Seiko», Ichiro Hattori, morreu de ataque cardíaco em Maio.

«Tenho a certeza de que os executivos têm consciência da questão, mas não adoptamos nenhuma medida» — afirmou um responsável da Mitsubishi.

O anterior presidente da Mitsubishi, Takeo Kondo, morreu em Novembro de uma doença no fígado depois de cinco meses à frente da empresa. Tinha 64 anos.

Ohara observou que as companhias japonesas comportam-se como o exército nipónico antes da guerra, que manifestava pouca simpatia pelos caídos em combate.

«Um oficial morre, eles nomeiam outro e outro até que o monte é capturado ao inimigo — comentou — os empresários estão a morrer em combate.»

Marrocos também quer a CEE

Um pedido inesperado de adesão à Comunidade Europeia por parte do reino de Marrocos animou, ontem, em Bruxelas, uma reunião de rotina dos ministros dos Negócios Estrangeiros dos países membros.

«Esse pedido, expresso numa carta do rei Hssan II que me foi hoje entregue em mão, será analisado na nossa próxima reunião», disse no final, durante uma conferência de Imprensa, o actual presidente do Conselho e ministro dinamarquês dos Negócios Estrangeiros, Elleman Jensen.

«Perante os obstáculos legais que se colocam à sua concretização, devido ao facto de o reino de Marrocos não se tratar de um país europeu, penso que esse pedido deve ser entendido como um desejo do reforço dos laços que o unem à Europa», comentou.

A carta foi entregue ao presidente do Conselho pelo ministro marroquino dos Negócios Estrangeiros, A. Filali, que se encontrava na capital belga no quadro da preparação das negociações a iniciar amanhã entre a Comunidade Europeia e Marrocos, tendo em vista a substituição dos acordos bilaterais entre aquele país e a Espanha e Portugal por um acordo provisório entre aquele país e agora a Comunidade Europeia.

Durante a curta reunião, no quadro dos trabalhos da cooperação política externa, os responsáveis pelas diplomacias dos países membros da Comunidade Europeia decidiram, por outro lado, conceder à França «apoio humanitário e material» na sua chamada «guerra das Embaixadas» com o Irão.

O encontro entre o presidente do Conselho e o responsável pela diplomacia marroquina ocorreu no quadro da preparação das negociações que se iniciam hoje, em Bruxelas, para a celebração de um acordo de pesca provisório entre Marrocos e a Comunidade Europeia que permita a continuação da laboração em águas marroquinas a cerca de 700 navios pesqueiros espanhóis, na sequência da expiração do acordo existente entre aquele país e a Espanha.

Durante o encontro, o ministro marroquino dos Negócios Estrangeiros ligou a celebração de um acordo de pesca definitivo à atitude que a comunidade europeia venha a adoptar quanto ao referendo em preparação por Marrocos sobre a auto-determinação do Sara Ocidental.

Produção industrial desceu 5% em Março

A produção industrial sofreu, de Fevereiro para Março deste ano, um decréscimo de 5,86 por cento, correspondente uma quebra de 3,31 por cento comparativamente a igual período do ano passado.

Os dados, agora divulgados pelo Instituto Nacional de Estatística, mostram que a principal quebra se verificou na indústria metalúrgica de base com uma queda de aproximadamente um quarto em relação ao mês de Fevereiro de 1987, valor que comparado com o período homólogo de 1986 torna maior o decréscimo, num total de 28,19 por cento.

As indústrias mais afectadas foram a química que manteve percentagens de queda, tanto em relação ao mês anterior como a igual período do ano passado, respectivamente, de 15 e 30 por cento, seguida das de construção de máquinas não eléctricas e a têxtil.

A indústria têxtil mantém taxas decrescentes relativamente ao mês anterior de 6,69 por cento, tendência confirmada comparativamente ao mês homólogo do ano passado, altura em que se produziu mais 5,74 por cento que este ano. Quanto à indústria de construção de máquinas, a produção sofreu em Março um decréscimo de cerca de 17 por cento, quando em igual período do ano passado já se registara uma diminuição de 8,8 por cento.

Arroz e leite não vão aumentar

A Secretaria de Estado do Comércio Interno garantiu, ontem, não haver qualquer intensão do Governo em aumentar os preços do arroz e dos derivados do leite.

No caso concreto do arroz, aquele organismo governamental negou qualquer intervenção na fixação dos preços dado que o regime de preços para este produto é de o de preços livres. Situação que não se verifica em relação aos derivados do leite, mas que a Secretaria de Estado do Comércio Interno confirmou não ser provável que se verifiquem aumentos em produtos como o iogurte, queijo, natas ou manteiga.

Quanto aos aumentos de preços do açúcar, segundo ainda a mesma fonte governamental, apenas se verificou um acréscimo do preço à saída das refinarias, motivado por uma actualização da «taxa verde» - sistema de conversão dos escudos na unidade monetária europeia e. uma subida das ramas importadas de África e Caraíbas, aumentando em média 10$50 por cada quilo.

Não se sabe se as três empresas do sector irão transferir ao retalhista este aumento de custo, embora um técnico da Direcção Geral de Concorrência e Preços fosse de opinião que a situação de concorrência não possibilita grandes alterações no mercado.

Presidente benfiquista João Santos para os jornalistas Neves de Sousa e Eduardo Miragaia: «O presidente belenenses Mário Rosa Freire, a avaliar pelo que disse publicamente sobre o 'caso Chiquinho', presiste em lavrar num grande erro. A direcção do Benfica tem uma só face e uma única palavra».

Chalana com novo visual (bigode curto, cabelo aparado) conversa com o empresário Lantz perante «Ebbe» Skovdahl

Hajri: o marroquino fazendo análise ao sangue

BENFICA: UM "ESQUADRÃO" DE RESPEITO DE BRAÇO DADO COM A ESPERANÇA MAIOR

Neves de Sousa

À porta, olhos atentos a todos que chegavam, uma pequena multidão: tempo de férias facilita aos adeptos de um grande clube, em fase de total renovação, irem espreitar o regresso das suas vedetas e tomarem o primeiro contacto (visual) com as novas «estrelas» da companhia. Ontem, no Estádio da Luz, foi uma manhã efervescente: o novo técnico («chamem-em apenas Ebbe») sempre ao lado do seu empresário (o sueco Lantz) e a direcção benfiquista em força (João Santos, Marcel de Almeida, Gaspar Ramos, José Gomes Machado, dr. Alcino António, Mário de Oliveira).

Um a um, os artistas iam transpondo a porta grande. A certa altura, casaco largo e calças «dernier cri», todo em castanho, chega o marroquino Hajri. Do grupo de espectadores sai um comentário:

— Olha, vem a pé. Ainda não tem automóvel...

Réplica imediata de outro adepto benfiquista:

— Ele precisa é de um camelo...

Foi, não há dúvida, uma bela confraternização entre os jogadores, dirigente e técnicos que já se conheciam, a rapaziada que chega de longe cheia de esperança e, também, aqueles que têm o futuro ainda incerto, embora permaneçam umbilicalmente ligados ao clube da águia. Ora ontem como está no cartaz: Bento, Silvino, Veloso, Dito, Edmundo, Álvaro, Shéu, Carlos Manuel, Chiquinho, Diamantino, Nunes, Rui Águas, Samuel e Rui Pedro (garantidos no bloco que vai atacar a temporada oficial), mais as últimas aquisições (Elzo, Mozer, Hajri, Chalana, Augusto, Pacheco, Fonseca, Eurico, Paneira, Dias Graça e Damas). Casos arrumados: Pietra (que deixa a activiade futebolística para enveredar por outros negócios: artigos desportivos, vídeos, talhos) e António Bastos Lopes (que passa a integrar o corpo técnico de apoio aos mais jovens escalões etários). Pietra e Bastos Lopes receberam duas «lembranças» (cheques chorudos) como «o obrigado pelos serviços prestados ao Benfica».

Outra gente já saiu para novos destinos: José Luís, César Brito, Oliveira, Manniche, Neno, Gonçalves, José Carlos e José Fernandes. Em contrapartida, um regresso: Carlos Pereira, que **«vem para se fixar no plantel** como nos diria Gaspar Ramos acrescentando onde morarm algumas dúvidas:

-Não sabemos se Delgado continua com a gente, tal como há hipóteses da saída de Vando e de Zivkovic, ainda que com o jugoslavo as coisas estejam complicadas, porque quer estar aqui até à conclusão do seu contrato.

Quanto a cedências:

-Quase tudo arrumado: Vítor Paneira (que já tem mil contos pela assinatura no compromisso com o Benfica) é emprestado ao Vizela, Tiano (fica mais uma época no Gil Vicente), Carlos Duarte (que saiu do Sesimbra) é facultado ao Louletano. Outros nomes poderão ser emprestados: José Tó, Padinha, Kikas (um dos júniores promovidos, ao lado de Luís Mariano e Marlos).

-Tueba não apareceu...

Gaspar Ramos faz um gesto de desagrado:

-Infringiu o que estava convencionado: ele queria jogar no domingo, pelo Zaire, mas demos ordem para cá estar nesta 2.ª feira ao lado dos colegas. Faltou: está já incurso em caso disciplinar.

A pergunta, meio a medo: Cascavel? O homem-forte do Departamento de Futebol do emblema rubro responde:

-Tem havido negociações mas, até este momento, não se encontrou acordo pleno com o Vitória de Guimarães. De qualquer modo, mesmo que a contratação se concretize pelas próximas horas, não vejo hipótese de ir connosco para o estágio, na Suíça. Embarcamos na 4.ª feira e até pode também acontecer que o Tueba fique por cá...

José Gomes Machado com a palavra:

— O Benfica está, em todos os campos de acção, a planificar correctamente a actividade, esse foi o propósito que anunciámos na altura da candidatura; esse é o lema que respeitaremos integralmente. Defenderemo sempre os interesses do clube, tanto nos aspectos quantitativos como qualitativos.

Gaspar Ramos entra na conversa:

Por isso é que, em relação ao futebol, apenas nos falta um outro ponta de lança.

Claro: pensado mas recolhido no íntimo. Esse mesmo: Paulinho Cascave.

●

— You are OK, Chalana?

Ebbe cumprimenta o «pequeno genial». Fernando Chalana responde-lhe, através de Borge Lantz:

— Quase, quase. Com uns treinozitos mais, isto vai. A minha grande alegria foi voltar ao Benfica, especialmente pela porta maior e, segundo creio, entre a festa de todos os meus colegas. Vou corresponder à aposta que fizeram em mim: treinei no Porto e no Paços de Ferreira (durante o outro ano) agora fiz uns jogos durante as férias, creio que podem contar com o antigo Chalana. Quero esquecer (completamente) a aventura da ida para Bordéus...

●

O corpo médico benfiquista examina todos os atletas, actualizando fichas, abrindo novas cartas no ficheiro: Vieira da Fonseca, Amílcar Miranda, João Magno, Bernardo Vasconcelos, Sabino e António Horta, ajudados pelos massagistas Hamilton Marques, João alhinhas e José Ramos estão no trabalho. Artur Monteiro (responsável pelo Departamento de Futebol Juvenil) revela-nos:

— Estamos a pensar ter um «team» com idades compreendidas entre os 19 e os 21 anos e conseguirmos fazer vingar a «Taça Nacional de Aspirantes». Entre 19 e 24 do corrente vamos com essa rapaziada actuar em França (Montatair) com base num «team» de juniores mesclado de valores mais experientes.

Fala dos juniores que passam ao escalão maior: Bizarro, Resende, Xavier, Abel, Paulo Madeira e Melo. E mostra grande confiança:

— Vocês podem ir fixando estes nomes: qualquer dia, serão «craques»...

●

Ebbe, bem humorado, sorriso fácil e diálogo aberto, já anda com um dicionário de português debaixo do braço. E começa logo a dizer-nos:

— Senhores, bom dia. Hoje treino no Jamor. Podem ver, of course...

Manuel Bento está risonho mas também preocupado: o filho anda aflito do joelho esquerdo, **«estava a jogar à bola e levou uma pancada»**. Daí a pouco desanuvia-se o rosto:

— O Hamilton deu-lhe um toque e o miúdo já está como novo. É mais mariquinhas que o pai...

Manuel Galrinho Bento: em **brasa** por causa das **«centenas de contos que gastei com a minha fractura, de que estou desembolsado e sem uma palavra da Federação»**. Carlos Manuel passa perto e ouvindo falar em Federação, sai-se com esta:

— Cruzes, canhoto...

Carlos Manuel desagua para outra área:

— Este ano, não há qualquer dúvida: apetrechou-se a capricho. Vai haver luta leal, com todo o melhor do nosso bom espírito, pela conquista de lugar no 'onze' principal. Esperam-nos muitas tarefas e também não podemos ser apenas dúzia e meia...

Nené, Bastos Lopes, Coluna, José Henriques, Peres Bandeira: muita gente vai estar ao trabalho na Luz ou espreitando valores que andam por aí fora, em clubes pouco conhecidos. Toni, Eusébio e Jesualdo Ferreira ficarão directamente ligados ao «team» principal, enquanto um gabinete de suporte a todo o futebol benfiquista terá Rui Caçador (levemente aborrecido porque ainda ninguém lhe falou em assinar o contrato) que nos diz:

— No meu ponto de vista, e porque o treinei durante muito tempo, acho que se está a valorizar muito depressa o Chiquinho, que veio do Maxaquene (Moçambique) **para o Belenenses. Tem enorme potencialidade, mas o seu custo vai tornar quase incomportável a vinda de outros jogadores moçambicanos para Portugal. E, mesmo assim, será necessário que o Belenenses cumpra rigorosamente o protocolo que assinou com o governo de Moçambique.**

Enfim: abertura larga (como nunca se vira) do futebol benfiquista a Comunicação Social. Os jogadores, alegres como um passarinhos: alguns (Chalana, Pacheco, Augusto) tinham vindo de rubricar contratos no notário. E (pelo menos) trinta artistas pagos a peso de ouro fazendo as malas para a abalada até à Suíça: «Torneio de Berna» (ao lado do Internacional de Porto Alegre, Neuchatel e Grsshopers). Depois, o conjunto estará em Espanha: «Taça Teresa Herrera» (lado-a-lado com Bétis, Corunha e Everton) e, logo, no «Colombino» (em Huelva).

— E já recebemos mais doze convites para jogos em menos de três meses, o que é completamente impossível, até porque nem sequer sabemos quando começa o campeonato e quantos clubes vão participar nessa maratona.

Gaspar Ramos conclui:

– Numa coisa podem estar certos: o Benfica estará contra qualquer idéia de alargamento da 1.ª divisão. Venha ela de onde vier. Só esperamos que o mesmo bom senso esteja presente na altura em que os demais clubes interessados possam emitir opinião.

Pronto: aí está o Benfica «new look». Que fala inglês, mas espera rapidamente entender-se só em português. Com a tal pequena dupla diferença francesa: Tueba (com juízinho) e Hajri (em automóvel e não sobre um camelo) a darem aos benfiquistas as mesmas alegrias que ontem eles já vislumbraram nos demais «astros» da nova companhia de «mister» Ebbe Skovdahl.

Jamor: treino vespertino de desentorpecimento, para primeiro contacto com o novo técnico

Associação de Futebol do Porto explicou "aliança" com a FPF

A Associação de Futebol do Porto realizou, ontem, uma conferência de Imprensa para dar a conhecer as razões que a levaram, em conjunto com as suas congéneres de Braga, Funchal, Leiria, Viana do Castelo e Vila Real, a solicitar a marcação de uma assembleia geral da FPF, que se realizará no próximo dia 15 do corrente e que terá como ponto fulcral da agenda, a destituição do executivo liderado (ainda) pelo dr. Silva Resende. Na foto, Adriano Pinto (ao centro) explica o comportamento da sua Associação ao longo de todo o processo que envolve o elenco federativo e as demais estruturas do futebol luso.

Delegação da Câmara Municipal de Lisboa esteve presente na "Universíada"

A convite do governo da Jugoslávia feito através da Embaixada daquele país, em Lisboa, deslocou-se a Zagreb uma representação da Câmara Municipal de Lisboa composta pelo vereador do Pelouro de Desporto, dr. Vítor Gonçalves, dr. Luís Duque (adjunto de Nuno Abecasis) e professor Mário Silva, que, para além de estabelecerem diversos contactos com as principais autoridades daquele país, nomeadamente com o presidente da República Croácia (Ante Markovic), presidente da Câmara Municipal de Zagreb (Mato Mikic) e presidente do Comité Organizador da XIV Universíada (Josik Markovic), participaram na sessão de apresentação de edição seguinte dos Jogos Mundiais Universitários, a realizar em Saporo (Japão), tendo ainda sido recebidos na Faculdade de Economia.

No último dia da visita, a delegação portuguesa teve uma audiência privada com o presidente da Câmara de Zagreb, sendo analisados diversos aspectos relacionados com a futura cooperação entre as duas cidades no âmbito cultural, comercial e desportivo e ainda estudar a possibilidade da realização da «Semana de Lisboa» em Zagreb e da «Semana de Zagreb» em Lisboa.

O dr. Vítor Gonçalves convidou, em nome da CML, Mato Mikik a visitar a capital portuguesa em data próxima. A delegação lisboeta visitou as instalações onde decorreram todas as competições e assistiu à inauguração da Universíada, de onde Portugal regressou com uma medalha de ouro conquistada pelo nadador Alexandre Yokochi, na prova dos 200 metros/bruços. Recorde-se que esta competição foi participada por mais de 10 mil atletas em representação de 128 países.

Na sua agenda

Boxe: torneio de encerramento

Organizado pela Associação de Boxe de Lisboa, realiza-se, na próxima sexta-feira, no pavilhão do Liberdade Atlético Clube, a 1.ª sessão do torneio de encerramento com a realização dos seguintes combates: galos: Paulo Vasconcelos (Belenenses) — Fernando Oliveira (A. Musgueira); ligeiros: Avelino Mendes (Belenenses) — João Pedro (A. Musgueira) e José Lima (E. Amadora); M/M ligeiro: Mário Conde (E. Amadora) — Júlio Moreno (Rio de Janeiro); M/médio: Rui Confraria (E. Amadora) — Rui Abade (E. Amadora).

As finais referentes ao torneio terão lugar no dia 31 do corrente.

Andebol: começa hoje o Torneio Xira Cup

Inicia-se hoje e amanhã o V Torneio Internacional Xira Cup em andebol, organizado pela União Desportiva Vilafranquense com o desfile das delegações e equipas participantes, pela Rua Alves Redol com concentração no Largo da Câmara.

Desporto nas Férias: um projecto da Quimigal

Desporto nas Férias é um projecto apresentado pelo Grupo Desportivo da Quimigal, em sequência de experiências anteriores e que conta com o apoio da Câmara Municipal do Barreiro.

Trata-se de uma iniciativa que irá permitir o enquadramento, no seu tempo livre de férias, a cerca de 400 crianças.

TRIBUNAL JUDICIAL DO 17.º JUÍZO CÍVEL DE LISBOA

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação do anúncio,

Execução Ordinária, n.º 3710, 3.ª secção.

Exequentes – Caixa Económica de Lisboa.

Executado – José Luís Paiva Martins e mulher Maria Hermínia Pires Ferreira de Paiva Martins, residentes na Rua Tristão Vaz, 24 - 2.º Esq.º – Lisboa.

Lisboa, 9 de Julho de 1987

O Juiz de Direito,
José Alberto Caetano Duarte

O Escrivão de Direito,
Rosa Maria Vitorino Teles

«DL» 21/7/87 – 1.ª Pub.

SETÚBAL: META DO VITÓRIA É FIXAR-SE NA 1.ª DIVISÃO

Num acto que teve a presença da Comunicação Social, o Vitória de Setúbal apresentou a sua turma futebolística **«tendo como meta principal para a temporada de 1987-88 a sua manutenção na divisão de honra — afirmou o presidente do clube sadino. É utópico pensarmos em participar em provas europeias quando a nossa meta é não descermos de divisão»** disse Fernando de Oliveira.

Segundo aquele dirigente desportivo, **«O Vitória de Setúbal vai ser ambicioso, mas sem pensar na Europa»**, salientando que os jogadores devem preocupar-se apenas com um bom comportamento no campeonato nacional.

O acto de apresentação da equipa sadina decorreu no Estádio do Bonfim, tendo Fernando de Oliveira discursado perante 25 futebolístas: **«Temos o 'plantel' possível. Vamos efectuar novas contratações e queremos que o Vitória de Setúbal continue a ser digno de um grande prestígio»** — destacou Fernando Oliveira.

A Imprensa foi convidada a visitar a sala de troféus, que sofreu obras de ampliação e onde se encontram milhares de taças e medalhas que podem ser admiradas pelos associados e visitantes.

Durante a sessão, foi anunciado o calendário dos jogos de preparação da equipa, estando previsto para o dia 4 de Agosto uma partida particular frente ao Benfica, no Estádio da Luz. O Vitória de Setúbal participa ainda nos dias 14, 15 e 16 de Agosto, em Espinho, no «Torneio da Costa Verde.»

Sob o comando técnico de Malcolm Allison, a equipa sadina será formada pelos seguintes jogadores: Ademar, Aparício, Crisanto, Formosinho, Hernâni, Jesus, Massano, Maside, Meszaros, Paulo Antunes, Ribeiro, Roçadas, Tó Maria, Quim, Vítor Madeira e Zezinho, além de Hélio e Miguel Ângelo, ex-juniores. As aquisições do Vitória de Setúbal para a próxima época são as seguintes: Neno (ex-Benfica), Balacó (ex-Portimonense), Flávio (ex-Académica), José Rafael (ex-Boavista), Fidalgo (ex-Estrela de Portalegre), Paulo Roberto (ex-Sport Covilhã) e Lazar Szentes (ex-Vasas Gyor da Hungria).

O bloco de jogadores vitorianos

Académica ao ataque

A Académica de Coimbra regressou ao trabalho com o objectivo de fazer um campeonato tranquilo e **«conquistar um lugar europeu se a sorte der para isso».** O vice-presidente academista, Castenheira Neves, afirma que o clube espera obter este ano a **«melhor classificação dos últimos anos»** o que **«pode significar a conquista de um lugar europeu».**

Quanto ao «plantel», Castanheira Neves declara que, em princípio, ele vai ser alargado com a contratação de mais um jogador, nomeadamente um médio de origem brasileira.

O treinador Vítor Manuel considera também que o lote de jogadores escolhidos **«dá garantias de não se chegar à última jornada na mesma situação deste ano».** Podemos fazer coisas bonitas e, sobretudo, marcar mais golos porque o 'plantel' deste ano comporta mais soluções atacantes», disse Vítor Manuel.

A partir deste ano, a Académica vai ter **«olheiros»** em todo o País, com o objectivo de observar jogadores que possam vir a integrar a equipa sénior e também as camadas jovens. **«O mercado atingiu proporções e valores de tal ordem que apenas nos resta apostar na observação de jogadores, e na formação dos nossos próprios jovens»,** diz Castanheira Neves.

Para a presente época, a Académica conta com um «plantel» de 26 jogadores, entre os quais quatro estrangeiros: Cadorin, Barry, Mounsif e Sorry. Um destes estrangeiros deverá ser emprestado por uma época a clube ainda a designar e tudo indica que seja o africano Sorry.

Na apresentação estiveram todos os jogadores, entre os quais as novas aquisições: Valente (ex-Marítimo), José Mendes e Mota (ex-Vitória de Setúbal), Simões (ex-Portimonense), Baltazar (ex-União da Madeira), Cadorin (ex-Sporting), Eldon (ex-Marítimo) e Sorry (ex-Dinamo Cuanza Sul). Os jogadores dispensados foram Pedro (para o Louletano), Francisco Silva (Fafe), António Augusto e João Carlos (Moreirense), Flávio (Vitória de Setúbal), Carlos Xavier (Sporting), Paulo Xavier (Estoril), Batista (Oliveira do Bairro) e Bravo (Marialvas).

A Académica vai efectuar um estágio na Figueira da Foz até ao próximo dia 31 e segue no dia 5 de Agosto para o Canadá, onde vai participar num torneio quadrangular com a Juventus, o Dinamo de Zagreb e o Toronto. Esta digressão alarga-se-á (provavelmente) aos Estados Unidos, onde a Académica deverá realizar dois jogos com equipas norte-americanas. A estreia da Académica realiza-se no próximo dia 1 de Agosto, na Covilhã, perante a equipa local.

Chaves apresenta-se

O técnico Raul Águas prometeu continuar o trabalho da época passada, em que o clube conseguiu a qualificação para as competições europeias, na apresentação do «plantel» para a época de futebol de 1987-1988. Na apresentação do «plantel» notou-se apenas ausência de dois jogadores búlgaros (Rali e Slako) devido a diifculdades na viagem para Portugal. O avançado Slakov é uma das sete aquisições do Chaves para a temporada, tendo sido recomendado pelo seu compatriota Radi.

O Chaves, que perdeu Jorge Plácido (para o FC Porto), viu a sua saída ser compensada por Vermelhinho (antigo «internacional») e, como avançados, contratou ainda Jorge Silvério (Beira-Mar) e Abel (Famalicão). Para o sector intermediário adquiriu Serra (Braga) e para a defesa contratou Rogério (Gil Vicente) e Vicente Setúbal. A direcção do clube está a fazer ainda os possíveis para contratar o defesa Bandeirinha, do FC Porto.

O orçamento para esta época é de 170 mil contos e, para o jogo com a Universidade Craiova para a 1.ª eliminatória da «Taça URFA», o Chaves pensa efectuar dois voos «charters» para satisfazer aos cerca de três centenas de pedidos de associados e simpatizantes do clube.

Farense: técnico só observou

A crise directiva aberta no Sporting Farense pela demissão do presidente Fernando Barata está longe do seu termo, não obstante as diligências já efectuadas pelo presidente da assembleia geral para as debelar. Cabrita Neto recebeu ontem a direcção em exercício do clube, depois de ter ouvido, em encontros separados, os principais intervenientes no processo, os vice-presidentes José Alves e Eduardo Chaby e o presidente da comissão de obras (José Custódio) para além, de Fernando Barata.

Entretanto, o Conselho Geral do Farense, órgão consultivo da colectividade, reúne hoje à porta fechada, para análise da situação. Só então será marcada uma assembleia geral extraordinária, «quando estiverem criadas as necessárias condições de estabilidade no interior do clube», defende o presidente daquele órgão. Deste modo não se realiará amanhã a assembleia solicitada por um grupo de associados do Farense, afecto ao presidente demissionário, enquanto se desconhece igualmente qual o teor da agenda de trabalhos previsto. «Estamos a trabalhar tranquilamente naquilo que é necessário e urgente fazer», referiu o vice-presidente Eduardo do Vale (Chaby), acrescentando: «Hoje fecharemos contrato com o ex-olhanense Oliva e o programa de contratações vai continuar, sem quebra de ritmo».

Sobre as alternativas que se colocam no futuro imediato, aquele dirigente afirmou não estar em causa uma eventual eleição do bloco directivo, mas sim e apenas «a fgura do seu presidente». Para tal, seria necessário haver primeiro a aprovação do relatório e contas da gerência (como é dos estatutos) «a não ser que a assembleia delas prescinda» — destaca.

Na hipótese de haver acto eleitoral para todo o elenco, Eduardo Chaby admite o aparecimento de mais de uma lista em confronto directo, uma vez que (disse) «é uma faculdade dos estatutos que não obrigam à apresentação de listas únicas...»

Ao nível da preparação da equipa, com vista à nova temporada, foi dado o arranque, ainda sem a orientação do técnico Cláudio Garcia que compareceu em S. Luís como «espectador», aguardando o evoluir dos acontecimentos. «Em princípio, contamos com ele para dar sequência ao trabalho», garante Eduardo do Vale, acrescentando que «a hipótese noticiada de Mário Reis assumir o comando da equipa, é apenas uma alternativa para o aso de Cláudio Garcia não desejar continuar ao nosso serviço.»

Boavista em Angola

O Boavista terá como adversários o Flamengo (Brasil), o Zamalek (Egipto) e o Primeiro de Agosto (Angola), num torneio que vai decorrer em Luanda. O torneio quadrangular disputa-se em 1 e 2 de Agosto e comemora o 10.º aniversário do clube angolano.

Vianense: presidente demite-se

Alegando não estarem reunidas as condições básicas ara prosseguir a sua missão, o presidente da direcção do Vianense, Armindo Esperança demitiu-se daquele cargo, sendo provável que os seus companheiros do executivo assumam igual decisão.

Fernando Carvalho recebe agradável prémio pelo triunfo

No final: vencedores no pódio dão banho de espumante

O êxito de "O Jogo"

Constituiu um autêntico êxito desportivo a I Edição do Grande Prémio «O Jogo», em Ciclismo, que teve início no Montijo e terminou em Gondomar.

Esta nova prova do calendário federativo, organizada pelo diário desportivo » O Jogo», teve a direcção do experimentado e competente «expert» Serafim Ferreira (director daquele jornal) e as seis etapas, no total de cerca de 800 quilómetros, foram disputadas com inquestionável interesse por parte de todos os intervenientes (profissionais e amadores), sendo de destacar o surgimento de novos valores da velocipedia nacional.

Para a história de uma competição, que obrigatoriamente terá continuidade, o nome dos vencedores das etapas: Fernando Carvalho (prólogo), Carlos Moreira (duas), António Araújo, Marco Chagas, Cayn Thekston e Orlando Neves. O grande triunfador foi Fernando Carvalho, do Louletano.

"Tour": irlandês veste de amarelo

O irlandês Stpehen Roche retirou a liderança do «Tour» ao francês Jean-François Bernard quando faltam apenas seis dias para o fim da prova.

Roche assumiu o comando da corrida ao acabar a 19.ª etapa em 2.º lugar, a apenas três segundos do vencedor da tirada, o espanhol Pedro Delgado, que gastou o tempo de quatro horas 53 minutos e 34 segundos para os 185 quilómetros do percurso.

Bernard, que passara para o comando do «Tour» na véspera, terminou com mais de quatro minutos de atraso de Delgado e Roche e desceu para a 4.ª posição na geral, vítima de um furo na primeira das cinco duras subidas.

Acácio da Silva ficou em 78.º lugar com mais 15 minutos e 16 segundos que o vencedor da tirada.

Com esta posição na etapa, Acácio da Silva subiu quatro lugares na geral, sendo agora 66.º, com um atraso de uma hora, oito minutos e 58 segundos em relação ao novo camisola amarela.

Classificações:
Na etapa:

1.º Pedro Delgado, Espanha, 4.53,34 horas; 2.º Stephen Roche, Irlanda, a 3 segundos; 3.º Marino Lejarreta, Espanha, a 31 s; 4.º Anselmo Fuerte, Espanha, a 31 s; 5.º Charly Mottet, França, a 31 s; 6.º Luís Herrera, Colômbia, a 1.06 minutos; 7.º Alfred Ackermann, Suíça, a 2.08 minutos; 8.º Theo de Rooy, Holanda, m.t.; 9.º Martial Gayant, França, m.t. e 10.º Laurent Fignon, França, m.t.

Geral: 1.º Stephen Roche, Irlanda, 84.35.14 horas; 2.º Charly Mottet, França, a 41 s; 3.º Pedro Delgado, Espanha, a 1.19 minutos; 4. Jean-François Bernard, França, a 1.39; 5.º Luís Herrera, Colômbia, a 6.47; 6.º Fabio Parra, Colômbia, a 12.54; 7.º Pablo Wilches, Colômbia, a 14.30; 8.º Andrew Hampsten, EUA, a 14.19; 9.º Marino Lajarreta, Espanha, a 14.49 e 10.º Raul Alcala, México, a 15.09.

Colectividades

Sport Futebol Damaiense — novos dirigentes

Em sessão de assembleia geral realizada no passado dia 6 do corrente, foram eleitos os novos dirigentes do Sport Futebol Damaiense para dirigir os destinos da colectividade durante o biénio 87/88:

Assembleia Geral: presidente — dr. Henrique Custódio; secretários — António dos Reis Túbal e João Ribeiro Vidreiro. **Direcção**: presidente — Manuel Mestre Gonçalves; vice-presidentes — José Mesquita Augusto e Luís Alberto Pinto Alves; tesoureiro — Mário Lima dos Santos; secretários — António Eugénio Sereno e Jaime Mourão dos Santos; vogais — António Madeira Mendes, Manuel Bartolomeu do Carmo, Dinis Correia, Ilídio Silva Lino, Vítor Manuel Guerreiro dos Santos e José Carlos Sousa Santos. **Conselho Fiscal**: presidente — João Venâncio Mateus; secretários — Manuel Silva Almeida e Francisco Silva Borrego. **Delegados à Federação e às colectividades de cultura e recreio**: Jaime Pedro Mourão dos Santos e António Eugénio Sereno.

E P

	T. 6 h	Min.	Prec.	Às 13 h.
Bragança	12	12	0,0	Neblina
V. Castelo	13	12	0,0	P. nub.
Vila Real	16	15	0,0	Limpo
Porto	11	11	0,0	P. nub.
Coimbra	14	14	0,0	Neblina
C. Carvoeiro ..	16	16	0,0	P. nub.
C. Branco	–	–	–	–
Portalegre	18	15	0,0	Limpo
Lisboa	17	17	0,0	Neblina
Évora	15	15	0,0	Neblina
Beja	13	13	0,0	Limpo
Faro	18	18	0,0	Limpo
Sagres	16	16	0,0	P. nub.
P. Delgada	19	19	0,0	P. nub.
Funchal	21	20	0,0	M. nub.

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 28, Porto 24, Faro 29, Ponta Delgada 26, Funchal 24.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

N E

	T. 7 h	Min.	Às 13 h.
Madrid	16	16	Limpo
Londres	14	14	Chuvisco
Paris	14	14	Aguaceiros
Bruxelas	14	14	Chuva
Amesterdão. ...	14	12	Neblina
Genebra	16	15	M. nub.
Roma	22	20	Neblina
Oslo	19	16	M. nub.
Copenhaga	13	12	Encoberto
Estocolmo	18	12	P. nub.
Berlim	16	16	M. nub.
Viena	18	15	M. nub.
Varsóvia	17	12	Neblina
Atenas	–	–	–
Moscovo	14	9	Neblina

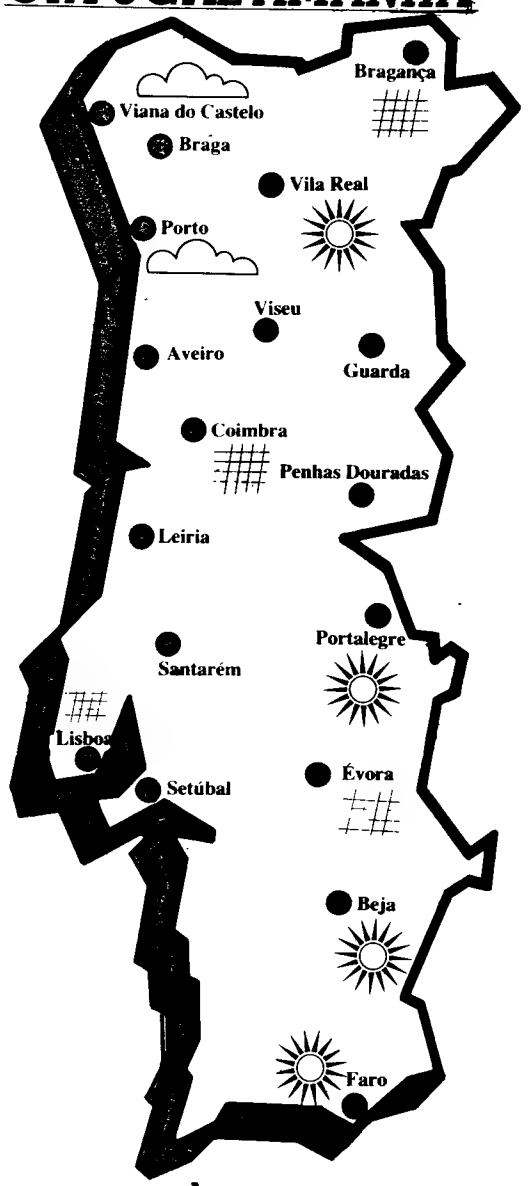
Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

N M

	Min.	Máx.	Às 13 h.
Caracas	18	26	—
Joanesburgo ...	6	10	Nublado
Los Angeles	15	29	Limpo
Montreal	16	24	Nublado
Nova Deli	31	41	Nublado
Nova Iorque ...	23	34	Nublado
R. de Janeiro ..	19	20	Nublado
S. Francisco ...	11	20	Nublado
São Paulo	16	29	Nublado
Tóquio	22	25	Chuva

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

PORTUGAL AMANHÃ



EUROPA ÀS 6 HORAS

TEMPO

HOJE

No Continente:

Céu geralmente limpo. Vento fraco, soprando em regime de nortada moderada no litoral Oeste, durante a tarde. Pequena subida de temperatura.

Estado do mar:

Costa Ocidental: Mar de pequena vaga a cavado e ondulação de noroeste de 2 a 3 metros.

Costa Sul: Mar encrespado ou de pequena vaga e ondulação de sudoeste inferior a 1 metro.

Nos Açores:

Períodos de céu muito nublado. Vento fraco. Aguaceiros fracos.

***Estado do mar:* Mar encrespado a de pequena vaga. Ondulação de noroeste de um metro.**

Na Madeira:

Período de céu muito nublado. Vento fraco a moderado de norte.

***Estado do mar:* Mar encrespado a de pequena vaga. Ondulação de norte com cerca de dois metros.**

AMANHÃ

Céu geralmente limpo. Vento fraco soprando em regime de nortada moderada no litoral oeste durante a tarde. Neblinas matinais.

DEPOIS

Céu geralmente limpo. Vento fraco soprando em regime de nortada moderada no litoral oeste durante a tarde. Neblinas matinais.

MARÉS

Hoje

Praia-Mar		Baixa-Mar	
0	m	6.27	1,7 m
13.08	3,3 m	19.07	1,6 m

Amanhã

1.37	3,2 m	7.19	1,6 m
14.03	3,4 m	19.58	1,5 m

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

• *Informação da agência Lusa*

Cinema de Paris

"Tandem" ou a solidão no plural

Uma solidão no plural masculino, no quadro da nossa época radiofónica em debilidade mental — tal é o último filme de Patrice Leconte, entre o indivíduo e o público, em suposta ou impossível comunicabilidade.

Um realizador de programas-questionários por cidadezinhas da provincia que assim tristemente se animam, anda nisso há já um quarto de século, com um comparsa técnico e secretário, vítima fiel e passiva da sua megalomania de cabotino. Um «tandem» de solitários, um em arrastado divórcio, outro que telefona amorosamente a uma mulher inexistente ou há muito debandada. Única salvação desta deriva psicológica, uma consciência profissional que a rotina não desfez, mas os programas perdem pé, e o produtor resolve anulá-los, subitamente. Entre o vexame e o desemprego se passará a segunda parte do filme, mais francamente até à reconstituição do tandem para menos gloriosas empresas de publicidade eventual, em armazens ou feiras. «Happy end» de uma amizade reencontrada, decerto — mas é o que antes ficou que interessa, nesta obra discretamente sarcástica que a solidão domina, sempre, de quarto em quarto de hotel, em terrores de auto-estrada, em jantares oferecidos à pequena celebridade radiofónica do realizador, pelas gentes gradas das vilas que assim também entretêm um vazio celular.

Que uma vez uma mão de mulher se estenda ao protagonista que ela adivinha para além do seu papel de vedeta pires, que uma criadita de hotel acolhe o companheiro para um amor breve — são pontos que mais fazem valer o isolamento contínuo dos dois caixeiros-viajantes duma miserável cultura de massas. E do individual para o colectivo e reciprocamente, «Tandem» reenvia a história que conta...

Ela não poderia, porém, ser contada sem os dois actores que a encarnam, e Jean Rochefort, bigode de galã bem pintado, casaco vistoso de vedeta, tem neste filme um dos seus melhores papéis. Tal como o seu companheiro, Gérard Juniot, apagado e certo, resignado à miséria do ofício. Dom Quixote e Sancho Pança, se quisermos alguma comparação para esta obra picaresca e tragicómica.

J. A. França

Uma luta corpo a corpo

COMUNA - TEATRO DE PESQUISA

3.ª PRODUÇÃO
ÉPOCA 86/87

3.ª a sábado às 21.30
Domingo às 17 h.

"OS DOIS CORCUNDAS E A LUA"

sub. S.E.C.

■ texto
RICHARD DEMARCY
■ encenacao
JOÃO MOTA
■ musica
DOMINGOS MORAIS e J. PEDRO CAIADO

CURTA SÉRIE DE ESPECTÁCULOS / ATÉ FIM DE JULHO
PR. ESPANHA - T. 726 08 18

5.º JUIZO CÍVEL DE LISBOA

ANÚNCIO

Pela 2.ª Secção, do 5.º Juizo Cível de Lisboa, nos Autos de Execução Ordinária n.º 9437, que a CAIXA ECONÓMICA de LISBOA, move contra o Executado JOÃO COTRIM ALVES e mulher MARIA DE SÃO JOSÉ ALVES DE MATOS COTRIM, com última residência conhecida na Rua Um, Lote 92-4.º E, Reboleira Sul, Amadora, correm éditos de vinte dias, a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos daqueles executados para, no prazo de DEZ dias posterior aos dos éditos, virem à execução deduzir os seus direitos.

Lisboa, 9 de Julho de 1987

O Juiz de Direito
Guilherme Augusto da Igreja

A Escriturária Judicial
Zulmira Trindade Simas

«D.L.» - 21/7/87 - 1.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE TOMAR

Anúncio

Pelo 2.º Juízo, 1.ª Secção do Tribunal Judicial de Tomar, correm termos uns autos de Inventário para Separação de Meações, n.º 199/A/81, em que é requerente **Maria Rosa Luís**, divorciada, doméstica, residente em Porto Pinheiro, Olalhas, Tomar e requerido CUSTÓDIO DE JESUS LUÍS, divorciado, reformado, com última residência conhecida em Praceta do Campo das Amoreiras, Lote 2 e 3, Letra H, em Lisboa, e actualmente em parte incerta, é este requerido notificado para no prazo de **cinco dias**, finda a dilação de **trinta dias**, contado a partir da segunda e última publicação do anúncio, dizer o que tiver por conveniente quanto à rectificação requerida pela requerente, acima indicada, referente ao registo da descrição do Registo Predial da verba n.º 2 da «Descrição de Bens», uma vez que como se constacta do documento junto aos autos, o lote de terreno que constituía aquela verba já se encontra autonomizado na Conservatória do Registo Predial de Loures, sob o n.º 638, fls. 116 do Livro B, 17, com base na inscrição n.º 8596 de fls. 178, do Livro G-21, datada de 8/3/72, à data daquela descrição.

Entendendo-se que concorda com a referida rectificação, se nada disser naquele prazo.

Tomar, 14 de Julho de 1987
O Juiz de Direito
a) *João Carlos Pires Trindade*

A Escriturária Judicial
a) *Maria Emília Ramos*

«DL» – 21/7/87 – 1.ª Pub

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE LOURES

PROCESSO N.º 1435/86
2.ª SECÇÃO – 1.º JUÍZO

ANÚNCIO

No dia 8 de Outubro de 1987, pelas 10 horas, na 2.ª Secção do 1.º Juízo da Câmara de Loures e nos autos de Execução Ordinária número 1435/86 que a exequente M. PEÇAS, LIMITADA move contra a executada MARIA LEONOR ÂNGELO TITO, residente na Praça I, à Rua de Cabo Verde, Lote 43-3.º Esq.º, em Olival de Basto — Loures, há-de ser posto em primeira praça para ser arrematado ao maior lanço oferecido o seguite imóvel: «Fracção autónoma, designada por letra «H», que constitui o terceiro andar do lado esquerdo do prédio em regime de propriedade horizontal, sito na Praça um à Rua de Cabo Verde, designado por Lote 43, em Olival de Basto, freguesia da Póvoa de Santo Adrião, concelho de Loures, omisso na matriz, tendo contudo já sido pedida a sua inscrição em 13 de Fevereiro de 1984, descrito sob o número doze mil quinhentos e nove, do Livro B – quarenta da Conservatória do Registo Predial de Loures — Primeia Secção», penhorado à referida executada nos autos acima identificados o qual vai à praça pelo valor de 4 000 000$00 (quatro milhões de escudos).

É depositário do referido imóvel o senhor Carlos Diamantino Trindade Morais, residente na Av. Conde de Avranches, T-1, 3.º Dt.º, em St.º António dos Cavaleiros.

LOURES, 15 de Julho de 1987

O Juiz de Direito,
Rui Hilário Maurício

O Esc. Adjt.º
Jorge Manuel Serrano

«DL» 21/7/87 – 1.ª Pub.

Caminhos de Ferro Portugueses

AVISO AOS PASSAGEIROS DA LINHA DO OESTE
TRABALHOS DE CONSERVAÇÃO NA CATENÁRIA DA LINHA DE SINTRA
(DE 29/6 a 15/9)

A CP informa que, no âmbito dos trabalhos que tem vindo a efectuar na Linha de Sintra para conservação da catenária, além das restrições já do conhecimento público, a partir de 20 de Julho **serão suprimidos os seguintes comboios da Linha do Oeste:**

Dias úteis: Comboios n.ºs 4010 e 4013
Sábados e Domingos: Comboios n.ºs 4010, 4012, 4013 e 4017

Apelando à boa compreensão dos Senhores Passageiros da Linha do Oeste para as perturbações causadas por estes trabalhos, a CP solicita-lhes que utilizem, em lugar dos comboios temporariamente suprimidos, os tranvias da Linha de Sintra com transbordo no Cacém.

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

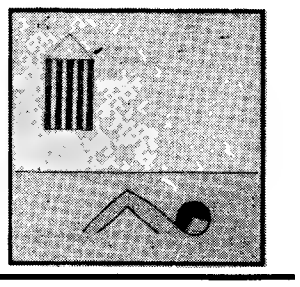
Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do concelho de Ponte de Sor, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, Centro de Distribuição Abrantes, a que se refere o processo n.º 1/3344, arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia de Montargil, concelho de Ponte de Sor, de uma modificação da linha de alta tensão, aérea a 30 KV, com a extensão de 5578 metros, com início no apoio n.º 45 da linha para o PT n.º 709-Montargil, e com término na Central de Montargil.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 7 de Julho de 1987

Pel'O ENGENHEIRO DIRECTOR DE SERVIÇOS

assinatura ilegível



Diogo Dória

EM "JOGOS DE PRAIA"

Neste Verão em brasa que nos reduz a papa, a surpresa teatral chama-se «Jogos de Praia», espectáculo alojado nos domínios da Galeria Monumental, ao Campo dos Mártires da Pátria, onde deverá permanecer até finais do mês. Quatro actores representam, num cenário de areia, como a opção realista impunha, esta peça que o inglês E. A. Whitehead, autor praticamente desconhecido em Portugal, escreveu, no início dos anos setenta.

Encenado por Diogo Dória e João Canijo, «**Jogos de Praia**» reconcilia-nos com o teatro que, por se ter arredado da vida, só com muito estoicismo se aguenta. Por outro lado, vem demonstrar ser possível conceber um espectáculo atraente, que diga alguma coisa ás pessoas e onde elas se reconheçam. Rimos, estamos presentes, participamos. «**A mim basta-me isso: que num teatro se ouça outra vez a vida - isso mesmo, a vida. Ela anda tão longe.**», sublinha Jorge da Silva Melo no programa.

Tanto Joni e Quim, tanta Bela e Maria não há por aí, nas praias, da Caparica ou da Linha, nos transportes públicos, nas cervejarias da imperial bem tirada e do prato de tremoços. «**Jogos de Praia**» fala-nos dos engates, dos encontros e desencontros, dos logros e das frustrações, dos equívocos e da simulação. Das relações complexas entre o masculino e o feminino. Diogo Dória, Vítor Norte, Susana Borges e Rita Branco compõem, muitíssimo bem, o personagens que naquele campo de batalha se degladiam, da forma mais primária, com as armas de que dispõem.

Não comunicam, não se revelam, não intercambiam nada.

«**Corro atrás de quê? Das coisas que me fazem sentir vivo... estou desolado porque não vejo à minha volta o mesmo grau de empenhamento. Claro que não persigo o sucesso e o dinheiro, os meus valores não passam por aí**». Diz Diogo Dória, licenciado em Filosofia, actor e encenador quando pode. Neste campo soma, apenas, duas experiências, mas espera continuar a dirigir espectáculos e, se possível, produzi-los dentro de um sistema flexível, solto, sem a estrutura de grupo estável e tudo o que isso implica.

É a ocasião que conta, o projecto de momento que une, e quando terminado parte-se para outro. Deu a cara já em algumas películas, portuguesas e estrangeiras, embora prefira o teatro porque nele «**sou mais dono de mim próprio**». Todavia ser dirigido por realizadores, como Manuel de Oliveira, com quem fez «**Francisca**», também lhe agrada. «**Ele é um vulcão, acredita no seu trabalho... gosto das pessoas com fibra, entendemo-nos perfeitamente.**»

Expulso de diversos colégios por mau comportamento, inclusivamente do militar, com as suas regras rígidas e implacáveis, Diogo Dória define-se como um rebelde. «**Abatido ao batalhão colegial**», constava da folha do aluno, irradiado da instituição, após inúmeros castigos e espancamentos. «**Aprendi lá o que se aprende na tropa, a desenrascar-me...**» Esteve ainda noutros colégios que, não obstante serem orientados por padres, eram bastante mais moderados em termos disciplinares. Nenhum o marcou tanto como os dos «algozes» da Luz. Para o pai de Diogo Dória, médico formado pela Universidade de Coimbra, com o mito dos fados e guitarradas e das tertúlias, foi o desabar de um sonho. Com que orgulho não passeava o menino fardado, no Chiado! Com que satisfação não o apresentava aos amigos, caso de Vitorino Nemésio e de outros conhecimentos da boémia estudantil coimbrã. Um pai que em casa impunha uma disciplina de quartel e se julgava dono dos filhos. «**Lembro-me de um dia me ter ido buscar a meio de um campeonato, à sociedade recreativa Ordem e Progresso, na Lapa, onde eu jogava tranquilamente pingue-pongue... uma vergonha. Evidentemente que a minha personalidade se estruturou muito em oposição a ele.**»

Salvo, enfim, da carreira militar que odiava, ei-lo, sem grande convicção, na Faculdade de Direito. De facto o que no curso mais o atraía era o lado criminal, tendo visitado algumas colónias penais com vista a uma aproximação da matéria. Contemporâneo da mística MRPP, estabeleceu com os militantes deste movimento algumas alianças pontuais. Contra os professores, contra os gorilas, contra o poder.

«**A nível ideológico não me identificava com eles, nunca apreciei fanatismos, nem dogmas... De resto, depois do 25 de Abril, quando mandavam na Faculdade, revelaram-se iguais aos que tentavam substituir...**»

Ao estilo, de estratégas e tácticas, dos comunistas também não aderiu. «**Esquivavam-se sempre á luta, alegando andarem a estudar as relações de força. Mais tarde, na Comuna, onde toda a gente apoiava Otelo, eu retraí-me pois tinha muitas dúvidas quanto a uma figura que assinava mandados de captura em branco. Nunca me senti minimamente perto dele e muito menos agora, com esta história das FP's. Verdade é que não encontro justificação para o terrorismo, detesto as atitudes premeditadas, no entanto sou capaz de matar um tipo que esteja a agredir outro na rua...**»

Entretanto, desiste de Direito e matricula-se em Filosofia, primeiro num curso livre, até que resolve oficializar a situação. Funda com Cristina Hauser o teatro da **Cantina Velha** e, mais tarde, participa na «**Tragédia Infantil**», espectáculo de Osório Mateus. Uma espécie de força misteriosa empurra-o para a profissão de actor, enquanto o curso se torna uma obrigação, algo que é preciso acabar, um dever a cumprir. «**Vivo impulsionado pela paixão, custa-me a perceber o lado certinho... seria incapz de fazer uma coisa de que não gostasse**».

Não se adapta ao regime de funcionário, colhe da vida o prazer, consoante os desejos e os apelos. É um instintivo, é um obstinado e não se coíbe de dizer o que pensa ainda que o arrojo lhe acarrete prejuízos. Quer ou não quer, gosta ou não gosta — a extrema simplicidade, aquilo que proclama. Gosta de motos, altas velocidades, gosta de **Karate**, modalidade em que detém a classificação de cinturão negro. Gosta de teatro, «**um teatro despojado, feito sobre o actor, sobre a representação**». Qualquer cenário que não sirva o actor, está a mais, é mero decorativismo. Uma excrecência, o processo de encher o olho e criar o vazio.

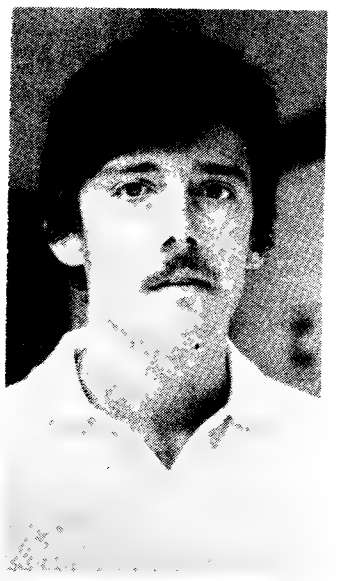
«**Jogos de Praia**» é isso: o corpo dos actores, a voz, a representação. A estreia aconteceu na praia dos **Pescadores**, perante um público popular que vai apanhar sol e banhar-se à Costa de Caparica e que não abdica do transistor e das carcaças com fiambre. «**Mandavam-nos bocas mas até tinha piada, é uma maneira de comunicar. O ideal seria levarmos o espectáculo aos bairros da lata e à periferia de Lisboa... vamos apresentar esta proposta à Câmara Municipal. Com efeito, houve muito cuidado na adaptação da linguagem, bem como no vestir e no comportamento dos personagens. Traduzindo à letra a peça deveria intitular-se «Pares Mistos» que a mim me desagradava por me fazer recordar a gíria do golfe.**

Vi em «Jogos de Praia» uma exposição do machismo, sem roupagens, que campeia, sobretudo, assim tão cru, entre a classe proletária. Onde se desconhece o jogo da sedução, da conquista que progride em função da disponibilidade do outro. «**Qual sedução? Prefiro termos mais curriqueiros tais como a ponta, tusa ou engate. Machistas? Mas elas não são melhores nem piores, equivalem-se. Nesta peça não existem bons nem maus... as feministas, se calhar, vão pegar pelo lado errado, dizer que os homens são os maus da fita**».

Se as origens do autor de «Jogos de Praia» se acham nesse mundo de violência, onde não há lugar para lirismos, Diogo Dória provém de um meio burguês, confortável e bem educado. O oposto. Contudo, compreende o outro universo, não através do olhar do sociólogo ou do político, mas por razões afectivas. «**Estou muito perto dele no Karate e não encaro as pessoas que o habitam como animais do Jardim Zoológico**».

Os quatro actores que contracenam neste espectáculo percorreram as «boîtes», misturaram-se com os representantes da classe social que protagoniza a peça do autor inglês, a fim de observarem poses, tiques, atitudes. Por acaso assistiram a uma cena de engate exemplar com um indivíduo que podia ser o Quim ou o Toni. O objecto cobiçado, uma das actrizes do grupo, depois de um desajeitado assédio foi mimosiada com este piropo: «olha que eu não costumo marcar as mulheres na cara... marco-as no rabo». Os tipos reagem deste modo agressivo às rejeições. Nunca o fazem por menos.

Com um subsídio de 600 contos, concedido pela SEC e Gulbenkian, realizaram-se «Jogos de Praia», cujo próximo destino, provavelemente, será o circuito das praias. É o seu ambiente natural, desconfio que não resulta completamente em espaços fechados. Conta, ainda, com apoios do Círculo de Leitores, do Município e de uma empresa de artes gráficas. Jorge da Silva Melo sugeriu a hipótese do texto

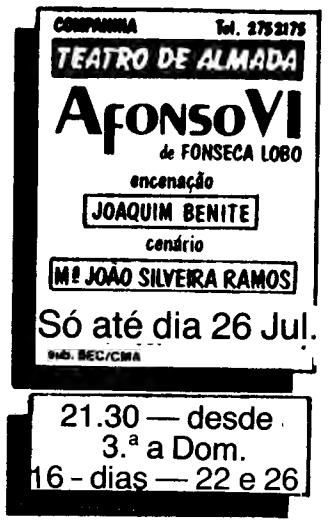


Qual sedução?

a que o grupo insuflou vida, Manuel João Gomes traduziu-o e Elsa Bruxelas encarregou-se da produção.

Mecenato cultural é coisa em que **Diogo Dória** não acredita de todo. A seu ver tudo depende da eterna cadeia de conhecimentos e de «cunhas». «**O que leva o senhor da Macieira a facultar-me a possibilidade de montar um espectáculo e não a outro encenador? Certamente que o que está em causa não é a qualidade do projecto. Julgo, por outro lado, que aos mecenas não lhes interessa, o teato, preferem investir noutros campos artísticos, naquilo em que podem perpectuar o nome e ganhar uma lápide**».

Lurdes Féria



Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

COMBOIO EM FUGA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2

PRIMAS
(n/acons. m. 18 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3

BLUE VELVET — VELUDO AZUL
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 4

FILHOS DE UM DEUS MENOR
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa Club

T. 763319

CAMINHO DE FOGO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 1

BLUE VELVET — VELUDO AZUL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

Amoreiras 2

O NAVIO
(maiores 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 3

SALVADOR
(maiores 16 anos)
13.45, 16.15, 18.45, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 4

PORKY'S
(interdito men. 13 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 5

CAMINHOS DE FOGO
(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 6

COMBOIO EM FUGA
(maiores 12 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00 h

Apolo 70

O NAVIO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 h

Ávila

— T. 539930

ACADEMIA DE POLÍCIA
(A Patrulha do Cidadão)
(maiores 6 anos)
15.00, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis

— T. 547163

O SEXO QUE FALA
(porno)
(interdito men. 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna

— T. 776098

PIRATAS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Uma cena do filme «Os Loucos Anos 50» uma realização explosiva de Peter Zadek a estrear brevemente no Estúdio 444

Capitólio

— T. 372358

VÍBORA DO SEXO
(Int. m. 18 anos)
15.15, 17.30, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil

T. 530194

ACADEMIA DE POLÍCIA 4
(A Patrulha do Cidadão)
(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebolso

SUECAS PERVERSAS
(maiores 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30 h

Cine Camões

T. 324194

FORÇA DE INTERVENÇÃO ANTIDROGA
(Int. m. 13 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Cine 222

— T. 579460

EM BUSCA DA ESMERALDA PERDIDA
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
GLÓRIA
(n/acons. men. 18 anos)
24 h

Cine Portela

— T. 2524761

Estúdio Anusha

CROCODILO DUNDEE
(maiores 16 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Shaza

A COR DO DINHEIRO
(m. 12 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

CONTA COMIGO
(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 23.30 h

Condes

— T. 322523

O FUZILEIRO IMPLACÁVEL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

A FRONTEIRA DO PERIGO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

NOVE SEMANAS E MEIA
(maiores 18 anos)
14.30, 17.00, 19.30 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

O BEIJO DA MULHER ARANHA
(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444

— T. 768078

BARRY LINDON
(maiores 13 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Fórum Picoas

— T. 541037

RECORDA O MEU NOME
(Int. m. 13 anos)
19.00 e 22.00 h

Fonte Nova

— T. 7145109

Sala 1

CROCODILO DUNDEE
(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Sala 2

A LEI DE MURPHY
(maiores 16 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 3

A COR DO DINHEIRO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45 h

Gemini

— T. 734009

PRIMAS
(n/acons. men. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 802859

Sala 1

A COSTA DO MOSQUITO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19, 21.30 e 23.45 h

Sala 2

O FUZILEIRO IMPLACÁVEL
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 18.45, 21.30 e 24 h

Império

— T. 555134

ACADEMIA DE POLÍCIA 4
(Patrulha do Cidadão)
(maiores 6 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

Sala 1

O FUZILEIRO IMPLACÁVEL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.15, 18.45 e 21.30 h

Sala 2

SELVAGEM E PERIGOSA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.45 h

Londres

— T. 801313

SELVAGEM E PERIGOSA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

Sala 1

PIRATAS
(maiores 12 anos)
13.45, 16.15, 18.45 e 21.30 h

Sala 2

BLUE VELVET — VELUDO AZUL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

Sala 3

COMBOIO EM FUGA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Nimas

— T. 574362

CURTO-CIRCUITO
(maiores 6 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Odeon

UMA RAZÃO PARA VIVER, OUTRA PARA MORRER
(interdito men. 13 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olimpia

T. 325309

ODISSEIA CARNAL
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
(Int. men. 18 anos)

Pathé

— 821933

OS DOIS SUPERPOLICIAS EM MIAMI
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30 e 21.00 h

Politeama

INSPECTOR MARTELADA T. 326305
(n/acons. men. 13 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto

T. 771378

Sala 1

O NAVIO
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
SONATA DE OUTONO
(n/acons. men. 18 anos)
23.45 h

Sala 2

O IMPÉRIO CONTRA-ATACA
(n/acons. men. 13 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
O ENIGMA DA PIRÂMIDE
(maiores 12 anos)
23.45 h

Sala 3

POLICE
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
A CHORUS LINE
(maiores 16 anos)
23.45 h

Sala 4

TAXI DRIVE
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
O SOLDADO
(n/acons. m. 18 anos)
00.45 h

Roma

T. 889192

A FRONTEIRA DO PERIGO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy

T. 548560

SARILHO NO FAR-WEST
(n/acons. men. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge

T. 579144

Sala 1

CURTO-CIRCUITO
(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

CROCODILHO DUNDEE
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

Sala 3

A COSTA DE MOSQUITO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e **21.45 h**

7.ª Arte

— T. 730715

ACADEMIA DE POLÍCIA IV
(A Patrulha do Cidadão)
(maiores 6 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star

— T. 804210

CURTO-CIRCUITO
(maiores 6 anos)
15.30, 18.15 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

ACADEMIA DE POLÍCIA – A PATRULHA DO CIDADÃO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19, 21.30 e 23.45 h

Tivoli

— T. 570595

PIRATAS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim

T. 706666

DESESPERADAMENTE PROCURANDO SUSANA
(maiores 12 anos)
15.00, 17.30 e 21.30 h

Xenon

T. 368480

O CÃO
(maiores 6 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodíaco

— T. 570151

Exibição permanente de filmes indianos
(m. 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro — «Caminho de Fogo», às 21.00 h (maiores 12 anos)
AMADORA — Cinestúdio — «Uma Mulher dos Diabos», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
AMADORA — Babilónia — «Academia de Polícia IV — A Patrulha do Cidadão» às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h (maiores 6 anos)

ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby — «Voando sobre um Ninho de Cucos», às 21.30 h (maiores 16 anos)

CACÉM — Cinestúdio Flores — «encerrado para descanso do pessoal»

MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «Homens à queima-roupa», às 21.30 h (maiores 18 anos).

ODIVELAS — Cineodivel — «Duma Vez Por Todas», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril — «Veludo Azul», às 17.00 e 21.15 h

ALGÉS — Cinema 2000 — «Salvador», às 15.30, 18.30 e 21.30 h (maiores 16 anos).

LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «O Rei dos Gazeteiros», 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «A Guerra das Estrelas», às 15.15 e 21.30 h (n/acons. m. 13 anos)
Sala 2 — «A Manhã Seguinte», às 15.30, 19 e 21.45 h (maiores 12 anos)

CARCAVELOS — Atlântida Cine — «O Rei dos Gazeteiros», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «Filhos de um Deus Menor», às 15.15, 18.45 e 21.30 h (maiores 12 anos)
Sala 2 — «A Costa do Mosquito», às 15.30, 18.45 e 21.30 (maiores 12 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia — «Uma Mulher dos Diabos», às 15.30 e 21.30 h (maiores 6 anos)
ALMADA — Cinestúdio — «Uma Tremenda Confusão», às 18.30 e 21.30 h (maiores 6 anos)
COVA DA PIEDADE — Clube Piedense — «Comandos de Elite», às 15.30 e 21.30 h (maiores 18 anos)
COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «Filhos de um Deus Menor», às 15.45 e 21.30 h (maiores 12 anos)
Sala 2 — «Corcodilo Dundee», às 15.15, 17.30 e 21.45 h (maiores 6 anos)

BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — «Salvador», às 15.00 e 21.15 (maiores 16 anos)

DE MOÇAMBIQUE PARA A ALTAMIRA

Na Galeria Altamira (R. Filipe Folque, 48-A) está patente até ao dia 6 do próximo mês de Agosto uma exposição de Pintura da autoria do artista moçambicano Victor Sousa. Nascido em Maputo (então Lourenço Marques) em Julho de 1952, iniciou–se com 20 anos nas Artes Gráficas, em 79 já era membro do Núcleo de Arte do Maputo e em 81 apresenta–se como pintor ceramista. Um ano depois foi bolseiro no Brasil, onde ganhou o Prémio de Desenho 1º de Maio SENAI; em 83 era professor de Cerâmica na Escola de Artes Visuais do Maputo e obteve uma menção honrosa na Semana da Maturca (Moçambique).

Victor Sousa fraquentou entretanto vários cursos: Desenho Artístico e Publicitário no Brasil, Desenho Mecânico no Instituto Vítor Ribeiro de Moçambique, Desenho e Pintura no Centro de Estudos Culturais e estágios no Atelier António Inverno (Portugal), Pintura a Óleo na África do Sul e ainda Cerâmica e Gravura no Núcleo de Arte do Maputo.

O artista moçambicano que agora expõe em Lisboa trabalhou com diversos colegas, designadamente com Adriana Hernandez e Romualdo (cerâmica), com René Negrin Mendez (escultura e cerâmica), com Sepalla Matty Velly (pintura) e Lech Wunddiwvsk (gravura).

Victor de Sousa tem participado regularmente em exposições individuais e colectivas, em Moçambique, Angola, Brasil, URSS, RDA, etc. Agora, em Lisboa, na Altamira, uma presença a seguir com muito interesse, até 6 de Agosto.

TEATRO

TEATRO SÃO LUIZ: o Grupo «Arte Livre» de São Paulo (Brasil) estreia esta noite «Olhares de Perfil», uma peça da autoria dos brasileiros Alejandra Guibert e Roberto Cordovani, já apresentada no Porto e em Almada e também em Corunha, Vigo e Santiago de Compostela, na Galiza. Além de ser um dos autores, Cordovani é também o intérprete da figura de Gustaffson, o travesti que em palco assume o nome de Greta Bogart, uma espécie de Garbo, envolta em mistério. A relação entre dois galegos exilados na California em 1939 e a relação de um travesti com uma mulher, são alguns dos aspectos desta obra, que menciona a oposição ao regime espanhol de Franco e o mito de Greta Garbo.

EXPOSIÇÕES

GALERIA EMI (R. da Cruz dos Poiais, 111): pinturas de Angelo de Sousa, Álvaro Lapa, Jorge Martins, António Sena e Ana Marchand.
GULBENKIAN (Exposições Temporárias): «Antropologia e Memória - visão actual da arte galega», uma mostra de Pintura.
CASA DE BOCAGE (Setúbal): até 26 de Julho, esculturas de Noémia Cruz.
ESPELHO DE ÁGUA (Belém): patente até 6 de Setembro, das 10 às 18, a «Feira de Artesanato», organizada pelo Europa Trade Center. Podem ser vistas várias formas de artesanato (barro, cerâmica, cobre, latão, cristal, madeira e filigrana), bem como o trabalho ao vivo de artesãos de diversas regiões do país.
RISCO - Galeria de Arte, Artesanato e Design (Tomar): exposição com trabalhos de MAria Luisa Costa Rosa, José Inácio C. Rosa, João C. Rosa, Nacha C. Rosa e Paulo Serra.
ROCA - Galeria de Arte e Artesanato (Marinha Grande): até dia 28 de Julho, dias úteis das 10 às 13, 15 às 20 e 21,30 às 23, sábados das 10 às 13 e das 16 às 20, domingos das 21,30 às 23, uma exposição de pintura e cerâmica do artista plástico Armando José Correia.
GALERIA DE ARTE CAPITEL (Leiria): até 26 de Setembro, patente uma importante exposição colectiva composta por óleos, aguarelas, guaches, desenhos, pastel, cerâmica, vidros, colagens, serigrafias e esculturas. Autores: Alberto José, Alberto Miguel, Alfredo Baptista, António Carmo, António Joaquim, Alice Alves Diogo, Augusto Pinheiro, Boavida Amaro, Camilo Korrody, Carmina Samuel, Coelho da Silva, Carlos Alberto Santos, César Abbot, Clementina Antunes, Domingos Saraiva, Daniel Abrunheiro, Edmundo Cruz, Ema Brandão, Ernesto Luís, Feliciano Morgado, Fernando Ançã, Fernando Lopes Dias, Fernando Lino, Fernando Marques, Fernando Morgado, Francisco L. Marques, Gama Dinis, Hipólito Andrade, Hirondino, Iris Novelli (francesa),Isabel Macedo, Josafaz, João A. Correia, João Mário, José Ribeiro, Jorge Portela, Júlio Amaro, Lanzner, Lucília de Brito, Manuel Carvalho, Mário de Oliveira, Mário Salvador, Mattos Portugal, Mila Reis, Noronha, Nanda, Olinda Colaço, Ortiz Alfau (espanhol), Paulo Silva (brasileiro), Poblin (espanhol), Real Bordalo, Rafael de Sousa, Sansão Cossa (moçambicano), Teresa Cortez e Zè Penicheiro.
VIRAGEM - Associação de Artes Plásticas de Cascais (Av. Marechal Carmona, 6-B): até 15 de Agosto, a 3ª Exposição dos Sócios, coincidente com a inauguração da 1ª fase do seu espaço-sede.
ÓBIDOS: por iniciativa do Departamento de Turismo da Câmara Municipal de Óbidos decorre até final de Agosto, patente ao público todos os dias das 10 às 20, a «BIO 87», I Bienal Internacional de Cerâmica.
ALTAMIRA (R. Filipe Folque, 48-A): pintura do artista moçambicano Victor Sousa, até 6 de Agosto.
BAREM (R. Bartolomeu Dias, 65-69): exposição de pintura de Fátima Ribeiro, todos os dias até 31 de Julho.
GALERIA LAPUB (Figueira da Foz): pintura de Eduardo Nery, patente ao público até 26 de Julho.
COOPERATIVA ÁRVORE (Porto): patentes ao público duas exposições: uma de Dana Michaelles - «Desenhos de Moçambique» e outra de Isabel Padrão - «Escachados».
MERCADO FERREIRA BORGES (Porto): continua patente a III Bienal Nacional de Desenho 87-Árvore, até 27 de Julho.
GALERIA DA VOZ DO OPERÁRIO (R. Voz do Operério, 13): pintura de Belmira Nunes, Fátima Afonso, Manuela Rosa, Mara Peres da Silva, Mariline Leão, Teresa Caria e Tomás Maia, até 14 de Agosto nos dias úteis das 14 às 198, sábados das 15 às 19.
ARTEX-GALERIA DE ARTE (R. Nova do Almada, 87): até 29 de Agosto, uma exposição de serigrafias de António Carmo, Cargaleiro, Cesariny, Chichorro, Emília Nadal, Guilherme Parente, Henrique Mourato, Hogan, João Cutileiro, João Vieira, Joaquim Rodrigo, Jorge Marcel, José de Guimarães, Martins Pereira, Moniz Pereira, Palolo, Romualdo, Silva Palmeira e Teresa Magalhães.
PALACETE POMBAL (R. das Janelas Verdes): a exposição «Conservação e Restauro no Instituto José de Figueiredo».
MUSEU NACIONAL DO TRAJE : patentes duas exposições - «Retrospectiva de Tapeçaria de Eduardo Nery» e «Mantas de Monsaraz».
GALERIA BERTRAND DO CHIADO: até final de Agosto, patente uma colectiva dos pintores Martha Teles, Margarida Medina, Ruibal, Dario Alves, Carlos Carreiro, J. Baltazar, Graça Pereira Coutinho, Rocha de Sousa, Mike Felten e Nadir Afonso.
ATELIER 15 (R. Freitas Gazul, 24-D): desenhos de Carlos Martins Pereira com o título «Jardim das Delícias» até 31 de Julho, de segunda a sexta das 18 às 22, sábados das 15 às 19.
ECOMUSEU MUNICIPAL DO SEIXAL: até 2 de Agosto, uma exposição de pintura intitulada «Amor com Arte», com obras da autoria de Marizé e Mateus Duarte.
GALERIA DE ARTE ARCADA (Arcadas do Parque do Estoril, 18): uma colectiva com trabalhos de António Viana, Ema Berta, Francisco Ariztia, Guilherme Parente, Helena Lousinha, João Queiroz, José Alves, Paiva Raposo, Rocha Pinto e Rui Azevedo. Patente todos os dias excepto segundas-feiras, das 11 às 22.
ESPELHO DE ÁGUA (Belém): Feira de Artesanato Português até final de Agosto, patente às sextas, sébados e domingos das 10 às 23; segundas, quartas e quintas das 14 às 23: cerâmica, madeiras pintadas, tapeçaria, bonecas de pano, arte africana, trabalhos em latão, etc.
GALERIA QUADRUM (R. Alberto de Oliveira, 52): exposição de Helena Vaz, «Marionetas 87», até 30 de Julho, todos os dias úteis das 10 às 13 e das 15 às 19.
CAMARA MUNICIPAL DO BOMBARRAL (auditório): exposição de pintura de Branco Cardoso, patente até 3 de Agosto nos dias úteis.
POSTO DE TURISMO DE SANTARÉM: até 26 de Julho, uma exposição de escultura artesanal em madeira, da autoria de Augusto Gonçalves, uma iniciativa do Pelouro da Cultura, Desporto e Tempos Livres da Câmara Municipal de Santarém.
GALERIA DIFERENÇA: exposição de arquitectura de Alcino Soutinho, «Uma Obra» e ainda a exposição «Arquitectos de Lisboa e Porto», até 30 de Julho, de terça a sexta das 16 às 20, sábados e domingos das das 15 às 19.
CASA DOS TABUENSES (R. dos Poiais de S. Bento, 74-B): pintura de Gila Letras, a primeira exposição individual desta jovem pintora que frequenta o curso da AR. CO, todos os dias das 18 às 21,30, hora a que tem início o espectáculo teatral «Bela Calígula» de Augusto Sobral, pelo Grupo Maizum.
ATRIUM DA IMPRENSA (R. da Horta Seca, 20): Colectiva de Verão 87 até 28 de Agosto, de segunda a sexta das 10 às 20. Trabalhos de Boavida Amaro, Ilda Reis, Jesus Ferreira, José de Azevedo, Maria Duarte, Paulo Ossião e Ruth Tavela de Sousa.
GALERIA DO RESTAURANTE ESCORIAL (R. das Portas de Santo Antão, 47): pintura de Martinez até 31 de Julho, diariamente das 12 às 24.
LIVRARIA BARATA (Av. de Roma, 11-A): «Terras», cerâmica portuguesa contemporânea da autoria de Artur José, Isabel Mota Jorge Palmela, Grasiela Albino, Jorge Mealha e Marita Ferro. Patente até 29 de Agosto.

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — ALTO DE SANTO AMARO: Santo Amaro, R. Filinto Elísio, 29-A-B (T. 637070); **ALVALADE: Brisália**, Av. do Rio de Janeiro, 66-66-A (T. 882368); **AVENIDAS [illegible] Fátima**, Av. 5 de Outubro, 147-A (T. 763107); **BAIRRO AZUL: Sírius**, R. Fialho de Almeida, 38-A (T. 544000); **BAIXA: Barral**, R. Augusta, 225 (T. 361534); **CALHARIZ - BENFICA: Rebocho**, R. Tenente-Coronel Ribeiro dos Reis, 12-B (T. 743871); **CAMPO DE OURIQUE: Pinheiro**, R. de Campo de Ourique, 135 (T. 603054); **CHELAS - COLÉGIO VALSASSINA: Serra**, R. Luís Cristino da Silva, lote 221, loja 133, zona 2, Chelas (T. 853720); **FONTE LUMINOSA - ALAMEDA AFONSO HENRIQUES: Paes**, R. Abade de Faria, 22-A (T. 883965); **LUMIAR: Alameda**, Al. das Linhas de Torres, 201-B (T. 790942); **RATO: São Mamede**, R. da Escola Politécnica, 82-B (T. 660280); **SANTOS: Fontoura Carvalho**, R. de Santos-o-Velho, 12 (T. 662075); **BRANDOA - AMADORA: Brito**, R. 25 de Abril, lote 32-B (T. 995338); **CARNAXIDE: Central de Carnaxide**, Av. de Portugal, 16-B (T. 2184913); **ODIVELAS: Catela Tavares**, R. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, 29-A (T. 9815446)2; **PONTINHA: Cruz Correia**, E. de Santo Elói, 41-A (T. 992453).

REFORÇO — ARCO DO CEGO - ESTEFÂNIA: Palma, Av. Duque de Ávila, 25-31 (T. 547088); **AVENIDA DE ROMA: Avis**, Av. de Roma, 56-B-C (T. 895370); **CAMPOLIDE - SETE RIOS: Nova**, R. de Campolide, 297-C (T. 687475); **INFANTE SANTO: Andrade Ribeiro**, Av. Infante Santo, 66-B (T. 666971); **LZ - FRENTE AOS MENINOS DA LUZ: Geny**, R. Conselheiro José Silvestre Ribeiro, 12-A, ao 218 da E. da Luz (T. 7140342); **OLIVAIS SUL: Fernando Borges**, R. D. Aleixo Corte Real, lote 388, cruzamento com a R. Cidade de Bolama (T. 311091); **PEDROUÇOS: Sociedade Higilux**, R. de Pedrouços, 50-52 (T. 610280); HA DE FRANÇA: Higiénica, R. Helidoro Salgado, 20-A (T. 844361); **PICHELEIRA: Luzmar**, R. João Nascimento Costa, 16 (T. 880703); **SANTA APOLÓNIA - CAMINHOS DE FERRO: Pereira, Sucursal**, R. do Paraíso, 98, Santa Clara, Hospital da Marinha (T. 863224); **TIVOLI: Morais Sarmento**, R. de Santa Marta, 16-A-B (T. 546490); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Castro Rodrigues, R. Capitão Leitão, 21-A (T. 2750076). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Louro**, R. Alexandre Herculano, 6-B (T. 2763517). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Guerreiro**, lote 31-I-J, Moinho (T. 2950727). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Higiénica**, Av. da República, 23 (T. 2400020). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Oliveira Sérgio**, R. dos Álamos, 2-A (T. 2296464). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas; **LAVRADIO: Parreira**, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO: Avenida**, Av. Alfredo da Silva, 88 (T. 2073212). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Teixeira**, B. de Moçambique, 84-B (T. 2040946). Até às 19 horas; **CORROIOS: Abreu Cardoso**, B. Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291192). Até às 19 horas; **CRUZ DE PAU: Fonseca**, R. do Ribatejo, 2-A (T. 2211131). Até às 22 horas; **TORRE DA MARINHA: Alves Velho**, L. de Camões, 27 (T. 221132). Até às 22 horas; **MONTIJO: Giraldes**, R. Almirante Reis, 45 (T. 2310008). Até às 22 horas; **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 2[illegible]). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 2040250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 2340137). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Fuzeta**. Permanente; **Normal do Sul**, P. do Bocage, 137 (T. 22216). Permanente; **Saião**, Av. da Portela, 55 (T. 22709). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Miraflores, R. Dr. António Granjo, 2-B (T. 410116). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Moderna**, Av. 25 de Abril, 30-C (T. 4191235). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850365). Até às 22 horas; **OEIRAS: Mourão Vaz**, Av. de Moçambique, 18-C (T. 2437196). Até às 22 horas; **NOVA OEIRAS: Leal**, Quinta da Palmeira, lote 24 (T. 2478737). Permanente; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RAN: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Grincho**, Av. da República, 87-A (T. 2471204). Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Suíça**, Cruzeiro (T. 260087). Até às 22 horas; **CASCAIS: Cascais**, R. Conde de Monte Real, Bairro das Caixas (T. 282407). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Flama, R. Elias Garcia, 78-B (T. 4932485). Permanente; **Igreja**, P. da Igreja, 22-A (T. 4937740). Até às 22 horas; **DAMAIA: D. João V**, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970461). Até às 22 horas; **QUELUZ: O'Neill Pedrosa**, R. Casal do Olival, lote A-3, Massamá (T. 4377205). Permanente; **CAMARATE: Flores**, Av. das Forças Armadas, Vivenda Mor, Catujal (T. 2510850). Até às 19 horas; **CACÉM: Central**, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034). Permanente; **MEM MARTINS: Cristina**, Av. Vitorino Nemésio, 14-A (T. 9214820). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade de Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Cargaleiro Lourenço**, C. da Rinchoa, 38 (T. 926006). Até às 22 horas; **SINTRA: Teresa Garcia**, L. D. Afonso, 3-A (T. 9232747). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088); **SÃO PEDRO DE SINTRA: Valentim** (T. 9230456). Permanente.

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Pedro Gomes, B. 25 de Abril, lote 13 (T. 2519670). Até às 22 horas; **SACAVÉM: ourenço**, Av. Almirante Reis, 31 (T. 2518151). Permanente; **LOURES: Saraiva**, Av. da República, 86 (T. 9830027). Até às 22horas; **AVEIRO: Moderna**, R. dos Combatentes da Grande Guerra, 103 (T. 23665). Permanente.

TEATROS

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 37 22 46

De tarça a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00

«**ROMANCE DOS LOBOS**«, de Ramon Valle-In[illegible] de José Blanco XII. Cenários e figurinos de Simon Soarez. Música de Manuel Bolboa. Escolha de J. Mendez. Coreogafia de Fernando Lima. Intérpretes: Ruy de Carvalho, João Perry, Manuela Cassola, Eunice Muñoz, entre outros.

Teatro da Trindade

R. Nova da Trindade — Tel. 32 00 00

De 3.ª a sábado, às 21.00; domingo, às 16.00

«**TRILOGIA DA GUERRA**« (1.ª parte), de Edward Bond. Tradução de Miguel Cintra, Luís Lima e José Manuel Mendes. Encenação de LuísMiguel Cintra.

Vasco Santana

Av. da República, 16 — Tel. 76 86 09

De terça a sáb., às 21.30. domingos, às 16.00

«**AS SENHORAS DAS QUINTAS-FEIRAS**«, de Loleh Bellon. Pelo Teatro-Estúdio de Lisboa. Tradução e dramatização Monique Rutler. Encenação de Luzia Maria Martins. Intérpretes: Carlos Vieira de Almeida, Clara Joana, Luísa Ortigoso, Manuel Medonça e Maria Dulce.

A Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

(De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00).

Os Dois Corcundas e a Lua de Richard Démarcy. Enc.: João Mota. Música: Domingos Morais/ José Pedro Caiado, Int.: Almeno Gonçalves, Carlos Paulo, Isabel Medina, Jorge Loureiro, Manuela Couto, Paulo Ferreira.

(Sala 1)

(De segunda a sábado, às 21.00; domingos, às 16.00).

D. Quixote e Sancho Pança, de António José da Silva, pelas **Marionetas de Lisboa.** Enc. José Carlos Barros.

Teatro ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 23.00; domingos e feriados, às 16.00

«**LISBOA, TEJO E TUDO**«, de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Encenação de César de Oliveira.

Teatro da Graça

De 3.ª a sábado, às 21.00; domingo, às 16.00

«**O PAÍS DO DRAGÃO**«, de Tennessee Williams. Pelo Grupo de Teatro Hoje. Encenação de Carlos Fernando. Intérpretes: Alexandre de Sousa, Elias Lisboa, Fernanda Coimbra, Isabel de Castro, Lia Gama, Manuel Mendes, Maria José Pascoal, Maria José e Rui Pedro. Cenografia de Dalton Salem Asseff.

Teatro do Triângulo

R. da Cintura do Porto de Lisboa, Santos — Tel. 67 61 91

De terça a sábado, às 21.30; domingo, às 17.00

«**O FÍSICO PRODIGIOSO**«, de Jorge de Sena. Adaptação e encenação: André Nuno.

Teatro Mazum

R. dos Poiais de São Bento, 75-B, 2.º — Tel. 60 18 66

«**BELA-CALÍGULA**«, de Augusto Sobral. Encenação: Rogério Vieira. Cenários: Augusto Sobral. Figurinos: Jasmim. Intérpretes: Manuel Cintra e Silvina Pereira.

Teatro Galeria Monumental

Campo dos Mártires da Pátria, 101 — Tel. 53 38 48

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00

«**JOGOS DE PRAIA**«, de E. A. Whitehead. Pela Companhia das Luzes. Encenação: Diogo Dória e João Canijo. Intérpretes: Diogo Dória, Rita Blanco, Susana Borges e Vítor Norte.

Algés — Palácio dos Anjos

Sexta e sábado, às 21.30

«**HUMILHADOS E OFENDIDOS**«, de André Charpak. Baseada no romance de Dostoievsky. Pelo 1.º Acto Clube de Teatro. Encenação de Armando Caldas. Interpretação de Alexandra Meneses, Cristina Guerreiro, Filipe Almeida, Francisco Sanchez, João Costa Ferreira e João Didelet.

Setúbal — Teatro de Bolso

R. Balneário Dr. Paulo Borba — Tel. 29 130

5.ª, 6.ª, sábado e domingo, às 21.30

«**BOAVIDA**« e «**O DIPLOMA**«, de Luigi Pirandelo. Pelo Teatro de Animação de Setúbal. Encenação de Carlos César. Intepretação de Rui Paulo, Nuno Mello, Maria Simões, Gil António, Pompeu José e João Vítor, entre outros.

Casa da Comédia

R. Francisco Borja, 24 — Tel. 69 72 99

De terça a sábado, às 21.45; domingo, às 17.00

«**ELECTRA OU A QUEDA DAS MÁSCARAS**«, de Marguerite Yourcenar. Encenação. Filipe La Féria. Intérpretes: Glicínia Quartin, João de Ávila, Juvenal Garcês, Rocha Santos, Virgílio Castelo e Zita Duarte.

Cascais — Espaço TEC

De terça a domingo, às 21.45; sábados, domingos e feriados, também às 17.00

«**APARECEU A MARGARIDA**«. Texto e encenação: Roberto Athayde. Cenários: Fernando Filipe. Intérpretes: Graça Lobo e João Soromenho.

Teatro 1.º Acto

R. Eduardo Augusto Pedroso, 16-A — Tel. 211 50 33

5.ª, 6.ª e sábado, às 21.45; sábado e domingo, às 17.00

«**B... EM CADEIRA DE RODAS**«, de Ronald Radde. Pelo Teatro Espaço. Encenação de Águeda Sena. Interpretação de ana Gaspar e Manuela Pedroso.

Estoril — Teatro Mirita Casimiro

Av. Fausto de Figueiredo — Tel. 267 03 20

De 5.ª a sábado, às 21.30; sábado e domingo, às 17.00

«**TARTUFO**«, de Molière. Pelo Teatro Experimental de Cascais. Encenação de Rogério de Carvalho. Interpretação de Santos Manuel, Marília Costa, João Vasco, Luísa Salgueiro, Paulo B., Alexandra Lencastre e Luís Rizo, entre outros.

Teatro da Nova — Universidade Nova

Av. de Berna, 24

De 2.ª a sábado, às 21.30

«**A QUEDA E O COICE 'VULGO' ROQUE À PRESIDÊNCIA**«, de Rui Costa Lopes. Pelo Teatro da Nova. Encenação de Carlos Fogaça. Interpretação de Carlos do Rosário, Milena Barbas e Rui Martins, entre outros (Estreado em 25 de Maio de 1987).

TEATRO ABERTO

P. de Espanha — Tel. 77 09 69

5.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00

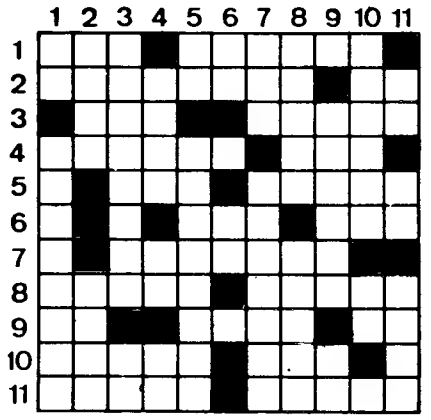
«**A SEGUNDA VIDA DE FRANCISCO DE ASSIS**«, de José Saramago. Cenário e encenação de Norberto Barroca. Figurinos de José Costa Reis. Música de Paulino Garcia. (Com o apoio do «Diário de Lisboa»)

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 17088

HORIZONTAIS:

1 Recusa. Crescem.
2 Tapai. Antes do meio-dia.
3 Minas (abrev). Nome de peixe.
4 Alegria. Recusa.
5 Também não. Aparência (pl).
6 O sustento. Rogo.
7 Debruaras.
8 Pronome possessivo. Transmontano (abrev).
9 Hectograma (abrev). Mau. Moderato.
10 Divide em ruas. Galote.
11 Adicionar. Bacanal.



VERTICAIS:

1 Sódio (s.q). Ave muito apreciada em culinária (pl).
2 Equipa. Papão.
3 Provenientes. Antiga undiade monetária da Alemanha.
4 No lugar em que. Reis. O mesmo que uma (ant. e pop).
5 Mililitro. Suplicar.
6 Hélio (s.q. e inv). Autores.
7 Ofereces. Casa pequena e habitada por muitas pessoas.
8 Espécie de forragem (Bras). Equipar.
9 Pessoa astuta (fig). Rei de Basã, morto por ordem de Moisés.
10 Contristar. Samário (s.q).
11 Moderato. Solitário. Vila e concelho do distrito de Évora.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **17087**

HORIZONTAIS:

1 QUERER. É. Go.
2 Urso. IV. Cio.
3 Er. Salivar.
4 Raimu. Valor.
5 Acra. Será.
6 Arna. Ri. SS.
7 Aira. Neon.
8 Im. Ni. Calfe.
9 Vinhedos.
10 ER. Olor. Bem.
11 Ras. Morara.

VERTICAIS:

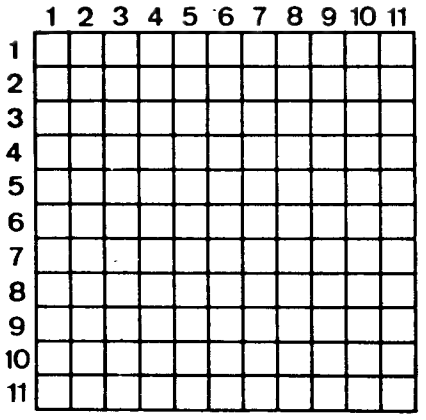
1 Quera. VIVER.
2 Urraca. Mira.
3 És. Irra!
4 Rosmaninho.
5 Au. Ariel.
6 Ril. Dom.
7 VIVER. Coro.
8 É. Varinas.
9 Cala. El. Ba.
10 Giro. SOFRER.
11 Oó. Rosne. Ma.

PROVÉRBIO: Querer é viver, viver é sofrer.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 15 913

HORIZONTAIS:

1 Bailar. Dar pios.
2 Serra de Portugal. Ena! Cobalto (s.q).
3 Preposição. Pessoas intrigantes.
4 Acolá. Canoa de casca de árvores com a proa e a popa achatadas.
5 Nivela. Preposição. Cidade da Ucrânia.
6 Cento e três em romano. Caminhar.
7 Moeda oriental. Falta de apetite
8 Preposição latina que designa movimento. Sair frequentemente à rua. Rio da Suíça.
9 Observar.
10 Estéril. Águas-furtadas.
11 Apelido. Olé. Nome de letra.



VERTICAIS:

1 Capital da África Ocidental Francesa (Senegal). Flautas.
2 Além. Venera.
3 Alcunhas. Pronome pessoal.
4 Crómio (s.q). Mortificado.
5 Rio da Rússia.
6 Pão em forma de rosca.
7 Género de palmeiras do Brasil. Deras mios.
8 Espécie de embarcação asiática. Abreviatura que se usa em música.
9 Habitador.
10 Respeitaria.
11 Corar. Avaliou.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **15 912**

HORIZONTAIS:

1 Ousilhão. És.
2 Uro. Tia. Crê.
3 Rs. Andorra.
4 En. Dra. Imã.
5 Aviaram.
6 Toram. Atear.
7 Airó. Amassa.
8 Raspa. SS.
9 Cod. Mu. It.
10 Aso. Sarna.
11 Rodear. Ar.

VERTICAIS:

1 Ourenta. Cãs.
2 Urso. Oiros.
3 Só. Narrador.
4 Vãos.
5 Landim. Rd.
6 Hidra. Aam.
7 Atoaram. Usa.
8 Atas. Ar.
9 CRIMES.
«) Eram. Assina.
11 Sé. Arrastar.

Rádio

Antena Um

16.00: Pequeno jornal e rock-lândia; **18.00**: Regressos; **19.00**: Informação e música; **20.00**: No estúdio e no estádio; **20.15**: Música portuguesa; **20.30**: A voz da solidariedade; **21.00**: Musical; **21.30**: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Rede Nacional-FM2 Estéreo

15.20: Compositores portugueses; **16.30**: Álbum musical; **17.00**: Cancioneiro popular português; **17.25**: Grandes intérpretes; **18.40**: «Suite Lírica», de Alban Berg; **19.00**: Integrais; **19.27**: Sinfonia, n.º 4, em dó menor, de Shostakovitch; **20.40**: Sonata, de Debussy; **21.00**: A ciência e a vida; **21.30**: Transmissão directa, das Ruínas do Carmo, em Lisboa, de um concerto, pela Orquestra Sinfónica da RDP; **00.00**: Concero nocturno; **00.50**: Último andamento; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média(283, 290 e 397m)

14.00: Programa da tarde; **17.00**: Feira mágica; **20.00**: Peça que a gente passa; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo e resultados; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: É de noite... já se vê; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; **17.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Ao fim e ao cabo; **20.00**: Nova geração; **21.00**: O sabor da música; **22.00**: As mil e uma noites; **23.00**: Em órbita; **00.00**: Morrison Hotel; **02.00**: O rock pode esperar; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

15.00: Terceira vaga; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fim-de-tarde; **20.00**: Programa da LAR; **20.30**: Cidade nova; **21.00**: Luzes da ribalta; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Suplemento especial; **23.55**: Meditando.

Voz do Alentejo

15.00: Boa tarde, Alentejo; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Grande bazar.

Voz de Lisboa

15.00: Rádio da cidade; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Sete colinas; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Música no espaço; **22.00**: Vamos aos fados; **23.00**: Bola branca; **23.30**: As canções da meia-noite; **23.57**: Meditando.

Voz do Porto

15.00: Passeio alegre; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Porto de abrigo; **20.30**: Meia de música; **21.00**: Palácio de Cristal; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Porto final.

RFM-Canal 2-Rede Nacional de FM Estéreo

TELEVISÃO

RTP

15.10 - Matinée

«O Charlatão»: Um tímido contabilista de um banco chega à conclusão que é exactamente igual a um «gangster»... Forçado a vestir a pele do marginal ele lança-se na busca de uma fabulosa quantidade de diamantes que tinham sido roubados...

Um filme escrito, realizado e interpretado por Jerry Lewis em que participam Harold Stone, Susan Bay, Buddy Lester, Del Moore e Paul Lambert.

17.00 - Brinca Brincando

«As Fábulas da Floresta Verde»

17.30 - Estádio

18.20 - Sumário

18.25 - A Família Bellamy

11º Episódio: James Bellamy foi dado como desaparecido em França, talvez até mesmo morto. Richard e Hazel, ansiosos, aguardam pelas notícias.

Georgina, que está a trabalhar num hospital em França, encontra James entre os milhares de feridos. Hazel e Richard conseguem, a muito custo, trazer James para casa e os laços entre pai e filho saem reforçados deste acidente.

19.10 - Trânsito

19.40 - Boletim Meteorológico para a Agricultura

20.00 - Telejornal

20.30 - Bolsa Dia a Dia

20.35 - Boletim Meteorológico

20.45 - Dona Santa

16º Episódio: No escritório de Le Antoine Creation, um bonito modelo, Verónica, às escondidas, fotografa dez «croquis» de modelos exclusivos. Ela vai ser surpreendida pela gerente do escritório, Blanche, mas consegue disfarçar o que estivera a fazer na sala. Enquanto a gerente fica desconfiada do que poderia ter acontecido, ela sai à pressa e vai à rua onde toma o táxi de Dona Santa, que a leva até à estação Paraíso do metro. De lá segue para a Universal Modas. Ao conversar com Isabela, ela descobre que a máquina com o filme caíra no carrro de Dona Santa que, sem saber, acabara de se envolver num caso de espionagem industrial. Verónica vai a casa de Dona Santa e, quando recupera a máquina, não percebe que estava sem filme, que entretanto fora tirado por Sidney. Blanche, a gerente do Le Antoine Creation, começa a investigar o que Verónica estivera a fazer no escritório e acaba por descobrir que Isabela pretendia vingar-se do costureiro Antoine, que resolvera não trabalhar mais para ela.

Às 22.45 no 1º canal, o 1º episódio da série «Brigada Especial»

Matinée no 1º canal às 15.10, com Jerry Lewis em «O Charlatão»

21.45 - Primeira Página

22.45 - Brigada Especial

1º Episódio: Perante a opinião pública, Arthur Lambert sempre procurou preservar e se possível enaltecer a sua imagem. É visto como um respeitável fabricante de brinquedos. Mas Nick Hardy, que mantém importantes contactos com o mundo do crime, tem outra opinião a seu respeito...

Realização: Ross Jennings

23.40 - Notícias

RTP 2

17.16 - Os Imigrantes

23º Episódio

18.00 - Countdown

19.00 - Simon Show

20.00 - Modelo e Detective

16º Episódio: Maddie e David não estão de acordo quanto à escolha da companheira para um cliente solitário e, cada um vai procurar, por seu lado, a selecção da candidata, o cliente é encontrado morto.

Realizador: Chris Nyby

21.00 - Jornal das Nove

21.30 - Montra de Livros

21.35 - Cinemadois

«Amor Louco»: Mathieu vive uma existência feliz e estável em Spa; casado com Jeanne, tem uma filha, Marie. Circunstâncias fortuitas levam-no a descobrir uma jovem que se esconde na orla das florestas da região. Mas esta mulher não compreende uma única palavra de francês, o que leva Mathieu a pensar que ela terá passado clandestinamenmte a fronteira alemã. Obcecado pelo seu mistério e pela sua beleza, Mathieu atribui-lhe um nome: Belle

Interpretes: Jean-Luc, Daniele Delorne, Adriana Bogdan, Rene Coggio, Rene Hainaux, Stephane Excoffier, John Dobrynine.

Realizador: Andre Delvaux

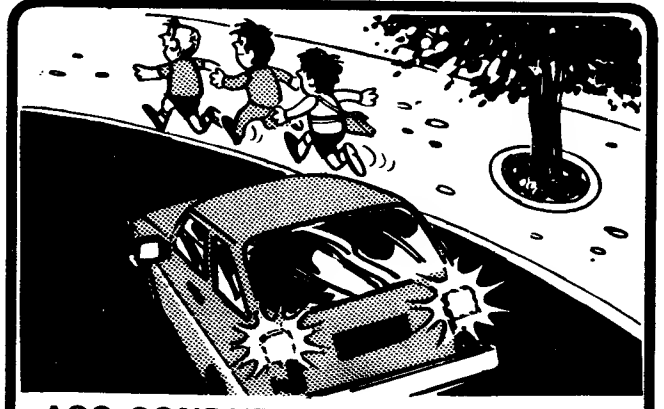
AMANHÃ

RTP-1

10.01 - Às Dez
12.15 - Cambalacho
13.00 - Jornal da Tarde
13.30 - Desenhos Animados
13.50 - Foi Êxito na TV
14.30 - Desenhos Animados
15.00 - Clipomanias
17.00 - Brinca Brincando
17.30 - Estádio
18.30 - Sumário
18.35 - A Família Bellamy
19.30 - A Ciência - Invenção do Futuro
20.00 - Telejornal
20.30 - Bolsa Dia a Dia
20.35 - Boletim Meteorologico
20.40 - Vamos Jogar no Totobola
20.55 - Dona Santa
21.50 - Lotação Esgotada
23.50 - Notícias

RTP-2

17.16 - Os Imigrantes
18.00 - Countdown
19.00 - Estádio
20.00 - Modelo e Detective
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Montra de Livros
21.35 - Paródia
22.05 - Clube de Imprensa
22.35 - Música na America



AOS CONDUTORES

"Reduza sempre a velocidade ao avistar um grupo de crianças, porque estas vão normalmente distraídas e não dão atenção ao trânsito."

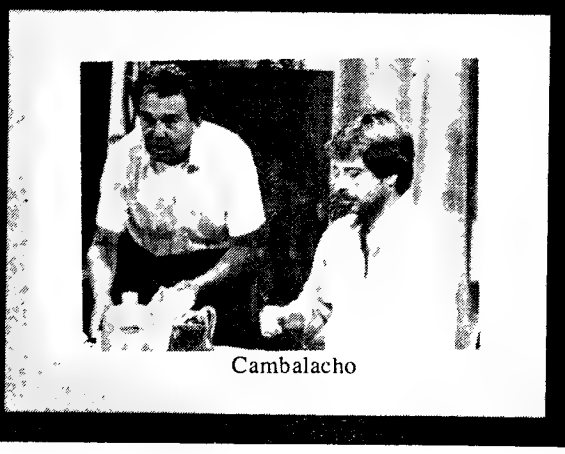
PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP 1
21.45 - Primeira Página

RTP 2
21.35 - Cinemadois

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Bento Jesus Caraça, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef.: 4197570



Cambalacho

PORTE PAGO

DL

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRAFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Tecnicos: RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 54 / 5 – 32 02 71 · 2 3 Publicidade 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21): Porteiro 32 11 54 Redacção: 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegráfico DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição INTERPRESS Rua do Norte 115-1 — 1200 LISBOA
TELEFONES 32 21 00 – 32 22 04 – 32 07 84
Preço do «DL» na Madeira. 40$00
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director adjunto **Fernando Piteira Santos**

ÚLTIMA HORA

A França vai dar escolta militar a dois petroleiros que navegarão no Golfo Pérsico esta semana, segundo o ministro francês do Mar, Ambroise Guellec, que informou aos jornalistas de que para o efeito será mobilizada uma «unidade naval». «Temos dois objectivos: a preservação dos nossos interesses económicos na região e a segurança dos nossos navios e tripulações», acrescentou o ministro. Recorde-se que a França cortou relações diplomáticas com o Irão na passada sexta-feira.

Empresa do sector gráfico deu 1500 contos à APE

Uma empresa do sector ráfico ofereceu uma verba de mil e quinhentos contos à Associação Portuguesa de Escrritores — informou o organismo.

A APE admitiu recentemente a eventualidade de paralisar devido à falta de dinheiro. Posteriormente o Presidente da República ofereceu-lhe dois mil contos, que informou ter reunido a título particular e resultante de contribuições de si próprio e de pessoas que não nomeou.

Por outro lado uma editora do Porto, a «Oiro do Dia», decidiu atribuir à APE uma percentagem de cinco por cento sobre o preço de capa das suas edições de obras de autores caídas no domínio público.

Posse marcada para quarta-feira

PSP de Lisboa vai ter novo comandante

O novo comandante da PSP de Lisboa será depois de amanhã, quinta-feira, empossado pelo ministro da Administração Interna na sede da corporação. O coronel Carlos Manuel de Sousa Paz sucede no cargo ao coronel Matosos Ramalho, cujo ingresso nos quadros da Polícia de Segurança Pública foi recusado pelo Conselho Superior. O novo primeiro-comandante distrital da PSP será o primeiro a usar a farda azul com o posto de superintendente. O Conselho Superior da Polícia de Segurança Pública aprovou a sua admissão, tendo tansmitido a sua decisão aos Ministérios da Defesa e da Administração Interna.

A nomeação e posse de Sousa Paz coincide com o lançamento de uma campanha e acção da PSP, que, segundo afirmou o seu comandante-geral recentemente em Setúbal, visa assegurar «maior dignificação e moralização» à corporação.

O coronel Sousa Paz concluiu recentemente o curso superior de comando e direcção no Instituto de Altos Estudos Militares. Desempenhou já as funções de assessor do ministro da Administração Interna de chefe de gabinete de estudos e subchefe do Estado-Maior do comando-geral da PSP.

A perimónia da posse efectuar-se-á à 11 horas de quinta-feira.

Estudante de Coimbra afogou-se num poço

Um estudante de advocacia da Universidade de Coimbra, Paulo Jorge Neto da Silva Tremoceiro, de 28 anos, solteiro, pôs termo à vida atirando-se para o fundo de um poço situado nas traseiras da sua residência em Porto de Mós, no distrito de Leiria.

O jovem suicida, que já por diversas vezes ameaçara matar-se após ter sofrido há alguns meses um esgotamento cerebral, deixou um bilhete dirigido aos pais no qual afirma desejar ser sepultado em Fátima.

Lotaria Popular

1º—506155.....	1 000 000$00
2º—048902.....	250 000$00
3º—346604.....	150 000$00
4º—052261.....	100 000$00
Números terminados em 155	50 000$00
Números terminados em 902	10 000$00
Números terminados em 604	2 500$00
Números terminados em 261	1 000$00
Números cujos dois algarismos finais sejam 02, 12 e 64 e 96	400$00

Nota— Esta informação não contempla a anulação de prémios nem dispensa a consulta da lista oficial.l

/D/E/C/A/R/A/S/

FRANCISCO PINTO BALSEMÃO, antigo primeiro–ministro, declarou ontem à Rádio Nacional de Espanha que a possibilidade de ter um governo para quatro anos é uma «alteração muito positiva na situação política portuguesa». Segundo Balsemão, em declarações retomadas pela agência espanhola EFE, o Parlamento anterior «já não correspondia à realidade política nacional».

AZEREDO PERDIGÃO, doutorado por diversas Universidades e doutor de gestão como o prova a administração cautelosa e acertada da Fundação Calouste Gulbenkian, o Doutor José de Azeredo Perdigão tomou posse, como sócio efectivo, da cadeira nº 32 da Academia das Ciências de Lisboa. Cadeira anteriormente ocupada pelo professor Paulo Verissimo da Cunha, da faculdade de Direito de Lisboa. Como é da regra o Doutor José de Azeredo Perdigão fez o elogio do seu antecessor. O académico que saudou os seus méritos reconheceu, em José Azeredo Perdigão, um distinto cultor das ciências jurídicas e um advogado eminente.

GILBERTO FREYRE, escritor e sociólogo brasileiro, de 87 anos, morreu domingo de madrugada, no Hospital Português do Recife, vitimado por paragem cardíaca. O autor de «Casa Grande e Senzala», que se encontrava hospitalizado há algumas semanas, tinha sido transferido, terça–feira, para a unidade de cuidados intensivos daquele hospital. Logo que tomou conhecimento do falecimento do escritor, o Presidente da República enviou um telegrama de condolências à família de Gilberto Freyre, cuja obra considerou «um inestimável contributo para a compreensão do universalismo português».

HERNANI CIDADE, alentejano de Redondo, onde nasceu em 1887, terá o seu centenário recordado na Biblioteca Nacional onde abre hoje uma exposição consagrada à sua obra e à sua vida. O autor do ensaio «A crise mental do século XVIII» foi professor da Faculdade de Letras do Porto e catedrático da Faculdade de Letras de Lisboa. A sua obra é vasta e versa os temas fundamentais da Literatura e da Cultura. Em França, como oficial meliciano na 1ª Grande Guerra, Hernani Cidade foi promovido por distinção a capitão e condecorado com a Cruz de Guerra. A exposição dedicada a Hernani Cidade estará patente na Biblioteca Nacional, das 10 às 17 horas, até Setembro.

BAPTISTA–BASTOS que ingressou no quadro dos autores das edições «O Jornal», lançou no mercado reimpressões de dois livros seus: «Viagem de um pai e de um filho pelas ruas da amargura» e «Elegia para um Caixão Vazio». Do primeiro disse Óscar Lopes que é «O melhor poema–narrativa desde 1950, pelo menos em Portugal». Do segundo escreveu Maria Lúcia Lepecki: «É obrigatório ler este livro». Os dois têm agora a sua 3ª edição, o que significa que o público ledor concorda com os críticos. O jornalista Baptista–Bastos é um escritor aplaudido pela critica e apreciado pelos leitores.

HENRIQUE CALIXTO: o presidente do Sindicato dos Treinadores de Futebol continua no comando técnico da turma do Varzim, que restituiu Rui Barros ao clube original (F. C. do Porto). Calixto vê (em contrapartida) dois regressos: Maluka (que estava no Trofense) e Lima Pereira (que militava no Felgueiras), que se juntam ao ex–vimaranense Nivalvdo, na defesa das cores do bloco poveiro, que pode ainda receber Paquito (Marítimo).

Barqueiros pede intervenção da Alta Autoridade

A Assembleia de Freguesia de Barqueiros (Barcelos) pediu a intervenção da Alta Autoridade Contra a Corrupção no processo relativo à exploração do caulino da região. O presidente da Junta de Freguesia considerou entretanto que a resolução do Conselho de Ministros sobre a eventual exploração de caulino em dois terrenos localizados no centro da freguesia contém pressupostos falsos.

«Em princípio, defendemos o desaparecimento da exploração daquele mineral, embora conscientes do interesse económico que possa ter para a região» — observou o presidente da Junta, para quem a exploração do caulno em zonas alternativas poderá ser uma solução viável.

Fernando Pereira criticou a Direcção-Geral de Geologia e Minas, entidade que conduziu todo o processo e que «tentou sempre dar a volta ao problema» e a Secretaria de Estado do Ambiente, que deu parecer favorável à exploração.

Para hoje estava marcada uma reunião em Braga entre representantes do Governo, do Governo Civil e da autarquia de Barqueiros, tendo em vista ultrapassar o impasse e encontrar uma via alternativa. O Governo deveria fazer-se representar por uma comissão nomeada para o efeito, composta por um representante de cada ministério interessado.

A empresa que tentou explorar o caulino de Barqueiros é a Mibal, a qual diz que apenas «pretende desenvolver a sua actividade mineira, actividade que sofre a nível nacional a mais profunda crise». É a sua actividade que tem estado no centro de um conflito que opõe a empresa à população de Barqueiros.

A Mibal reutou a seu tempo todas as acusações que lhe têm sido dirigidas, mas não há dúvidas que esta decisão da Assembleia de Freguesia de Barqueiros, caso venha a ter com se espera receptividade por parte das autoridades, poderá fazer luz sobre muitos aspectos obscuros de todo este processo em que haverá uma vítima mortal e provocou, na primeira quinzena de Junho, incidentes entre a GNR e a população de que resultaram vários feridos.

SETE PONTO SETE

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS TERÇAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. RESPONSÁVEL EDITORIAL: JOÃO MENDES: CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/32 02 72. TELEX 12363.

A esquerda perde a gestão da herança abrilista

METADE dos ovos postos no mesmo cesto, eis o que não era, ainda anteontem, imaginável, nem por quem segurava esse mesmo cesto. O eleitorado mudou. O País mudou. Quem ontem de manhã cedo se passeava por Lisboa olhava ruas, praças, pessoas, para confirmar que se tratava da mesma cidade: o património permanece, mas as pessoas não. O Portugal de 20 de Julho de 1987 «cortou» com um outro, vindo do 25 de Abril, e que existira até 48 horas antes.

A «esquerda» perdeu as eleições legislativas antecipadas e vê-se afastada do poder durante quatro anos. Mas a «direita» ganhou-as?

Claro que, como Eduardo Lourenço sublinha num texto premonitório escrito antes do acto eleitoral, mas só ontem vindo a lume no «Jornal de Letras», há entre nós uma poderosíssima tendência para deformar, através da acentuação posta nos *demónios domésticos*, a actualização da realidade política.

Assim, um pouco como o PS de 1975, o PSD de 1987 estaria infestado de *fascistas*. É uma leitura que, à falta de melhores argumentos, a esquerda mais inactual continua a tentar impor: a da «máscara democrática» das forças «antidemocráticas». Mas de imediato surge a dúvida: terá havido mais *fascistas* a votar PSD do que *estalinistas* a votar CDU? E logo a seguir, numa apreciação sumária das deslocações de voto que produziram os 50,1 por cento do PSD, é necessário perguntar se, para além dos quase 6 por cento de eleitores «deslocados» do CDS, correspondem àquela designação os eleitores que, vindos do PRD, da própria CDU e do voto flutuante de centro-esquerda, preferiram, desta vez, Cavaco Silva.

Depois do espectro da maioria absoluta, o espectro da «mexicanização»

Da bipolarização desejada por Constâncio só resta, de momento, um pólo

A coligação unitária gerida pelo PCP desce o mesmo que entre 1983 e 1985

Não foi o PS que esvaziou o ideário eanista, mas sim o «pragmatismo desideologizado» de Cavaco Silva

Quantos vencedores

Há leituras *óbvias* destes resultados eleitorais: que os portugueses preferiram a estabilidade; que na sua maioria, estavam a tolerar bem o Governo de Cavaco Silva; que resolveram penalizar sobretudo quem assumiu a iniciativa do seu derrube (daí, porventura, a hecatombe do PRD, que acaba por não ter, na vida política nacional, senão o fulgor passageiro de um fogo-fátuo de circunstância)...

E há também leituras menos óbvias e simultaneamente marcadas pela ambiguidade: nomeadamente, a de que existiriam, embora em proporções diversas, dois vencedores do 19 de Julho, Cavaco Silva e Vítor Constâncio. Esta leitura convém, indiscutivelmente, ao próprio Vítor Constâncio, e é entendível no quadro das momentosas necessidades do PS: de acordo com ela, é verdade que Cavaco Silva conseguiu aquilo que nenhum outro dirigente partidário e/ou chfe de Governo tinha conseguido em Portugal desde o 25 de Abril — ultrapassar largamente o número de votos indispensáveis à obtenção da maioria absoluta parlamentar, ela própria tida como quase inatingível. Mas, de acordo com ela, também é verdade que Vítor Constâncio passa a «liderar inequivocamente a esquerda», e que esta «só no PS tem futuro».

É uma leitura curiosa, que inclui o seguinte pressuposto: não existe um Portugal, mas dois; o primeiro é expresso por todas as partes do eleitorado e concede 50,1 por cento dos votos ao chefe do Governo derrubado pela moção de censura PRD-PS-PCP; o segundo é o Portugal de «esquerda» -e esse terá eleito presidente, ou algo de parecido, o secretário-geral do Partido Socialista.

Admitamos como boa, por um momento, esta leitura dos resultados eleitorais que tão necessária é, hoje, ao PS: resta que, entre o «partido líder» do Portugal-de-esquerda e o partido que recolheu 50,1 por cento de todo o eleitorado, há uma distância (quando faltam ainda apurar os resultados do sufrágio dos emigrantes) de cerca de 28 por cento dos votos! Quer dizer, a distância a que o PS ficou do PSD é superior, em quase 6 por cento, ao total de votos que o próprio PS conseguiu alcançar.

Duplo inêxito

Para além da crueldade dos números, porém, é normal que o PS tente transformar a sua fraqueza perante o que diz ser o seu adversário principal em força perante os adversários secundários. Só que, se no tocante ao PRD Vítor Constâncio se pode gabar de ter apagado o fogo-fátuo (embora esteja por quantificar que parte desse trabalho foi feito por Cavaco Silva), já em relação à CDU não pode gabar-se de nada: os resultados da coligação «unitária» formada pelo PCP apenas exprimem a descida lenta, e global, da sua expressão eleitoral (18,2 em 1983, 15,49 em 1985, 12,8 em 1987), e não são de molde a sugerir o efeito de esvaziamento que o PS tanto pediu aos eleitores. Na realidade, o inêxito do PS, que não chega a subir dois pontos em relação ao seu pior resultado de sempre, o de 1985 (em 1983 estava nos 36,35 por cento), manifesta-se em duas frentes: na *nacional*, porque o PSD está agora acima do dobro da sua expressão; e na de *esquerda*, porque, embora inoperante no «céu da política», um PCP com quase 13 por cento dos votos está longe de ceder o seu lugar no imaginário e na fantasmática dessa mesma *esquerda*. Ao pretender liderá-la nas condições actuais, o PS de Vítor Constâncio torna-se amnésico em relação a um fenómeno de base que, dada a sua posição, de todo em todo não pode ignorar: é que não há *uma* esquerda, mas sim várias, que adquirem duas expressões eleitorais completamente autónomas e irredutíveis uma à outra: a sua própria e a do PCP. Se, na sua tentativa de se afirmar como «única alternativa» ao PSD, o PS de Vítor Constâncio mostrar tendência para se tornar numa espécie de «pai dos povos de esquerda», isso significará, de uma forma ou de outra, uma reaproximação com o PCP. Ora, essa reaproximação contraria os esforços feitos pelo próprio Constâncio. E, mesmo que ela se operasse, Constâncio, jovem de mais para «pai dos povos», ver-se-ia provavelmente relegado a uma função de *tio*.

Um mito desactivado

Mas a questão com que o PS tem de lidar, na legislatura que se pode dar como iniciada, é mais funda e prende-se com o que está expresso nas motivações predominantes do eleitorado de 19 de Julho:

O voto de 19 de Julho manifesta o descrédito *numa certa forma de gerir a herança abrilista*. Como se o 25 de Abril e os célebres «Três D» do MFA se tivessem irreversivelmente transformado, de modelo de sociedade (que nunca chegaram a ser), em mito desactivado. Como se o discurso *abrilista*, com a sua tónica de «conservação de conquistas», não tivesse sido capaz de dar um conteúdo ao futuro. O eleitorado comportou-se, em relação a esse tipo de discurso, como um grupo de fiéis já sem paciência para uma homilia que perdeu toda a capacidade de sugerir mundos novos.

Na cena política e social portuguesa surgiram novos protagonistas que assumem o seu lugar no regime democrático e abandonam o serviço desse discurso: em questão está a associação, certamente abusiva, que foi feita durante 13 anos entre o regime democrático e uma série de processos parcelares que caracterizaram, em Portugal, o seu caminho, e foram equivocamente tidos como irreversíveis. O voto de 19 de Julho confirmou, com uma magnitude inesperada, a preferência generalizada por esse novo protagonismo.

Ora, o PS de Vítor Constâncio navega, perante ele, entre duas águas, melhor diríamos entre duas incertezas: por um lado, não sabe (ainda? será uma questão de tempo?) como assumir o que esse novo protagonismo tem de melhor, sem perder a sua identidade *socialista*. Por outro, não ousa violentar excessivamente a tradição abrilista como se temesse, ao separar-se dela, perder o contacto com aquilo mesmo de onde ainda lhe vem uma coerência, uma história... e eleitores. Até agora, o esforço de «modernização» que o PS fez desde a eleição de Mário Soares para a Presidência da República, e cujo momento mais expressivo, mas também mais confuso terá sido a «Convenção da esquerda democrática», apenas mostra que a articulação desses dois rostos ainda é, para ele, a quadratura do círculo. Alguma vez poderá deixar de sê-lo?

Tempo não falta

Numa coluna intitulada «Cartas Multadas», e que publicámos no «*DL*» até imediatamente antes do início da campanha para as eleições de anteontem, dissemos desde o primeiro momento que o PS não deveria ter votado a moção de censura proposta pelo PRD; que Mário Soares não iria dar à esquerda, sem eleições, um Governo que não lhe foi proposto e de que ele teria de ser o principal mentor; que as eleições eram, por isso, inevitáveis, e que a *esquerda* as ia perder. Não previmos, e não conhecemos ninguém que tenha previsto, os 50,1 por cento do PSD nem a brutalidade da queda do PRD.

Agora, com o PS reduzido a menos de metade da expressão daquele que diz ser o seu adversário principal e com o PCP a manter-se firmemente nos 13 por cento, não podemos antever solução rápida para o puzzle respeitante à identidade socialista. Nem uma solução rápida é indispensável ou desejável. A legislatura PSD ainda agora vai começar.

João Mendes

Os 40 anos grandes do «Piccolo» de Milão

HÁ anos, muitos, um jovem lisboeta, era um fim-de-semana, meteu-se num comboio com o fito único de ir a Milão ver um espectáculo do Piccolo Teatro de Milano de Giorgio Strehler. Quando chegou a Milão, depois de um dia e uma noite sem dormir, o jovem teve uma grande decepção: o «Piccolo» não tinha nenhum espectáculo em cena. Foi, no entanto, compensado: perante tanta vontade em ver o seu trabalho, Strehler autorizou o viajante português a assistir a um ensaio do próximo espectáculo (e sabe-se como os ensaios dirigidos por ele são autênticos espectáculos). Depois de ter sido esporadicamente encenador, e por bastante tempo crítico, esse jovem de então não tem hoje qualquer actividade relacionada com o teatro a não ser a de espectador — esta história no entanto terá marcado profundamente a sua vida.

História verdadeira — este conto serve para ilustrar exemplarmente a irradiação de uma companhia teatral com sede em Itália que projectou a sua prática para todo o mundo. E isso desde o início da sua existência. Ao fazer 40 anos, o PT de que Giorgio Strehler continua a ser a alma e o corpo, morto já o outro dos seus fundadores, Paolo Grassi, mantém-se como um dos projectores de luz mais intensa que iluminam o palco europeu, se a imagem convencional é permitida.

Pequena história

O «Piccolo» iniciou as suas actividades em 14 de Maio de 1947 tendo como lema a produção de espectáculos como *serviço público,* fórmula de que Jean Vilar foi o grande impulsionador. Num texto publicado no programa desse primeiro espectáculo podia ler-se: «Queremos recrutar os nossos espectadores tanto quanto possível entre os trabalhadores e os jovens, nas fábricas, nos escritórios, nas escolas, propondo formas de assinatura simples e adequadas para melhor soldar as relações entre teatro e público, de qualquer modo, produzindo espectáculos de alto nível artístico a preços tanto quanto possível reduzidos».

O sonho de um teatro de alta qualidade produzido para o maior número de espectadores recrutados entre as classes trabalhadoras, era um velho sonho que ainda não se extinguiu. Como escreveu Arturo Lazzari, o PTM «herdou a experiência e o exemplo de grandes companhias do teatro contemporâneo: o Théâtre Livre, de Antoine, a Frei Buhne, o Teatro de Arte de Stanislavski, o Vieux Colombier de Jacques Copeau, entre outras.

No cartaz do primeiro espectáculo, a peça de Gorki *Albergue Nocturno;* seguiram-se: *A Noite da Ira* de Armand Salacrou (Julho), *Arlequim, Servidor de Dois Amos,* de Carlo Goldoni (Julho), espectáculo que se manteve ao longo dos anos como paradigma do trabalho da companhia e de GS, o único que veio a Portugal; *Os Gigantes da Montanha* de Pirandello (Outubro). Estes quatro espectáculos indiciam o projecto artístico e ideológico do grupo milanês interessado em trabalhar um material dramatúrgico com características políticas e populares bem determinadas, aprofundando as tensões cénicos de cada texto, tanto em relação aos clássicos como aos contemporâneos.

A projecção da obra de GS e do PTM pode calcular-se por estes números, aliás muitíssimo desactualizados pois são de 1967, quando o PTM tinha metade da idade que tem hoje: o grupo tinha representado o *Arlequim...* 1423 vezes no seu próprio teatro, 875 noutras cidades italianas e 473 em diversas cidades dos quatro continentes.

Seria preciso todo o «DL» para relatar o que foi a actividade do PTM e de GS ao longo dos 40 anos que nos separam da fundação da companhia. Entre 1947 e 1981 apresentou: 87 textos italianos, dos quais 43 em estreia; 81 textos estrangeiros, dos quais 36 em estreia em Itália, num total de 11 634 sessões.

Se autores houve que podemos considerar os mais representativos em relação ao trabalho do PTM, caso de Goldoni, Pirandello, Shakespeare, Brecht e Tchekhov, o reportório do teatro percorre os mais variados registos da produção dramatúrgica mundial: Molière, Anouilh, Gozi, Alfieri, Ibsen, Giraudoux, T. Williams, Buchner, H. Becque, Musset, Sófocles, Toller, Bruckner, Lorca, Ruzante, Durremmatt, Zavattini, Arthur Miller, Eliot, Eurípedes, Osborn, Wesker, P. Weiss, Adamov, A. Gatti, Neruda (encenações de Patrice Chéreau), Dorst, E. de Filippo, Maiakowski, Wedeking, B. Shaw, J. Genet, Beckett, Corneille, Calderon, Strindberg.

Quatro períodos

É costume dividir a carreira do PTM em quatro períodos. O primeiro abrange as primeiras temporadas e os primeiros anos 50 e é aquele a que um crítico chama o período heróico: «O Piccolo deve conseguir uma credibilidade e um êxito num contexto em que o conceito de *teatro público* parece algo exótico e a *ideia de encenação* é ainda objecto de polémica». Por isso, esse primeiro período coloca-se «sob o signo do eclectismo». Acrescenta o crítico em questão: «No minúsculo palco da Rua Rovello encontram espaço espectáculos estruturalmente complexos, é criada uma iluminação de tipo expressionista, são transplantadas para Itália as pesquisas linguísticas das correntes mais significativas da encenação europeia. É determinante o contributo de Strehler na árdua tarefa de levantar o sonolento e recalcitrante teatro italiano do século XX».

O segundo período inicia-se em meados dos anos 50 com dois grandes espectáculos: *Trilogia della Villeggatura,* de Goldoni (1954) e El *Nostre Milan* de Bertolazzi (1955). Recorro ao mesmo crítico (*in* Teatro del'900»):

«O eclectismo desaparece quase completamente e individualizam-se muito mais claramente as veias principais da política cultural strehleriana, já em parte reconhecíveis na fase precedente. (...) Um público já numeroso, sociologicamente identificável com uma burguesia intelectual e reformista que, precisamente naqueles anos, vive as ilusões e as desilusões do centro-esquerda, reconhece nas propostas teatrais do PTM as suas próprias inquietações e aspirações. É a época das grandes encenações brechtianas e de aprofundamento da reflexão sobre a pedagogia teórica e prática filtrada por uma sensibilidade prevalentemente lírica. Os espectaculos, minuciosamente preparados, impõem um elevadíssimo nível formal, nos limites da exaustão, de acordo com críticos não identificados com o trabalho de GS e do PTM».

Depois da colaboração de Giani Ratto, o cenógrafo Luciano Daniani torna-se no grande colaborador de GS.

O terceiro período abre com a euforia de 68 cuja crise atinge profundamente tanto a companhia como o seu director. Continuando a transcrever o artigo de «Teatro del'900»: «Strehler, que já exprimira tormentosas interrogações sobre o seu próprio trabalho e sobre as suas funções de criador teatral numa memorável encenação de *Os Gigantes da Montanha* de Pirandello (1966), depois de uma temporada sem encenações novas, anunciou, sem que ninguém o previsse, em Julho de 1968, a sua demissão do Piccolo, sob o pretexto de realizar um novo trabalho fora dos pesados condicionantes estruturais do teatro público. Funda uma cooperativa com a qual produziu um espectáculo fortemente político — *Canto do Fantoche Lusitano,* de Peter Weisse, e *Albergue Nocturno,* com o título *No Fundo,* que recupera da encenação anterior. Com a colaboração de outros encenadores, entre eles Patrice Chéreau, o PTM mantém a sua actividade constante.

O quarto período da companhia milanesa tem início no Outono de 1973 com o regresso de Giorgio Strehler como único director já que Paolo Grassi saíra definitivamente. É, diz «Teatro del'900», «o período da apoteose, ... que começa com uma encenação quase beckettiana do *«Rei Lear* de Shakespeare ...». Entre outros surgem então espectáculos geniais como os que foram realizados sobre peças de Goldoni, Shakespeare, Brecht, Pirandello. Strehler consagra-se definitivamente como um dos maiores criadores teatrais do século XX e o Piccolo Teatro di Milano como uma das mais influentes e respeitadas companhias do teatro mundial.

Alguns espectáculos

Dos espectáculos do PTM alguns representam acontecimentos-chave de um processo criativo que foi necessariamente evoluindo. Foi o que aconteceu com o já referido *Arlequim, Servidor de Dois Amos;* mas foi talvez com *El Nost Milan,* de Bertolazzi (1955) que a companhia se consagrou como um dos mais poderosos colectivos de produção teatral do Ocidente, provavelmente a única capaz de ombrear com o Berlim Ensemble de Bertolt Brecht. O espectáculo foi objecto de um estudo crítico do filósofo marxista Louis Althusser que foi e é ainda um modelo de análise dialéctica e um espectáculo teatral. Como amostragem dessa análise, um excerto do texto publicado no volume «Pour Marx» (Maspéro/1965): «Foi porque Strehler tinha uma consciência aguda das implicações da estrutura singular da peça, porque a sua encenação e a sua direcção de actores se lhe submeteram, que o público foi tocado. A emoção dos espectadores não se explica apenas pela «presença» desta vida popular dada em minúcia (...) mas fundamentalmente pela percepção inconsciente dessa estrutura e do seu significado profundo. Em nenhum momento esta estrutura era explicitada, em nenhum momento era objecto de um discurso, ou duma exposição. Em nenhum momento podíamos observá-la directamente como podíamos observar uma personagem ou o desenvolvimento da acção.

No entanto, ela estava lá, na relação tácita do tempo do povo e do tempo do drama, no seu desequilíbrio mútuo, na sua incessante «interacção» e finalmente na sua crítica verdadeira e sedutora.

«Era por esta relação latente, esta tensão aparentemente insignificante e no entanto decisiva, que a encenação de Strehler dava a perceber ao público sem que este pudesse traduzir directamente essa presença em termos de consciência clara. É verdade, o público aplaudia no espectáculo qualquer coisa que o ultrapassava; que ultrapassava talvez o autor da peça, mas que Strehler lhe tinha proporcionado: o seu significado profundo, mais profundo que as palavras e os gestos, mais profundo que o destino imediato das personagens, vivendo esse destino sem nunca poder reflectir sobre ele. (...) Neste caso, realmente, podemos dizer, justamente, que a consciência estava atrasada — mesmo que cega ainda, era uma consciência que finalmente tinha por mira um mundo real. (...)

«... Dir-se-ia que é a própria peça que *é* a consciência do espectador — por esta razão essencial que o espectador só tem consciência do conteúdo que antecipadamente o liga à peça, e o devir desse conteúdo na própria peça: o resultado novo que a peça *produz* a partir desse reconhecimento da sua natureza de que ela é a figura e a presença.

Brecht tinha razão: se o teatro só tiver por objectivo ser comentário, mesmo «dialéctico» desse imutável reconhecimento — desconhecimento de si — o espectador conhece antecipadamente a música: é a sua. Se, pelo contrário, o teatro tem por objectivo abalar essa figura intangível, de pôr em movimento o imóvel, essa imutável esfera do mundo mítico da consciência ilusória, então a peça é de facto o devir, a produção duma nova consciência no espectador — inacabada, como toda a consciência, mas amadurecida por esse próprio carácter de inacabado, por essa distância conquistada, por este acto inesgotável da crítica em acção. O espectáculo é bem a produção do espectador novo, esse actor que começa quando o espectáculo acaba, que só começa para o finalizar, mas na vida. (...)

«E de súbito, irresistível, este *problema* irrompe em mim: e se estas páginas, à sua maneira, desajeitada e cega, não fossem mais do que essa peça desconhecida de uma noite de Junho, *El Nost Milan,* prosseguindo em mim o seu sentido inacabado, procurando em mim, apesar de mim, actores e cenários eliminados, o *acabamento* do seu discurso mudo?»

Rei Lear de Shakspeare

Giorgio Strehler

Não se pode falar do PTM sem se

Continua na pag. 3

Continuação da pág. 2

falar de GS, como não se pode falar deste sem falar naquele. GS formou-se como actor em Junho de 1940 com 19 anos na Academia Dramática de Milão. Um crítico escreveu então que era ele «o mais rico em recursos dramáticos, em presença, em cor, em autoridade . . . um temperamento juvenil que depressa encontrará o seu caminho».

Será porém como encenador, depois de acabada a guerra e com ela o fascismo, que GS encontrará o seu caminho. Em 1945 encena uma grande e difícil obra de Eugene O'Neill, *Electra,* dando a medida das suas capacidades criativas. Encena pela primeira vez *Albergue Nocturno,* e este espectáculo impõe-no definitivamente perante a crítica. Virá a ser o seu primeiro espectáculo no PCT. Aliás, antes disso, GS foi crítico de teatro no «Milano Sera».

Além dos espectáculos sublinhados, devemos registar a importância de outros que mais directamente reflectiram a filosofia e a estética de GS, como foi o caso de *Os Gigantes da Montanha,* de que fez duas encenações: a primeira, logo a seguir ao fim da guerra, «sublinhava o apelo humanista do artista para uma sociedade melhor», a segunda, de 1966, «era mais sombria revelando o nosso mundo vítima de uma sociedade mecanizada, insensível à poesia e à arte; no final, simbolicamente, o pano de ferro descia para esmagar a carroça dos comediantes. A vontade utópica de levar a poesia ao mundo não basta para conquistar o mundo».

A propósito, tenha-se em conta o facto de GS refundir com frequência algumas das suas criações, não só com a peça de Pirandelllo, mas o próprio *Arlequim . . ., A Boa Pessoa de Sé Chuão* e *A Ópera dos Três Vinténs,* de Brecht, entre outras.

De acordo com Maria Antonietta Macciocu, que defendeu teso sobre GS, a génese da actividade teatral deste surgiu com o teatro de amadores, contrário portanto à cultura oficial que, segundo aquela ensaísta, colocava a arte ao nível do «vison». Para ela, «esse período de aprendizagem levou Strehler à concepção seguinte: antes de tudo, o teatro deve ser comunicação».

Strehler e Brecht

Podemos talvez considerar que esta primeira e naturalmente forte concepção strehleriana do teatro o levou directamente a Brecht. Foi este o artista que mais profundamente o influenciou sobretudo depois de uma sua estada no Berliner Ensemble. Aliás, Brecht manifestou grande admiração pelo encenador italiano. No entanto, não se pode considerar que GS tenha sido um mero discípulo do genial homem de teatro alemão e muito menos um seu apêndice. Pode mesmo dizer-se que tendo recebido as lições brechtianas, Strehler transformou-se de acordo com a sua própria visão do mundo e da arte, da sua maneira de ser artista, do seu próprio estilo, do seu meio e do seu público, numa palavra, da sua poética.

Com o cenógrafo Ezio Frigerio, GS tem criado nos últimos anos alguns espectáculos duma beleza formal extraordinária o que não impediu a valorização dos respectivos discursos dramatúrgicos. Foi o que pudemos verificar com criações como *Rei Lear,* de Shakespeare, *O Jardim das Cerejas,* de Tchekhov, *A Boa Pessoa de Sé Chuão,* de Brecht, este com cenografia de Paolo Bregni.

Um artista como este não pode deixar de atrair estudantes e artistas de teatro de todo o mundo. Entre eles, estagiaram no PTM, pelo menos, os portugueses Jorge Silva Melo e José Peixoto.

Prémio

O primeiro prémio do teatro da CEE foi recentemente atribuído por um júri internacional de que fazia parte o português Carlos Wallenstein.

O prémio foi atribuído à companhia Théâtre du Soleil, dirigida por Ariane Mnouchkine. Foi um prémio justo porque o Teatro do Sol é uma das mais importantes e influentes companhias do teatro europeu. No entanto, que neste 40.º ano do Piccolo Teatro di Milano esse primeiro prémio não fosse atribuído à companhia de Giorgio Strehler é duma dolorosa injustiça. E, o que é pior, uma injustiça já sem remédio.

P.S. Como se sabe, GS é actualmente, além de director do PTM, director do Théâtre d'Europe, sediado em Paris, e nessa qualidade director da revista Théâtre en Europe.

O PTM e GS no «DL»:

O Jardim das Cerejas, de Tchekhov — 12-10-76.
Rei Lear, de Shakespeare — 5-2-78.
A Trilogia da Vilegiatura, de Goldoni — Comédie Française — 10-11-79.
A Pessoa Boa de Sé Chuão, de Brecht — 12-12-82.

Bibliografia:

«Per un teatro umano», de Giorgio Strehler — Milão/1974.
«Teoria e realtà del Piccolo Teatro di Milano», por Giorgio Guazzotti — Milão-/1965.
«Giorgio Strehler», por Ettore Gaipa — Bolonha/1959.
«Piccolo Teatro di Milano — 1947-/1967» — álbum — Milão/1967.
«A actividade teatral de GS», por Maria Antonietta Macciocu — Cahiers Théâtre Louvain — n.º 12/13.
«Enciclopedia del Teatro del'900» — Milão/1980.
«Pour Marx», por Louis Althusser — Paris-/1966.
«Le Monde» — 2/7/1987.

Carlos Porto

A grande magia do Piccolo

QUARENTA anos de vida de um teatro: quantas aventuras comuns para tantas pessoas, quantas alegrias fulgurantes, quantas amarguras, mais sentidas vá-se lá saber porquê, do que o êxito suposto... mas em especial quantos espectáculos, quantas viagens através do mundo e quanto trabalho!...

O trabalho, porém, continua, duro, incessante, para produzir «teatro», para proporcionar teatro aos outros, para compreender antes do mais o porquê do tèatro que fazemos noite após noite.

Haverá algum significado em falar de um aniversário, de uma data mais do que doutra, para um grupo de mulheres e de homens, sempre diferentes e sempre os mesmos, que se consagraram à fantástica tarefa de construir um «teatro de arte» para todos, num país como o nosso, numa história como a nossa?

Para nós este Piccolo Teatro de que alguém — Jean Louis Barrault, parece-me — dizia: **«De piccolo só tem o nome»** festeja o seu aniversário em todos os espectáculos: ou seja, de dois em dois meses, durante quatro décadas, sem interrupção.

Mas se os homens acompanham os ritmos das suas festas, no sentido de esclarecer o passado, para assinalar o decurso da vida, então o nosso quadragésimo aniversário não é um pretexto para que consideremos a nossa obra como acabada, nem mesmo para exprimir uma qualquer auto-satisfação, mas antes oportunidade para forjarmos uma imagem do futuro em parte imprevisível mas certamente semelhante ao nível do sentimento, da moral e da prática, da que marcou o nosso passado.

Vivemos o que não devia ser uma festa — ainda que o tenha sido por razões misteriosas —, o coração e o espírito virados para os projectos e as realidades novas que estamos a construir para amanhã. Só o ritmo da fidelidade ao teatro, à poesia e ao humano permanece imutável. Palavras que pronuncio e que escrevo com frequências mas que para mim não são nunca suficientes e não têm nunca o carácter duma obstinação ou duma retórica mas o duma vocação profunda. É também a fidelidade a uma «ideia» do teatro entendido como um acto responsável, como um discurso permanente entre os homens, que durará enquanto a humanidade viver.

Deste modo, neste quadragésimo aniversário do nosso teatro que é provavelmente o quinquagésimo do meu compromisso pessoal para com o «teatro», estamos ainda milagrosamente vivos e de pé perante as luzes da ribalta «reais ou metafóricas» que, para alguns de nós que cumprem com dignidade esta profissão, continuam a brilhar. A dignidade é o grande título de honra dos servidores do teatro cuja virtude maior é a humildade.

Não há intervalo, e nós continuamos nas areias movediças da teatralidade contemporânea que apesar de tudo subsiste. Um programa de criações e de projectos foi celebrado no dia 14 de Maio de 1987 que nos ligou com ternura a um outro 14 de Maio da nossa juventude, quando se abria uma pobre cortina vermelha que se mantém mais ou menos a mesma, às primeiras palavras do **Albergue Nocturno** de Máximo Gorki. Estas palavras foram para este aniversário pronunciadas por outros actores, num outro teatro em Milão, pelos nossos amigos russos da Taganka, como para significar a grande unidade da cultura europeia.

Na sala do Piccolo encenámos um espectáculo de despedida, um espectáculo que nasceu há muito tempo, foi numerosas vezes recriado, representado por tantos e tantos actores diferentes em muitos países em todo o mundo: **Arlequim, Servidor de Dois Amos,** numa versão que era ao mesmo tempo diferente e sempre a mesma, e a que chamámos a «versão do adeus». Este espectáculo foi de facto o derradeiro da derradeira encenação do nosso Arlequim, e quisemos que nesta ocasião fosse interpretada em alternância por todos os actores que a interpretaram ao longo da história do Piccolo.

No Teatro-Estúdio — sala que acaba de nascer — lembrámos as palavras de um mestre, Louis Jouvet, que tão querido nos é e que acompanhou o nosso trabalho pelo exemplo e pela memória. Estas palavras estão ainda vivas hoje e assim permanecerão no futuro porque veiculam uma verdadeira mensagem de teatro. Abrimos ao público as portas da nossa pequena escola que está a começar ou melhor recomeça uma história interrompida em 1968. Mostrámos ainda a estrutura de um teatro novo, que merecemos — estou certo — há muito tempo.

Penso que outros, provavelmente, construirão a sua história nascida da nossa. E na minha **cameretta del cuore,** talvez a de Mozart, precipitam-se todas as imagens dos espectáculos que se preparam e acumulam, todos os signos do que será o meu trabalho e o nosso trabalho de sempre. Portanto, não era necessário falar muito deste aniversário, contar mais uma vez o nosso compromisso e a nossa criatividade: só os factos contam ou deviam contar, mais do que as palavras — gostaria simplesmente de lembrar que o Piccolo nasceu de um acto de amizade de um pequeno grupo de homens e mulheres ligados pelos mesmos ideais, nódulo que se ampliou aos maquinistas, electricistas, engenheiros de som, director de palco, carpinteiros, pintores, actores, mesmo se juntos não deixaram de sofrer dificuldades de ordem sentimental.

Não falo do Piccolo como de um lugar ideal que não existe nem poderia existir. No entanto, ele pode levar a compreender que um teatro não deve ser feito como geralmente é feito. Há no mundo, infelizmente, uma tendência de tal maneira perversa do teatro público (o teatro lírico é disso o exemplo mais funesto e visível) para o elefantísmo, para o bloqueamento dos ensaios, que já não é possível invertê-la. Há excepções: muitos de nós, na Europa, tentam travar esse processo que conduz à degradação da qualidade e das relações com o público.

A função de um teatro público não consiste em criar com irregularidade demasiados ou demasiado poucos espectáculos, mas espectáculos em continuidade, de nível muito elevado, todas as noites, todas as estações, todos os anos, todas as décadas. Nesse sentido, o Piccolo é talvez um exemplo, de que análises em profundidade mostrariam se teve uma influência autêntica. O que de facto constitui o Piccolo não é a sua estrutura, precária, nem paradoxalmente o valor estético dos seus espectáculos, mas a sobrevivência, sempre ameaçada, de um espírito, de uma maneira de juntos e até ao fim fazermos teatro. Enquanto nos seja permitido fazê-lo. E não estamos seguros que no-lo permitam. Sabemos muito bem, hoje mais do que nunca, porque mais do que nunca nos distanciamos do maravilhoso «trompe-loeil» da infância, como é verdadeiro quanto este poema breve de Brecht que traduz como gesto de gratidão para com um outro dos meus mestres, desaparecido demasiado cedo. Diz:

Se fôssemos eternos
tantas coisas poderiam mudar
mas somos efémeros
e demasiadas coisas permanecerão iguais

Giorgio Strehler

Il Campielo: de Goldoni

Aos cidadãos/Um serviço público/O Piccolo Teatro de Milão

O teatro não é um lugar privado onde se desloca um pequeno número de eleitos para ver espectáculos destinados apenas a eles. Se o teatro quer continuar a existir/ e quer prosperar como sujeito de cultura e de arte, como «serviço público»/ de uma colectividade, precisa de um público novo, grande, aberto, amigo/ que não o frequente por mundanidade mas para fazer dele um instrumento activo, popular e cultural./ O teatro dos cidadãos milaneses é o Piccolo Teatro./

Que é o teatro?

Um direito, e um dever para todos./ O Piccolo Teatro deste ano traçou o plano de uma campanha ainda mais vasta de convites/ ao grande público. Graças a preços acessíveis e iguais para todos, é capaz de colocar todos em condições de exercer esse direito e esse dever.

Teatro e público popular/Agora, um encontro histórico

Um encontro a que o teatro não quer faltar. O público novo dos operários e dos jovens não poderá faltar.

Operários/jovens/podem ir ao teatro

E assim darão aos seus «tempos livres» uma marca de inteligência, a marca de um divertimento de elevado nível.

A cidade precisa de teatro/ O teatro precisa dos cidadãos.

Retratos no Teatro

Raquel Maria

Por Manuel Cintra

Comecemos pelo fim: a fotografia que ilustra este texto chegou-me às mãos cinco dias antes de feita a entrevista à actriz. Pertence-lhe, ao contrário da maioria das fotografias que acompanhavam entrevistas anteriores. Não é oferecida, pertence-lhe. O jornal apoderar-se-á dela, tratará de a reproduzir e eu de a devolver. Então será um pouco como se esta conversa tivesse sido há um ano, ou muito mais. E há muito mais anos que esta conversa, quando Raquel Maria nasceu, eu ainda não tinha nascido; mas quase...

Comecemos, agora então, pelo princípio.

RAQUEL MARIA nasceu algures neste nosso curto país, entre o Algarve, o Alentejo e o Barreiro, que não era ainda nessa altura uma secção de Lisboa, mas para lá caminhava, como é sabido. Conhece, por isso, como poucos, a sensação que traz correr para um barco, chegar a casa tarde, mais tarde que os colegas de trabalho, e adormecer.

No Barreiro, em pequenina, gostava muito de brincar a essas coisas, que, diz ela, agradam a todas as crianças: o faz-de-conta, os espelhos, as máscaras, com ou sem Carnaval, as roupas, as bonecas. Conta-me que várias vezes fez de boneca, que adorava fazer de boneca quando uma das suas irmãs, a mais velha, a levava como boneca para brincar com as amigas. E deixava-se mascarar, orientar, prestava-se às brincadeiras que a irmã e as amigas inventavam. Com enorme alegria, segundo se lembra. Será muito diferente chegar a um primeiro ensaio, sentar-se a uma mesa, ouvir as primeiras instruções de um encenador, ler com outros actores uma peça, levantar-se, ir para outro ensaio, e outro, e outro, ouvindo sempre de boca alheia novas sugestões, novas correcções para as regras da *brincadeira*?

Do pai, que era barbeiro, e já o tinha sido no Algarve e no Alentejo, lembra-se de ir muitas vezes à loja, onde os espelhos a fascinavam; lembra-se muito de estar perto do pai enquanto este trabalhava e nessas alturas não brincar tanto: havia os espelhos. Em casa também. Os espelhos, os vidros, a transparência e aquilo que a luz faz quando incide sobre as coisas e as torna subitamente diferentes como se nunca ali tivessem estado, são das coisas que mais a impressionam, que mais a atraem desde sempre. Não espanta pois que lhe agrade essa profissão em que, depois de horas de maquilhagem ou de concentração em frente de um espelho, o actor ou actriz tem que ser, por sua vez, um dos espelhos do mundo, em que o público saiba ou não reconhecer-se. Quando um projector se acende sobre ela, e a luz que cai sobre o seu corpo começa, ou não, a ser reflectida. Porque nem todas as noites isso é possível. Pode o projector estar exactamente no mesmo sítio, bem apontado, e a actriz ter parado os seus passos a um centímetro da véspera. Ou pura e simplesmente não ter trazido nesse dia toda a luz que o seu corpo produzira na véspera.

Mas não era ser actriz que a Raquel tencionava: estudar, também não era bem a ideia, uma vez que não lhe foi proporcionado o curso que decidira escolher, o de belas-artes. Teve portanto que ir numa direcção diferente da sua, e baralhar as cartas de outra maneira, o que terá sido uma certa violência. Mas o teatro surgiu-lhe bem cedo, a nível amador. Há quem diga, anos mais tarde, com ar dramático: «Foi o teatro que me salvou»; para a Raquel Maria, todas essas coisas se equacionam de outra maneira, mais prosaica e muito mais sentimental. O teatro não a salvou: foi ter com o teatro, porque é esperta. Até hoje. Era preciso lutar contra o terrível quotidiano que se instala quando um curso secundário acaba e está na hora de ir trabalhar, e esse trabalho só se chama emprego, e o patrão, sempre simpático e sempre explorador, nos tira devagarinho a força e a energia que seriam necessárias para a criação, a troco de alguns escudos, na altura muito poucos. Só que para ela, quando já não havia mais energia, começava por se *criar* outra: e lá ia disparada de Lisboa, onde trabalhava como secretária para o Barreiro, onde o teatro amador, através do grupo a que pertenceu durante muitos anos, lhe dava a possibilidade de tentar entender aquilo que os espelhos fazem às pessoas-espelhos, quando o cansaço se evapora para dar lugar à luta. Foi mais ou menos assim. Os empregos foram muitos, todos em Lisboa, e as peças foram muitas, todas no Barreiro. Os prémios também. Havia nessa altura o SNI, aqueles galardões, aquela sopa aos ilustres de coração. E é claro que muita alegria lhe deu receber prémios pelo seu trabalho, uma vez que não era pelo outro, de escrever à máquina ou fazer contas a respeito do dinheiro dos outros que, assim, não precisam de escrever à máquina nem de fazer contas. Houve o Hotel da Torre, em Belém, e tambem uma empresa no Cais do Sodré, empresa que lidava com assuntos marítimos e a obrigava no entanto a estar em terra, numa ampla sala pouco cheia da qual via a rua, e as pessoas na rua, e mais ninguém. Assim foi vários anos: ao fim da tarde, era preciso reaprender que os outros ainda estavam vivos, ainda existiam, e lá ia a correr para o Barreiro, onde tentaria explicar, através do teatro, a alguém, que estar vivo permite passar muitas horas fechada numa sala a escrever à máquina sem ver ninguém, até que a tarde chega ao fim e o horário se cumpriu. Fazer teatro, regra geral, só tem horário para a altura em que se começa. Aquela em que se pára para descansar varia muito mais.

A primeira peça em que entrou, «A RATOEIRA» de Agata Christie, trouxe-lhe o deslumbramento de estar no palco e ser actriz. A última como amadora, trouxe-lhe o Luís Miguel Cintra e o Jorge Silva Melo, que iam então formar uma companhia profissional, o TEATRO DA CORNUCÓPIA, e a vieram convidar para essa aventura. E a sua primeira reacção foi de vergonha: iam convidar também a Glicínia Quarim. Como é que ela podia, sendo amadora, contracenar com alguém tão famoso como a Glicínia Quartim? Tinha uma vergonha terrível. Não sabia o que pensar, o que decidir. Mas eles responderam-lhe: e nós, não vamos ter vergonha de a tentar dirigir, de encenar peças também a nível profissional pela primeira vez? Nunca se esquecerá dessa conversa. Foi ali no Coche Real, um café que fica perto do Largo do Camões.

Foi preciso optar: aquela sala vazia de onde todos os dias ouvia o bulício do mundo, da Lisboa dos anos sessenta, tão cheia de lutas mais atraentes que a luta com as teclas de uma máquina de escrever ia ou não dar lugar a uma sala cheia de escuridão, antes de as luzes de cena se acenderem, em noite de estreia, e ser, de repente, actriz profissional?

Hesitou, mas pouco. E deve ter sido com alívio que disse adeus para sempre à sua vida de empregada de escritório. Desde então trabalha no TEATRO DA CORNUCÓPIA. O Jorge Silva Melo já lá não está, mas continua a ser o Luís Miguel Cintra quem encena. A Cristina Reis, cenógrafa, viria a juntar-se à Companhia poucos anos depois, quando do seu regresso de Inglaterra onde estudara artes plásticas, e também quando da criação, por aquela Companhia, do espectáculo «AH Q», baseado no escritor chinês Lu Sun.

Mas voltemos um pouco atrás: disse eu que Raquel Maria tinha feito teatro, não tendo podido dedicar-se às artes plásticas: isso não é verdade. Tendo, durante os anos em que vivia no Barreiro e trabalhava em Lisboa, tirado um curso de gravura, fez gravura durante muitos anos, e posso dizê-lo, pois ela me mostrou gravuras dessa época, que é pena certas pessoas serem obrigadas a fazer aquilo que não querem. Não me refiro ao teatro, neste caso, mas sim ao trabalho de escritório. Quanto ao teatro, quem quiser testemunhar pode ir, por exemplo, ainda por alguns dias, ver a peça em que Raquel Maria neste momento representa: TRILOGIA DA GUERRA, de Edward Bond, primeira e segunda partes. Ou então, ir ver depois do Verão a terceira parte, actualmente em ensaios. Verão talvez a luz de um projector, no Teatro da Trindade, incidir sobre uma actriz irreconhecível, diferente do aspecto que tem na rua, como ela gosta: ser diferente no palco é entender mais qualquer coisa, e estar a explicar essa coisa ao público. Se nessa noite o projector morrer, como morrem uns após outros os personagens da peça ao serem vítimas de uma guerra nuclear, não acreditem: os projectores não podem morrer porque nunca estiveram vivos; os actores, também não; caem no chão com o rigor de uma bala, e afinal, estão a mentir com toda a força para tentar chegar a uma verdade mais forte do que a morte. Mas se nessa noite o projector estiver vivo, acreditem sim. Os projectores que nunca estiveram vivos podem ser cúmplices dos actores, quando eles os iluminam. É aí que começa a guerra.

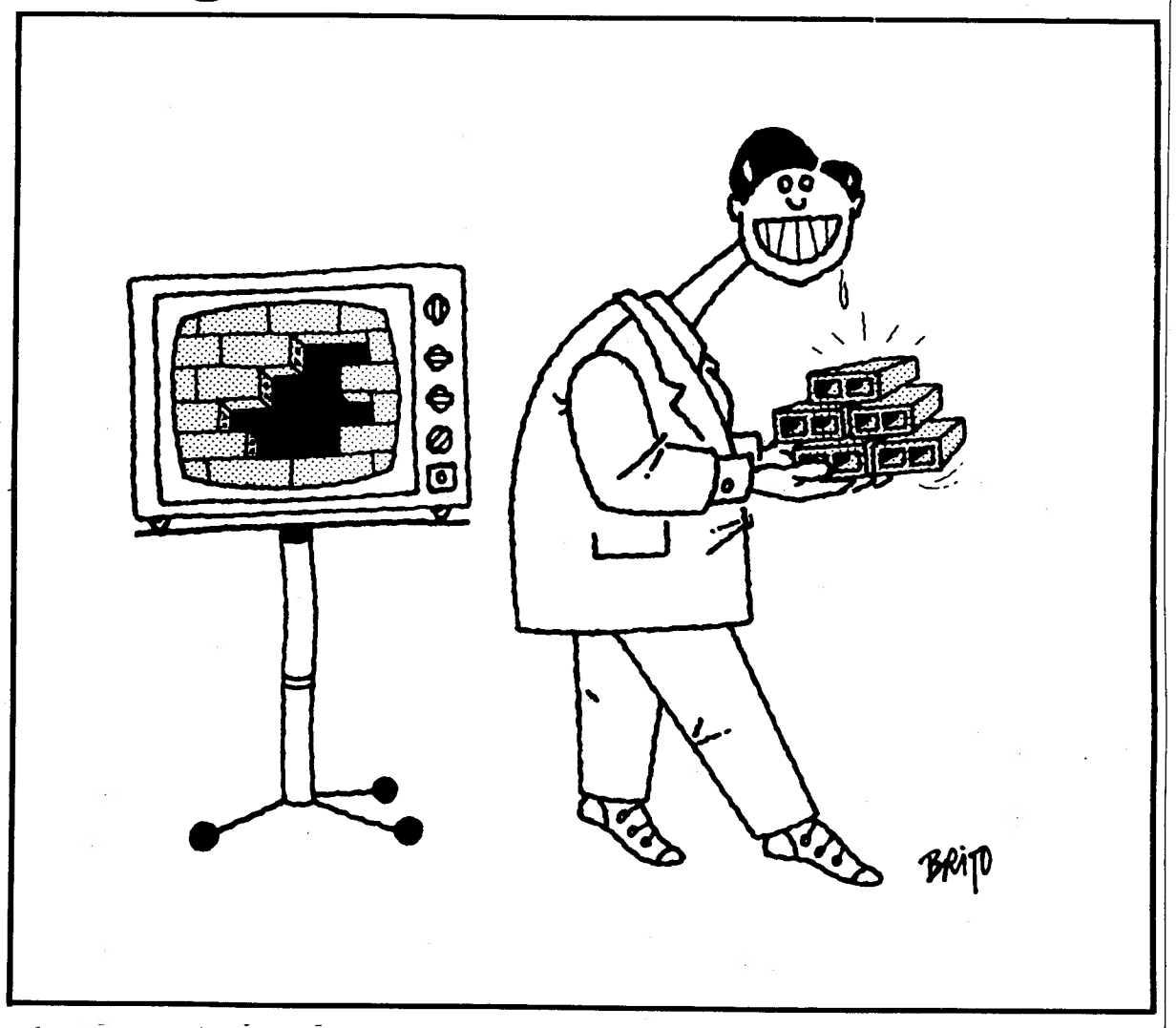
Regressemos à fotografia de que falei no início: nela podemos ver Raquel Maria no seu camarim, na época em que estava em cena, igualmente no TEATRO DA CORNUCÓPIA (actualmente em obras de melhoramento), com a peça A MISSÃO, de Heiner Muller, uma daquelas em que mais gostou de participar, juntamente com ORATÓRIA e CASIMIRO E CAROLINA. (Sabe ver, diz-me ela, com mais facilidade aquilo que não gostou tanto de fazer: um papel dócil de mais para o seu gosto em SIMPATIA de Eduardo de Filippo.) Dizia eu que podemos ver Raquel Maria no seu camarim. Passaram muitos anos sobre aquele dia, no seu camarim. Passaram muitos anos sobre aquele dia, no Coche Real. Nunca fez teatro senão aquele. Foi sempre verdade. Vai entrar em cena, daqui a poucos minutos, e o seu estranho olhar, aguçado e certeiro como uma faca com gume, lembra-me o interior das pálpebras dos halterofilistas, quando se concentram antes de erguer o peso e tudo se esvai à sua volta. Mas olhem com mais atenção: se a fotografia estiver bem reproduzida poderão ver, quase apagado, quase na sombra, um rosto de homem. Está também vestido com roupa de cena, também é actor. E no entanto, foi ele que a dirigiu: como a irmã mais velha fazia, depois de ela aceitar o papel de boneca. Esse homem é Luís Miguel Cintra. E a imagem não é real: é aquela que o espelho reflecte. Será portanto tudo isto mentira e verdade ao mesmo tempo.

Amanhã a Raquel quer continuar a fazer gravura, pois recomeçou a trabalhar e a expor, há pouco tempo. Mas é de tempo que se trata, porque amanhã há ensaio à tarde, e à noite, o poder de dar vida a um projector que todos juravam morto e afinal acordou.

Soviéticos em Portugal avaliam a «glasnost»

«As leis económicas são iguais em todo o mundo»

Se antes se pedia aos dirigentes das empresas que conhecessem bem o processo tecnológico de produção, agora, na União Soviética, tal como nos disse o responsável pela Agência Tass em Portugal, pretende–se que tenham uma visão geral das leis económicas que, disse, «são iguais em todo o mundo». Este o novo espírito que perpassa nos textos das reformas recentemente aprovadas: a separação dos sistemas económicos a nível internacional baseia–se apenas na forma de distribuição do valor criado, devendo a economia soviética abrir–se a um mundo considerado cada vez mais interdependente e a requer soluções comuns.



«O mundo contemporâneo é muito interligado e não pode manter–se por detrás dos seus muros fronteiriços», sublinhou–nos ainda Guenadi Petrov, um jornalista da geração dos trinta, segundo ele já empenhada em alterar as anteriores teorias e hoje a lembrar que as novas exigências económicas devem empurrar um conjunto de alterações na sociedade.

As novas leis, aprovadas nas reuniões plenárias de finais de Junho, pretendem empurrar os trabalhadores para a ideia de que uma empresa soviética funciona, ou terá de funcionar, do mesmo modo que uma norte–americana, europeia ou japonesa.

A sua dinâmica, independentemente do valor acrescentado gerado na actividade, estará dependente do empenho de todos, numa hierarquia de produção capaz de aumentar a produtividade, a qualidade dos produtos, já impossível de manter escondida para lá dos Urais e obrigada a estar atenta aos pequenos avanços tecnológicos de todos os dias.

Mecanismos de choque foram já adoptados para entrar em vigor a partir de 1 de Janeiro de 1988. Estímulos materiais, aceitação de competição, «saudável» ou futuramente concorrencial, aumentos salariais dependentes dos resultados finais das empresas, métodos, parece–nos, para quem ainda não se compenetrou da sua nova missão.

«Como se dizia antigamente: ´Comerás consoante o que fizeres´», é o novo lema enunciado assim por Nikolai Karpov, responsável pela delegação comercial soviética em Lisboa, adaptando, assim, a antiga lei socialista.

Segundo as novas leis, os trabalhadores poderão optar por um dos três turnos a funcionar nas empresas, recebendo mais 15 e 25 por cento consoante trabalhem no segundo ou no terceiro, com horário sucessivamente reduzido e recebendo mais um dia ou uma semana de férias, respectivamente, por cada 30 e 90 horas suplementares.

Os comentários fazem–se sentir e contestam o enriquecimento rápido que poderão os trabalhadores, como diz Petrov,«vir a ter várias casas ou vários automóveis». «O bem estar do povo sempre foi o novo objectivo», recorda–nos Petrov, que acrescenta ser evitável situações mais aberrantes através «de uma política flaxível de impostos», possível quando o Estado continua a ser o «principal investidor e regulador da economia».

Nicolai Karpov recusa a hipótese de haver fraca consciência da população, mas, tanto Petrov como Karpov, concordam que ela se terá de compenetrar de que tudo requer um novo funcionamento, que as formas de pensar e de agir na economia não poderão continuar como eram: anacrónicas e tendentes à criação de uma situação de crise.

«Desenvolveu–se o país em quantidade e não em qualidade», sintetiza Guenadi Petrov, modelo que caracteriza como sendo próprio dos anos cinquenta, mas desadequado aos nossos dias. «Talvez que, se nessa altura, tivessemos feito o que agora nos empenhamos em erguer, talvez não fosse necessário fazer esta ´reestruturação´».

Métodos responsáveis, segundo ele, por uma «economia superplanificada», lenta, incapaz de acompanhar as necessidades das populações - por vezes, dez vezes superiores à oferta de bens - e, em última análise, ineficaz para cumprir os planos quinquenais.

«Erros de planificação, no abastecimento, na distribuição, no armazenamento e transporte, na utilização de materiais, perdas enormes», resume Nikolai Karpov, o representante da delegação comercial soviética de Lisboa. Tudo isso porque não se ter «gerido a economia de uma forma económica».

Do outro lado da mesa, Karpov, de voz segura, olhos directos e porte vigoroso, enuncia alguns casos flagrantes de mau funcionamento da vida económica. «Havia empresas que consumiam o dobro das matérias primas que as normas estabeleciam, e em muitos casos chegavam a receber materiais que a sua própria capacidade não poderia absorver», verificando–se simultaneamente outros que padeciam de rupturas de «stocks».

A produção era massissa. Olhando para o gravador utilizado na entrevista, Karpov exemplifica que, para se produzir um aparelho de igual potência, o produto final saía várias vezes o tamanho ideal. O mesmo se passava com os tornos, como exemplificou, ou com os tractores, grandes, pesados e a necessitar de quantidades crescentes de energia para os movimentar.

Na agricultura, a situação não era melhor. «Há já dois anos que dizemos que as ceifeiras debulhadoras perdem dez por cento do volume total ceifado», questão, segundo disse, que foi bastante aprofundada em programas de televisão. E não era caso para menos, a julgar pelos valores que envolve. Karpov vai somendo perdas sucessivas durante o transporte, durante a armazenagem em silos, num total que rondará 30 milhões de toneladas de cereais.

Mudar a mentalidade

Como mudar tudo, como fazer para se deixar de pensar que o país é capaz de suportar todas as perdas, acabar com a despreocupação e desinteresse sobre o desperdício e a incúria que não diga directamente respeito aos trabalhadores? Como transformar tudo quando, em última análise, «os velhos métodos» eram aplicados pelos cidadãos normais nos seus locais de trabalho, os mesmos que agora se vêem confrontadas com novas orientações.

«É necessário que cada um no seu local de trabalho pense e actue nesse sentido», concorda Karpov para quem um dos aspectos fundamentais da ´reestruturação´ deve ser o da alteração da maneira de pensar, de ver todos os aspectos da vida, os «grandes e os pequenos», que «se atingisse, em primeiro lugar, a mentalidade».

Neste campo, os principais visados serão aqueles que, como diz Petrov, «calam, mas não deixam avançar», os membros de uma administração enquistada, de uma burocracia ministerial habituada a intervir e afectar os canais da vida económica e social da União Soviética, capaz, como conta Nicolai Karpov, de escrever que tudo vai bem, mas faltarem o leite ou a carne nos armazéns.

«Vamos pôr uma cruz negra sobre esse processo», afirma seguro o representante comercial. Agora, ninguém tem receios em dizer que será aí que as reformas podem emperrar e para onde, por essa razão, se virarão os esforços. «O aparelho burocrático vai ser muito aliviado», adianta mesmo o jornalista da Tass. Trata–se de uma estrutura «que pouco ou nada produz, mas que gasta muito» e, mais grave, detém um posto chave, porque «pode impedir o desenvolvimento».

As redes de decisão serão aligeiradas e «muita gente vai mudar de emprego», acrescentando, ironicamente, Guenadi Petrov que emprego é o que não falta. Mas resta a dúvida sobre como se comportarão os comuns habitantes habituados a anos, décadas de funcionamento inerte.

Optimismo crente?

«Tudo se está a processar com dificuldades», reconhece Karpov que, apesar disso não deixa de estar confiante, pois, na sua opinião, «na medida em que as reformas são sentidas como para o bem do povo, acabam por ganhar uma razão de ser cívica e tornam–se realidade».

Contudo, o delegado da representação comercial não deixa de sondar os representantes das empresas com quem se relaciona e que têm contactos regulares na sua terra.

«Encontramo–nos e conversamos e eu costumo perguntar–lhes como sentiram o ambiente de ´reestruturação´. Ainda há dias, falei com um deles que me disse: ´Sabe, já senti algo de novo. Ao primeiro telefonema, receberam–me, sem me fazer esperar um dia ou uma hora que fosse. E em todas as uniões industriais!´», mesmo nalgumas que Nikolai Karpov conhece bem.

«Somos optimistas por natureza», diz Guenadi Petrov, embora apressando–se a acrescentar que não em demasia. Ambos, de facto, mostram–se muito confiantes no futuro e advertem que tudo o que dizem pode ter o sabor de propaganda. «Nós vamos cumprir», diz em tom forte Nikolai Karpov a propósito da decisão recentemente tomada de modernizar, em três anos, todo o parque de máquinas do país. «Falo como comunista, como patriota, como russo», e, sublinhou em remate, «quando nos empenhamos, conseguimos».

Contudo, estas atitudes baralham–se e parecem, por vezes, de uma enorme e pueril ingenuidade quando confrontadas com as consequências, já pressentidas, das propostas recentemente aprovadas para a esfera económica - autogestão, autofinanciamento e autoabastecimento das empresas, revisão do regime de preços e de planificação. Propostas consideradas fundamentais para que a economia da União Soviética consiga atingir os níveis internacionais em cujos mercados pretende aparecer e competir em pé de igualdade com os melhores países capitalistas, num sistema global que cada vez mais, nas suas opiniões, tenderá a interligar–se fortemente.

É um passo no vazio, ainda. «Estamos no princípio do caminho», diz Petrov que assim entende as dúvidas «das pessoas que, no nosso país, não entendem completamente este processo». «Estamos à procura», confirma também Karpov. Noutro dia, um presidente de uma companhia portuguesa perguntou–lhe se tudo iria realmente melhorar. E Karpov respondeu–lhe:

- Não sabemos. Vamos ver.

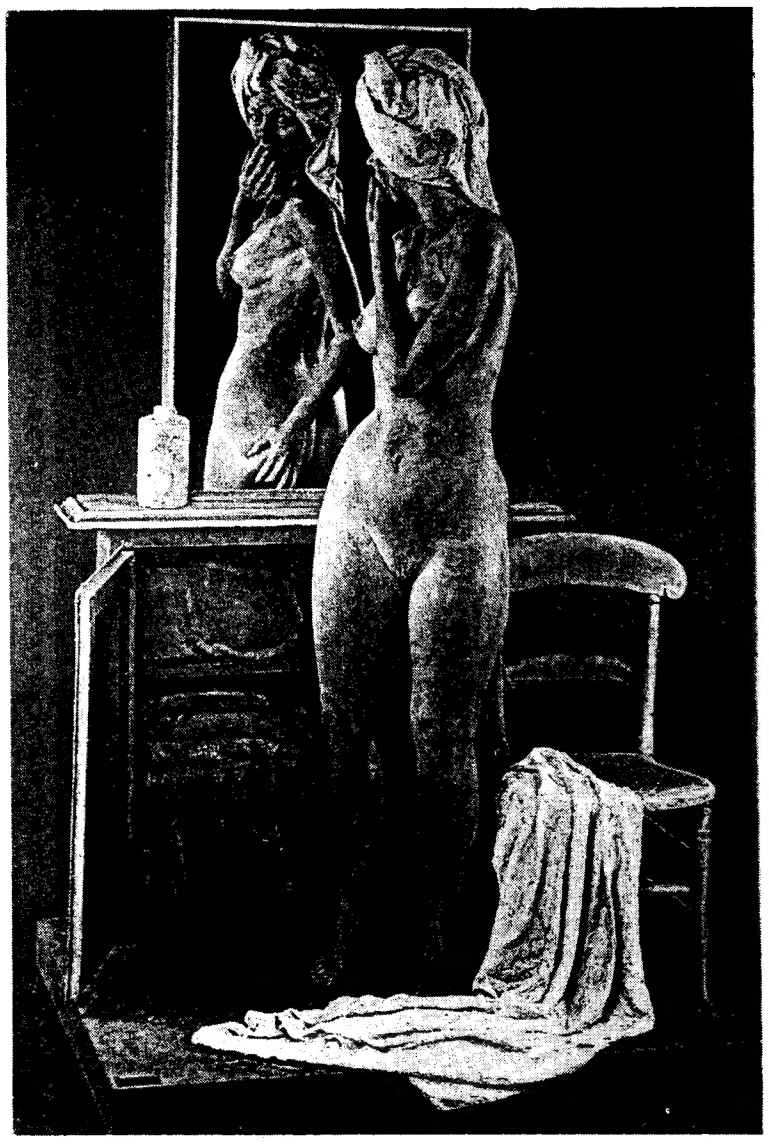
João Almeida

Monstros XXX

Chaké Matossian

Ferenczi e o regresso à admiração (ou a mulher como arquétipo do monstro)

René Descartes



Gordon Govier, «Mirror, mirror on the wall», 1980

COMEÇÁMOS a mostrar como Ferenczi esconde, sob o elogio que pretende fazer da mulher, uma apologia do homem. A mulher aparece como um ser fundamentalmente mais arcaico do que o homem, cujo carácter primitivo não consiste, de facto, senão numa grosseria que a cultura irá talhando pouco a pouco. A mulher, se parece refinada, revela-se, apesar disso, incapaz de aceder à cultura, de mudar o mundo, porque apenas se interessa pelo seu próprio corpo.

Ferenczi crê louvar a mulher quando lhe atribui o «senso comum» (1) oposto às leis rigorosas da lógica desenvolvidas pelo homem. Ora, que é o senso comum, o bom senso, se não um receptáculo de erros de que é preciso fazer tábua rasa, um lugar informe que é necessário enquadrar através do método, um elemento que não adquire valor se não através do trabalho?

Dizer que a mulher possui mais bom senso do que o homem equivale, do ponto de vista filosófico, a um insulto. Basta que nos reportemos a Descartes para disto nos convencermos. De facto, a famosa frase que inaugura o Discurso do Método: «O bom senso é a coisa melhor repartida do mundo: porque cada qual **pensa** ser dele tão bem provido...» (2) visa sobretudo indicar que esse bom senso não passa de ilusão e que, supondo que admitimos a sua existência, tal bom senso de nada vale sem o método. Ao fim e ao cabo, ele revelar-se-á, mesmo, prejudicial. O bom senso é um receptáculo muito primitivo, onde podem vir enxertar-se todas as espécies de pseudo-saberes, como demonstra Descartes na primeira parte do seu Discurso.

Assim, tal bom senso reenvia a uma pseudo-universalidade que se opõe à universalidade autêntica do Método (na medida em que este permite alcançar a verdade e a sáude). Entre a universalidade do início do Discurso e a da sexta parte, há uma distância percorrida — a que vai da opinião à filosofia. Eis a razão porque Descartes não quer, para seus juízes, senão aqueles que «junta o bom senso natural ao estudo»; e eis também porque se trata de um discurso que se opõe, enquanto tal, ao falatório e aos debates estéreis, às disputas de escola que visam o verosímil e não a verdade.

Mais sexista do que Descartes (que sabia, ele, que as mulheres podem aceder ao estudo sem serem, por isso, forçosamente nevrosadas), Ferenczi arruma as fêmeas do lado do bom senso, primitivo, sem valor, ilusão do saber.

No que toca à «sensibilidade (estética)» da mulher, quando Ferenczi a distingue da estética (criação viril), limita-se a retomar uma tradição muito típica do século XVIII. Hume, por exemplo, no seu «Of the Delicacy of Taste and Passion», de 1742, (3) distingue a delicadeza da paixão, próximo do temperamento hipersensível e portanto doente, da delicadeza do gosto, que depende de um trabalho, de uma ultrapassagem da paixão através do estudo, através da cultura. Mas é evidente que um laço une, originalmente, a delicadeza do gosto (adquirido) à da paixão (natural); e as mulheres seriam assim, para Hume, como que a impressão digital, o reflexo vivo, o rasto dessa origem.

Nelas, as paixões são mais delicadas, a sensibilidade exacerbada, o gosto mais subtil, sobretudo quando se trata de «roupagens, de equipamentos e das conveniências da conduta», ou ainda em todo o domínio do **parecer.**

Ferenczi conclui a sua frase dizendo que a mulher «faz pouco caso» das criações do homem (lógica, ética, estética), porque ela tem consciência do seu **valor íntimo**. Ora, não é esta uma maneira de roubar à mulher o único traço que lhe tinha sido concedido: a sensibilidade? Não será esta uma maneira de dizer que a mulher, mantendo-se centrada no seu **ego**, na sua intimidade, não pode, por isso, aceder ao Outro, mantendo-se necessariamente fora da sensibilidade na medida em que esta subtende a ética?

Ao pôr o acento tónico sobre o **valor íntimo** com que a mulher se satisfaz, Ferenczi nega, ao mesmo tempo, a sua sensibilidade e aproxima-se do seu contemporâneo Max Scheler, que estabelece uma diferença essencial entre a simpatia e o contágio afectivo. Enquanto a simpatia implica uma «**intenção** afectiva em relação à alegria ou ao sofrimento de outrem», pelo contrário, o contágio afectivo manifesta um comportamento gregário em que o indivíduo procura o seu próprio prazer.

Scheler toma, em dois diferentes momentos, as mulheres como exemplo do comportamento contagioso; o primeiro a propósito do riso: «o contágio do riso, ao qual sucumbem particularmente as crianças, e sobretudo as crianças do sexo feminino, menos sensíveis e tendo reacções mais fáceis...»; o segundo, a propósito do choro: «basta que numa sociedade de velhas uma comece a falar dos seus males para que as outras se ponham todas a soluçar». «Tudo isto nada tem que ver com a simpatia», porque as mulheres não se interessam senão por si próprias. Com efeito, a insensibilidade das meninas, face aos rapazes, reenvia à doença: «a insensibilidade observa-se frequentemente nos doentes (casos de melancolia, por exemplo) que são absorvidos pelos seus próprios sentimentos ao ponto de se tornarem incapazes de qualquer participação efectiva pelos sentimentos dos outros.»

Uma vez roubada a sensibilidade, que sobrará de positivo à mulher? Nada, a não ser o que Ferenczi tinha inicialmente admirado, a saber, a adaptação corporal da fêmea; isto explica a última frase do parágrafo com o estranho aparecimento do **no entanto**: «penso no entanto que a adaptação orgânica da mulher não merece menos a admiração do que a adaptação psicológica do homem». Tratar-se-á da mesma admiração? O autoplastismo da mulher ferencziana recorda singularmente o lugar platónico que «não pode morrer e fornece uma colocação a todos os objectos que nascem», essa **Khôra** tão difícil de cercar que «quase não se acredita nela», e de que nos apercebemos «como num sonho». A admiração de Ferenczi pela adaptabilidade orgânica da mulher diferencia-se da admiração pela criação viril. Ferenczi separa-as à maneira da **Enciclopédia** de Diderot, que distinguia a admiração do espanto e marcava, desse modo, o lugar do monstro.

Notas

1) Ferenczi, **Thalassa**

2) Descartes, **Discurso do Método** (1.ª e 6.ª partes)

3) Hume, **Ensaios Estéticos**: ver a nossa análise deste texto em «Volupté et Mélancolie», **Revista de Comunicação e Linguagens**, n.º 5, no prelo

4) Max Scheler, **Natureza e formas da simpatia.**

A crise em dia

Maioria pouco silenciosa

«O que este país precisava sei eu, era de outro Salazar.»

«Olhe, vizinha, naquela altura um foi o suficiente para endireitar isto. Agora um já não chegava, eram precisos três ou quatro.»

Oiço a conversa na mercearia e não digo nada, fico-me por uma mera legenda mental: **sem comentários.** E para quê? Para ficar «marcado» e passar a ser mal atendido? Não, obrigado.

Vou ao barbeiro e está lá um velhote com os dedos cheios de anéis a contar as suas glórias de quando era emigrante na África do Sul:

«Aquilo eu tinha montes de coisas boas. E comprei uma casa, mas com tudo do bom e do melhor. E com piscina e tudo...»

Tudo «do bom e do melhor»?... Fico um bocado na dúvida se estou ali à espera que me cortem o cabelo ou se estou em casa a ver o Cambalacho.

Depois entra outro indivíduo, e começa a emitir alto as suas mensagens ao país concentrado, em ténue alegoria, na barbearia:

«Aquilo a Assembleia não deixava o homem fazer nada. Não o deixavam governar. O que eles querem todos sei eu, é tacho. Ia lá e corria-os a todos a tiro, se fosse eu que mandasse.»

Também não abro a boca: para quê? Para ficar com o cabelo cortado à punk, não vá o barbeiro zangar-se por eu «falar em política»? Sim, porque:

«Eu de políticas não percebo nada. A minha política é comer e beber.»

Tive sorte, desta vez não ouvi que «a minha política é o trabalho». Sempre é uma variante.

«Pois. O homem estava a governar isto bem. Eles é que não o deixavam fazer. Só querem fazer política, é o que é.»

Pois é, reconheço, concordando que o homem merecia, de facto, ir para o Guiness: **o primeiro primeiro-ministro na história que não se mete em política.** Confere.

Apanho um táxi, vou muito bem sossegado e ao passar por S. Bento tem o motorista que desabafar:

«Cheira-me a cavalariça.»

Apanho o autocarro, e há sempre uma voz pronta, a remoer:

«Deviam era ir todos presos, que era para saberem como é.»

Mitifica-se o passado, já que não se pode mitificar o futuro:

«Dantes, com quinze tostões, comprava eu dois quilos de batatas, três quilos de fruta, meia-dúzia de ovos, quatro bifes do lombo, dezasseis pasteis de nata e vinte e quatro garrafas de cerveja.»

Constato que a memória é um aparelho sonotone avariado na orelha de um surdo convencido, que tem o ouvido de um Beethoven. E tem, de facto.

Chega a minha vez de desabafar também, qualquer coisa, qualquer coisa que seja. Conto os Salazares que diariamente oiço, serem pedidos. Consulto a história. Um amigo diz-me, em conversa de café (as tais que nós, intelectu-que-tais, usamos ter) que as maiorias sempre erraram, só que isso não pode ser dito. E é verdade que não pode ser dito. Eu detestaria ser detentor da verdade, dizer: «Eu sei.» Mas há quem diga, e eu tenho medo.

É este, portanto, o meu desabafo popular, público:

«Tenho medo. Tenho medo de qualquer dia ter medo.»

Rui Zink

Video 4

Fototrónica Paikiana

A pintura continua a dominar o espaço da apreciação do sensível apesar das vicissitudes e contestações que se lhe deparam em cada geração. O modelo, rejeitado ou adulado, reaparece a cada passo e, sobretudo, no momento da sua substituição. No caso que nos ocupa, a pintura constitui o primeiro «écran», no sentido em que qualquer projecção é nele que vem esbarrar.

Numa das primeiras declarações acerca da arte vídeo, Nam June Paik afirma que o tubo catódico é o novo substituto da tela, assimilando o vídeo a **um pincel electrónico.** A atitude de legitimação, na área de tal dispositivo, só pretende, ao fim e ao cabo, torná-lo sistemático ou dar-lhe a mesma estabilidade que o sistema pictural usufrui. Paradoxalmente, a arte vídeo, desde os seus primeiros momentos, ao contribuir à desmaterialização do objecto, recalcitra e reage à sistematização.

A problemática levantada pela constituição de uma estética vídeo está, por isso, condicionada pela participação activa da tecnotrónica. Todavia, urge situar tal (an-)estética, apesar, sobretudo, da ameaça catastrófica que paira sobre qualquer inovação permeável à tecnologia de ponta. Urge conceder-lhe, talvez, a perspectiva «ontológica» no sentido que Heidegger lhe atribui: situá-la de chofre numa dimensão diferente da que rege a dualidade ser-ente, sujeito-objecto. Porque invocar a dualidade corresponde a refazer o caminho, ou melhor, a encontrar de novo o impasse da «certeza» cartesiana, suscitar a ideia de «subjectividade» entre o ser e o ente, entre o sujeito e o objecto.

Uma outra cesura é exemplificada pela dicotomia espaço/tempo. E, se a pintura foi durante séculos considerada uma arte do espaço, a música é reconhecida como arte do tempo. Observe-se, por exemplo, que a maior parte das obras tratando da música, ao considerá-la a arte do tempo por excelência, não pronunciam a mínima reflexão crítica acerca do estatuto do tempo musical.

Quotidianamente assistimos ao devir objecto do elemento cronológico, somos curto-circuitados pela objectualização do tempo existencial. Tradicionalmente, diz Gilles Deleuze, e na perspectiva da evolução do tratamento da imagem cinematográfica, «o tempo como medida do movimento mantinha um sistema geral da comensurabilidade sob a dupla forma do intervalo e do todo» (1). Pelo contrário, a sociedade tecnológica aparece como um espelho do sujeito e o espelho nunca conseva imagens, daí o horror de Merleau-Ponty perante tal objecto ao apelidá-lo «Truc mécanique». O espelho esquece as imagens que nele (?) se formam, produz necessariamente *detritos instantâneos:* somos testemunhas oculares da ruína do tempo.

John Cage, aluno excepcionalmente consciencioso de Schönberg, segundo Daniel Charles, força até à pantonalidade a preocupação de fazer entoar a esfera completa do audível. O que vai nessa utopia realiza objectivamente a ruína da totalidade. E como poderia retorquir Gilles Deleuze: «o intervalo vale por si próprio».

Cage, nesse sentido, criticará os compositores ocidentais de produzirem *objectos temporais* e de não atingirem a estrutura fundamental do tempo. A sua produção tenderá a aproximar-se cada vez mais de uma música do gesto, exige que a música se torne acção, encaminha-se para uma concepção corporal do tempo.

O «medium» electrónico condiciona-nos à multiplicidade simultânea de percepções abrangendo, talvez, o sublime do espaço que o tempo é. Ora, nesse irrepresentável, Nam June reconhece a componente inerente à arte tecnotrónica: *o vídeo é tempo.*

De um «medium» ao outro, da pintura à música ou à arte-vídeo, tropeçamos numa problemática similar, cujo nó se exacerba verificando certas considerações, circunscrevendo territórios, apontando para contrastes que sem a presença das exigências de elementos puramente técnicos poderiam dificilmente conduzir a melhores explicitações. Paik intervém numa época em que não necessita de interrogar a relevância do sujeito ou o sentido da obra. Se a tecnologia é espelho, tratar-se-á de inverter a questão e interpretar o sujeito pela tecnologia, interrogar as imanências técnicas, circunscrever a horizontalidade circunstanciada na globalidade dos gestos, adequar o gesto a um estilo e na estilografia assim traçada, retrabalhar a redundância da repetição.

Pintura, fotografia, cinema movem-se na esfera de um «elemento» que as técnicas celebram diferentemente, propondo um espaço *misto* de temporalidades que constitui o advir do sujeito. Tecnicamente *o video é luz;* resulta do movimento da luz no dispositivo; é a gestão luminescente do dispositivo electrónico. A luz é-lhe congenital, auto-gestão do movimento genital, autogestão do movimento a velocidade da luz. Sem esta equivalência, Paik não poderia ter concebido a gestão do tempo, que é a manipulação da impossível *matéria fototrónica.*

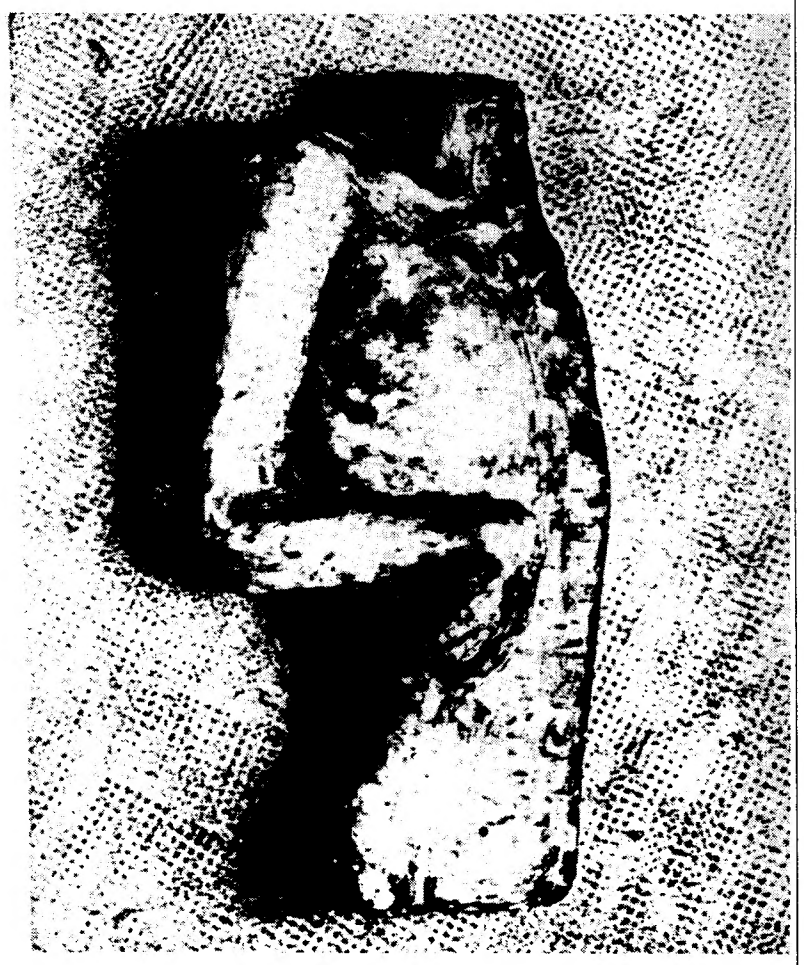
Rafael Godinho

(1) — **Gilles Deleuze, Image-Temps Paris, Minuit, 1985**

Fotografia 22 — Figuras do Espanto

As imagens de Charcot

Prancha da **Iconographie Photographique de la Salpêtriére** Tome II



Molde de gesso realizado «ao vivo» para o «Museu dos moldes» do Hospital da Salpêtriére em Paris

QUE Freud tenha podido referir-se a Morelli, crítico controverso mas irrefutável na maior parte das suas descobertas, não deveria espantar-nos. Que ele tenha assinalado o carácter inusitado dos seus procedimentos sem se coibir, por outro lado, de os apresentar como brilhantes nos seus efeitos de verdade também não. A novidade e a inconfutabilidade dos métodos e dos resultados de Morelli ofereciam, para além de uma eficácia comprovada, uma paisagem histórica nobre e como que sublimada pelo contacto electivo com as produções do génio artístico e ainda, um quadro epistemológico aliciante: demasiadas seduções, pensamos, muito para além dos limiares de resistência de um homem sempre pronto a justificar alguns a grandeza dos passos que ensaiava no interior dos seus próprios territórios. A ciência positiva, tal como a conheceram os melhores tempos de novecentos, longe de expulsar a arte para além dos seus limites não desdenhava, em certos casos, um recurso ao seu testemunho, sobretudo naquelas especialidades em que a racionalidade mais parecia debater-se com a ausência de pontos de referência objectiváveis capazes de funcionarem como garantias estáveis da permanência e da pertinência dos seus exercícios.

Assim, Charcot, por exemplo, com quem Freud estudara durante a sua estadia de juventude em Paris, empenhado numa empresa singular que *associava um saber da figuração à figuração de um saber*. Ocupado — e preocupado — com a delimitação nosológica da histeria enquanto entidade clínica definida, Charcot estava longe de confinar os seus talentos à sublime disciplina do diagnóstico ou à demiurgia magistral de que dava repetidamente provas na condução das suas lições.

Delírio das aparências manifestando-se de modo intermitente mas capaz, por isso mesmo e pelo polimorfismo dos seus sintomas aparentes, de reduzir o corpo histérico à condição de *virtualidade mórbida*, a histeria colocava problemas muito especiais. Problemas em que a sua identidade nosológica aparecia como estreitamente associada a um *saber da observação*, a uma *dramaturgia da apresentação do 'caso'* e, por último, *uma modalidade específica da representação*. Manifestada por um diverso de aparências, diversas na forma até aos limites aparentemente mais radicais da configuração do corpo humano, diversos na sua sucessão ou contiguidade no tempo, diversos ainda porque os sintomas actuais apenas podiam ser, na histeria, uma pequena parte dos sintomas possíveis, ela colocava directamente *o problema da suficiência da observação:* e esta, devendo encontrar o seu cumprimento na operação de um julgamento pelo qual se subsume esse diverso sob a unidade de um conceito empírico determinado, coloca indirectamente o problema da *figuração*.

Quer se tome em consideração o diagnóstico, termo predicativo de séries de procedimentos clínicos associando uma cogitação interrogativa a uma observação constatativa, quer ainda a docência (que Charcot assegurava mediante a apresentação — hoje dir-se-ia «ao vivo» — de pacientes histéricas), não pode ignorar-se a centralidade que em ambos assumia o problema da figuração: na verdade, a articulação destes dois domínios da experiência clínica de Charcot apenas se tornava possível na referência constante a uma *«forma figurante» capaz de funcionar como mediadora entre a singularidade do «caso» e a generalidade do «tipo»*. Representação mediadora que deveria ser capaz de consignar os tipos em formas tão delimitadas quanto estáveis, logo reconhecíveis, ser capaz de apreender-lhes as essências mais fugazes e equívocas para as encerrar no seu esquematismo figurante; ser capaz, por outro lado, de assegurar a equivalência das singularidades empiricamente assinaláveis no interior dos limites próprios do conceito, garantindo a visibilidade das manifestações e a legibilidade dos casos.

Nesse sentido, pode ajuizar-se do peso dos problemas da figuração e da figurabilidade da histeria pela consideração da importância que desde cedo assumiram no hospital parisiense da Salpêtriére toda uma série de meios de observação e registo entre os quais se contava, e numa posição de privilégio, a fotografia. Já em 1861, Pier Paolo Martinati escrevia, referindo-se à possibilidade fotográfica de uma «fiel representação dos tipos»: «Se este recurso era antes útil, tornou-se hoje necessário pelo imenso número de objectivos que se acrescentaram ao património da ciência; pela facilidade com que em algumas delas incautamente se procede à criação de novos géneros e espécies; pelo perigo preciosamente crescente de nos perdermos, sem a ajuda das pranchas (tavole), no labirinto das sinonímias, ou de sair dele com um fardo de erros: e ainda mais pela confusão em que o costume e a vaidade do novo ameaçam afogar a ciência«([1]). Indelevelmente inscrita neste excerto de Martinati, do qual não está ausente uma certa angústia, a coexistência de dois problemas distintos, mas intimamente associados, vem revelar-se como uma *tensão* ou como um *quase-paradoxo:* em primeiro lugar, a afirmação da importância de uma representação concreta, mas o mais próxima possível da generalidade abstracta do tipo que deve funcionar como o *correctivo figurante das operações taxinómicas;* em segundo lugar, a correcta representação dos tipos como termos de referência de todo um sistema de coordenadas para a decifração verdadeira da empirie, como, arriscar-nos-íamos a dizer, *encarnação do verdadeiro*. Seria preciso dizer que a representação, assim entendida na sua singularidade como elo figurante entre o empírico e o transcendental, é aqui vítima da sua própria singularidade, levada a subsistir numa situação de incontornável precaridade: pois a representação gráfica por meio de registo, de que nós somos mais do que nunca os entusiastas e de que o século XIX encetou a Idade do Ouro, pode bem aproximar-se do tipo pela semelhança e pela maior exactidão possível, ela não conseguirá nunca apresentá-lo (pois o tipo, que tipo, é o inapresentável por excelência); e com muito mais razão ainda se dirá de uma repesentação intestinamente constituída por uma operação de levantamento efectuado a partir do mundo, inevitavelmente atrelada à ganga empírica de situações determinadas. E esse talvez seja um dos grandes paradoxos da fotografia em relação ao tipo, ela é sempre mais particular do que geral, mais «natural» do que abstracta; em relação ao fenómeno, no entanto, forçoso é dizer que ela tende a ser mais geral do que particular, menos «natural» do que abstracta . . .

Ora, justamente, falar do registo fotográfico das crises de histeria como o instrumento de uma observação exacta, correspondente ao levantamento de um facto positivo inequívoco na sua apresentação visível, levar essa *fé perceptiva* suficientemente longe para poder afirmar entusiasticamente que «a placa fotográfica é a verdadeira retina do homem de ciência» (2), não deixa de colocar alguns problemas incómodos...antes pelo contrário. Ao nível fenomenológico mais imediato, a prática da fotografia na Salpêtriére (por Régnard e, depois, por Londe) não se distinguia em muito de uma outra prática que aí tinha lugar, a *obtenção de moldes em gesso* a partir das atitudes que os corpos dos pacientes assumiam durante as crises histéricas (prática aliás muito em voga durante grande parte do século XIX e princípios do século XX, estendendo-se à medicina legal, à antropologia criminal e à sinalética mortuária, por exemplo). A esse primeiro patamar fenomenológico, cuja consideração arrasta consigo um descentramento do pensamento da representação para uma enfatização dos problemas associados à sua *causa eficiente*, vem corresponder uma analogia dos funcionamentos semióticos mais elementares: molde e fotografia partilham o modo de ser característico de artefactos que significam aquilo que significam em virtude de decorrerem causalmente de uma situação de conexão dinâmica com os seus objectos, o que corresponde aqui a sublinhar os respectivos *estatutos indiciais*. Mas, por mais próximos que fotografia e molde possam estar neste ponto, eles separam-se inequivocamente ao nível dos seus empregos, o que deveria chamar-nos a atenção para o modo distinto pelo qual cada um deles cumpre essa tarefa delicada que é a atestação de uma presença.

O molde apresentava todas as vantagens para a restituição exacta e imediata das dimensões e dos volumes dos membros atacados de distúrbios mecânicos durante as crises de histeria (assim, por exemplo, os moldes reproduzindo as contracturas típicas dos braços e das mãos), e parece-nos que as limitações para o seu uso foram exclusivamente empíricas: pois dos seus objectos ele podia devolver as formas e sobretudo a figura, se quisermos entender esta como a *integridade inteligível de uma configuração de formas*, o que equivale a dizer que ele era capaz de ir tão longe quanto possível na aproximação do tipo e contudo ficar tão próximo quanto possível da apresentação natural dos fenómenos, dando-se como *representação manifestadora*. Mas, pela morosidade das suas operações e, sem dúvida, pelo facto de estas implicarem um contacto material efectivo com o corpo do paciente, o uso dos moldes circunscreveu-se (salvo raras excepções) a *operações de detalhe* ou, melhor, ao *detalhe operativo do corpo histerizado*. As operações fotográficas, permitindo um contacto à distância, favorecendo assim uma apreensão global das Cenas, puderam constituir o «medium» de eleição para a consignação em imagem dos tipos. Porque, antes de falar da fotografia como meio de observação e de registo objectivo do visível, convém lembrar que, se é verdade que a fotografia nunca deixou de proceder à constatação de presenças, também não o é menos que ela sempre procedeu à *ritualização das constatações (3)*.

Notas

(1) Pier Paolo Martinati, *Rapporto intorno alle fotografe paleontologiche del signor Maurizio Lotze*, Memorie dell'Academia d'agricoltura comércio ed arti di Verona, vol. XXXIX, 1861 p.275-281.

(2) A. Londe, assistente fotográfico de Charcot e director dos Serviços Fotográficos da Salpêtriére, responsável pelas admiráveis imagens da *Nouvelle Iconographie photographique de la Salpêtriére* publicou em 1986 um livro, *La photographie Médicale*, em que afirmava: «A placa fotográfica é a verdadeira retina do sábio...Em primeiro lugar ela destina-se a completar a observação, esse documento estabelecido pelo zelo do médico e que encerra todos os dados concernentes aos antecedentes e ao estado actual do doente. A fotografia, se ela não é sempre necessária, será pelo menos *de uma utilidade indiscutível quando as manifestações da doença se traduzem por deformações exteriores afectando o conjunto ou tal parte do indivíduo*. Pode mesmo dizer-se que uma simples prova falando aos olhos dirá mais do que uma descrição completa» (pp.546 e 650).

(3) Cf, o excelente livro de Georges Didi-Hubermann *L'invention de L'Hystérie*, Macula, Paris, 1982, p.64.Didi-Hubermann associa aqui este traço dos funcionamentos fotográficos com a *facticidade das fotografias*, o estatuto dúplice daquilo que é ao mesmo tempo e indissoluvelmente *de facto*, e *factício*.

Pedro Miguel Frade